

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação

**Entre disposições práticas e militantes: as trajetórias de jovens jornalistas
gaúchos e suas relações com o campo jornalístico**

Estevan de Freitas Garcia

Pelotas, 2020

Estevan de Freitas Garcia

Entre disposições práticas e militantes: as trajetórias de jovens jornalistas gaúchos e suas relações com o campo jornalístico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Alcides Robertt Niz

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G216e Garcia, Estevan de Freitas

Entre disposições práticas e militantes : as trajetórias de jovens jornalistas gaúchos e suas relações com o campo jornalístico / Estevan de Freitas Garcia ; Pedro Alcides Robertt Niz, orientador. — Pelotas, 2020.

168 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Jornalismo. 2. Jornalistas. 3. Disposições. 4. Campo jornalístico. 5. Rio grande do Sul (RS). I. Niz, Pedro Alcides Robertt, orient. II. Título.

CDD : 070

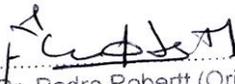
ESTEVAN DE FREITAS GARCIA

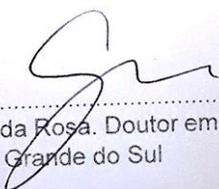
ENTRE DISPOSIÇÕES PRÁTICAS E MILITANTES: AS TRAJETÓRIAS DE JOVENS
JORNALISTAS GAÚCHOS E SUAS RELAÇÕES COM O CAMPO JORNALÍSTICO

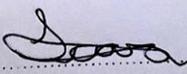
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 28 de fevereiro de 2019.

Banca examinadora:


.....
Prof. Dr. Pedro Robertt (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul.


.....
Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa. Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul


.....
Prof. Dr. Icaro Gabriel da Fonseca Engler. Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

Dedico este trabalho à minha avó, Adelia Freitas.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Elen Freitas, por todo apoio emocional e financeiro.

Agradeço à minha namorada, Mariana Argoud Dias, por todo carinho, compreensão e auxílio ao longo desse trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Pedro Robertt, por todo suporte ao longo dessa jornada no mestrado.

Agradeço às bancas de qualificação e de defesa, através dos professores Ícaro Engler, Fábio Cruz e Guilherme da Rosa, por aceitarem contribuir com esta dissertação e, conseqüentemente, com a minha caminhada científica.

Agradeço aos meus entrevistados, por cederam seu tempo para que este trabalho pudesse ser realizado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo incentivo à ciência. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES - Código de Financiamento 001.

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, por oferecer um ensino público e de qualidade, que foi de suma importância na realização da minha graduação e da minha pós-graduação.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS-UFPel), por trazer algumas das bases para o meu desenvolvimento pessoal e científico. Em especial, agradeço à coordenação, representada pela Prof Dr^a Elaine Leite, pelo apoio e compreensão.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de grupo de pesquisa, Arthur Pires e Fábio Cruz, pela parceria ao longo desse processo.

Agradeço aos meus amigos, Marlon Campos e Rafaella Ghisleni, pelo auxílio emocional e pela amizade, que foram muito importantes nesses dois anos.

Agradeço às colegas de mestrado Ana, Fernanda e Mara, por tornarem essa caminhada mais leve.

Muito obrigado!

*“Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”
(Belchior)*

RESUMO

GARCIA, Estevan de Freitas. **Entre disposições práticas e militantes:** as trajetórias de jovens jornalistas gaúchos e suas relações com o campo jornalístico. Orientador: Pedro Alcides Robertt Niz. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

A presente pesquisa buscou descobrir se existem diferentes disposições entre jovens jornalistas gaúchos e como essas se relacionam com as características do campo jornalístico. Para isso, damos início a este estudo discutindo a mídia brasileira e gaúcha a partir de uma perspectiva histórica. Na sequência, abordamos a regulamentação da profissão de jornalista no Brasil e analisamos alguns dados sobre os jornalistas brasileiros (número de registrados, gênero, cor, formação, funções dos profissionais, entre outros). No capítulo teórico, apresentamos em duas partes as perspectivas teóricas adotadas – a teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, e a teoria do ator plural, de Bernard Lahire. Na continuação, se explica a metodologia utilizada na pesquisa. As análises se dividiram em duas partes: primeiro apresentamos as características do campo jornalístico, a partir da aplicação da teoria dos campos e, em seguida, as biografias dos jovens jornalistas estudados, seguidas de interpretações sobre suas construções disposicionais. Por último, apresentamos as considerações finais de pesquisa. Como principal resultado da pesquisa, surge um melhor enquadramento na mídia tradicional daqueles jornalistas que demonstram maiores disposições práticas, em contraposição aos jornalistas que possuem disposições críticas, para o conflito e para militância política.

Palavras-chave: jornalismo; jornalistas; disposições; campo; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

GARCIA, Estevan de Freitas. **Between practical and political militant dispositions:** the trajectories of young journalists from Rio Grande do Sul and their relations with the journalistic field. Advisor: Pedro Alcides Robertt Niz. 2020. 185 f. Dissertation (Masters in Sociology) – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

This research sought to find out if there are different dispositions among young journalists from Rio Grande do Sul and how they relate to the journalistic field's characteristics. So, we begin this study by discussing the media from Brazil and Rio Grande do Sul from a historical perspective. After that, we approached the regulation of the profession of journalist in Brazil and analyzed some data about Brazilian journalists (number of registered professionals, gender, skin colour, training, professional functions, among others). In the theoretical chapter, we present the theoretical perspectives adopted in two parts - Pierre Bourdieu's theory of fields and Bernard Lahire's theory of the plural actor. Following, we explain the methodology used in the research. We divided the analysis into two parts: first we present the characteristics of the journalistic field, from the application of the theory of the fields and then, the biographies of the young journalists studied, followed by interpretations of their dispositional constructions. Finally, the final research considerations are presented. As the main result of the research, there is a better fit in the field of traditional media for those journalists who demonstrate greater practical dispositions, in contrast to journalists who have critical dispositions, for conflict and for political militancy.

Keywords: Journalism; journalists; disposition; field; Rio Grande do Sul.

Lista de Tabelas

Tabela 1	Perguntas realizadas na segunda parte das entrevistas	76
Tabela 2	Os oligopólios da mídia brasileira	90
Tabela 3	Tabela disposicional e de carreira dos entrevistados	157

Sumário

1. Introdução.....	12
2. Evidenciando o objeto: O jornalismo brasileiro e gaúcho através da história.....	16
2.1. A mídia brasileira desde os anos 1950: origens e evolução do jornalismo atual.....	16
2.2. O desenvolvimento do jornalismo gaúcho moderno.....	28
2.2.1. Os conglomerados da mídia gaúcha: a disputa dos gigantes.....	35
2.3. A regulamentação da profissão de jornalista no Brasil: do início da discussão até a decisão vigente.....	42
2.4. Os jornalistas brasileiros: Quem são e o que fazem?.....	46
3. Quadro teórico: da teoria dos campos a do ator plural.....	53
3.1. O conceito de campo de Pierre Bourdieu.....	53
3.2. Bernard Lahire e a tradição disposicionalista.....	56
3.2.1. O fruto da crítica: a teoria do ator plural.....	62
4. Metodologia.....	70
4.1. As entrevistas exploratórias.....	73
4.2. As demais entrevistas.....	76
5. A construção das características do campo jornalístico contemporâneo...	81
5.1. A especialização dos membros do campo.....	81
5.2. As influências entre os campos.....	82
5.3. A hierarquia no campo – as posições e as “moedas” mais valorizadas.....	85
5.4. A ideologia e a falácia da isenção na mídia.....	87
5.5. Os oligopólios de mídia.....	90
5.6. A mídia alternativa ou contra-hegemônica.....	92
6. As biografias.....	95
6.1. Raquel: jornalista e militante.....	95
6.1.1. Análise.....	108
6.2. Daniel: um autêntico “trabalhador”.....	113
6.2.1. Análise.....	127

6.3. Francisco: ideologia e jornalismo.....	129
6.3.1. Análise.....	141
6.4. Felipe: um jornalista prático.....	143
6.4.1. Análise.....	151
6.5. A soma das peças: semelhanças e diferenças entre os atores.....	154
7. Considerações finais.....	159
Referências.....	164

1. Introdução

No desenvolvimento das sociedades modernas, o jornalismo, a cada dia mais, foi mostrando sua relevância e poder. É através dele que, em sociedades democráticas, os indivíduos podem se informar sobre as ações dos governantes para melhor planejar a decisão do seu voto em tempos de eleição, por exemplo. No entanto, por se tratar de algo feito por sujeitos – incluídos em uma sociedade capitalista, que passaram por uma série de experiências socializadoras e, por consequência, adquiriram visões de mundo, formas de agir e pensar – constroem também um olhar político e ideológico e até defendem certos interesses. Além disso, como forma de se adaptar ao mundo, “agradar os olhos” e chamar a atenção dos receptores, o jornalismo foi desenvolvendo uma série de estratégias e métodos de execução das suas produções. A ética nessas práticas, bem como uma série de outras características que foram sendo desenvolvidas pelo jornalismo ao longo dos anos, no entanto, podem ser vistas como alvo de discussão e acaba, muitas vezes, despertando o amor ou o ódio dos profissionais da área e dos espectadores.

O que se pretende problematizar, neste estudo, é que os profissionais que praticam o jornalismo na mídia podem acabar tendo que se submeter às características do próprio campo. No entanto, como possuem socializações diferentes, acabam respondendo a essa situação de formas diversas. Desse modo, aqui se encontra o nosso problema principal de pesquisa: descobrir se existem diferentes disposições entre jovens jornalistas gaúchos e como essas se relacionam com as características do campo jornalístico.

Nosso objetivo geral, em consonância com o problema de pesquisa, gira em torno de compreender de que forma as disposições dos jovens jornalistas gaúchos se relacionam com as características e exigências do campo jornalístico. Para isso, encontramos a necessidade de passar por alguns passos, entre eles, compreender as características e exigências do campo jornalístico, identificar tanto as disposições de diferentes jovens jornalistas gaúchos quanto seu posicionamento sobre o campo jornalístico e, por fim, compreender porque – conforme suas disposições – os jornalistas se posicionam de tal forma.

A escolha do tema a ser aqui pesquisado ocorreu, em um primeiro momento, devido a um incômodo pessoal com o campo jornalístico. O jornalismo, desde que toma formato de empresa, de venda de notícia, tratando o receptor como consumidor, assume características que podem acabar demandando questões de “postura” do profissional da área. Muitas dessas questões impostas podem ser consideradas problemáticas, uma vez que mexem com questões morais e com crenças, por exemplo. Acreditamos que essas imposições podem acabar por frustrar muitos profissionais da área, e que, dessa forma, essas relações devem ser estudadas para serem melhor compreendidas. Optou-se por jornalistas jovens devido ao fato de terem mais “frescas” as disposições criadas antes da entrada no campo. Dessa forma, avaliamos que o choque dever ser maior que o daqueles que já incorporaram, há mais tempo, os valores da profissão. Além disso, nenhum dos trabalhos científicos que tratam de assuntos similares a este o fazem em uma escala individual (como o faremos aqui), trazendo a trajetória desses atores dentro e fora dos jornais com a finalidade de explicar seus posicionamentos sobre o jornalismo.

Dessa forma, dividimos o trabalho em seis partes: no primeiro capítulo, trataremos, através de uma perspectiva histórica, considerações sobre a mídia brasileira a partir dos anos 1950 e, na sequência, sobre o jornalismo gaúcho. Essa parte do trabalho serve para que possamos identificar, ao longo do tempo, o surgimento de algumas características da imprensa atual, tais como a subordinação ao comercial, o ocultamento de opiniões, a formação dos oligopólios de mídia, entre outras. Dando seguimento, analisaremos o tema da regulamentação da profissão de jornalista no Brasil e trataremos alguns dados sobre os jornalistas brasileiros.

A perspectiva teórica adotada será apresentada no segundo capítulo. Damos início trabalhando o conceito de campo de Pierre Bourdieu, o qual nos serve como base para poder construir conceitualmente o campo jornalístico e ressaltar suas características. A seguir, abordamos a tradição disposicionalista, a qual serve para compreendermos as bases de sustentação da teoria do ator plural, de Bernard Lahire (a ser trabalhada logo na sequência), base principal do estudo.

O capítulo metodológico vem após o teórico, uma vez que existe uma ampla ligação entre eles. Nele, explicaremos como a pesquisa foi executada: a forma como aplicamos a teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, e a teoria do ator plural, de Bernard Lahire. Enquanto na primeira parte trabalhamos através de uma série de pesquisas científicas que tratam do campo, acrescentando trechos das entrevistas que contribuíram nessa compreensão, na segunda parte traremos, passo a passo, a forma como aplicamos as entrevistas e construímos as biografias dos jovens jornalistas.

Adentrando nas análises, no capítulo quatro, apresentaremos algumas das características do campo jornalístico, as quais dividimos em “A especialização dos membros do campo”, “As influências entre os campos”, “A hierarquia no campo – as posições e as ‘moedas’ mais valorizadas”, “A ideologia e a falácia da isenção na mídia”, “Os oligopólios de mídia” e “A mídia alternativa ou contra-hegemônica”. Já no quinto capítulo, apresentaremos as biografias construídas de quatro jornalistas (Raquel, Daniel, Francisco e Felipe), através de suas formações disposicionais. Apresentaremos, também, uma análise comparativa das biografias dos atores, cotejando semelhanças e diferenças.

Na sequência, explicitaremos as nossas considerações finais, considerando o ponto de vista teórico de partida, a metodologia utilizada, a pesquisa realizada e os resultados obtidos.

Trabalhamos, desde o início, com as hipóteses gerais de que dependendo das disposições de cada jornalista, ao se depararem com as problemáticas do campo (como ideológicas, de interesses comerciais e de práticas eticamente discutíveis, entre outras) – que adquirem diferentes tonalidades nas empresas da mídia tradicional e na mídia alternativa –, acabariam tendo diferentes respostas em termos de tomadas de posição. Alguns, os quais possuem disposições menos críticas às exigidas pelo campo, acabam

aceitando as regras e se mantém na profissão e nas empresas, absorvendo suas leis com naturalidade. Outros, com disposições que se enquadram menos às exigidas, se mantém no campo mesmo não concordando com suas regras, lidando diariamente com esse confronto. Outro grupo, de posição conflitante com as exigências do campo, acaba procurando jornais ou empresas que possuem ideias mais parecidas com as suas e que, dessa forma, não exigem que se abra mão de seus posicionamentos. Outros, ainda, também com disposições mais conflitantes, tomam outros rumos, procurando diferentes profissões, seguindo para outras áreas.

2. Evidenciando o objeto: O jornalismo brasileiro e gaúcho através da história.

No início do trabalho, trazemos, aqui, um histórico do jornalismo brasileiro desde os anos 50, salientando uma série de pontos que se tornam relevantes para a pesquisa. Para compor esse panorama histórico, nos baseamos, principalmente, nas obras seguintes: “A modernidade da imprensa” (2002), de Alzira Alves de Abreu e “História do Jornalismo no Brasil” (2007), de Richard Romancini e Cláudia Lago (2007). Na sequência, abordamos o jornalismo gaúcho, a partir de uma perspectiva histórica, baseando-nos em “Tendências do jornalismo” (1998), de Francisco Ricardo Rüdiger. Trata-se de mostrar as origens de algumas características do jornalismo contemporâneo que serão exploradas com mais profundidade no decorrer do trabalho. Dando continuidade, abordamos a regulamentação da profissão de jornalista, a partir de “Ser jornalista no Brasil” (2013), de Fernanda Lima Lopes e “O jornalismo como profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul” (2007) de Fernanda Rios Petrarca, e, finalizamos este capítulo realizando alguns apontamentos sobre quem são esses jornalistas atualmente, com base no projeto de pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”, coordenado por Jacques Mick.

2.1. A mídia brasileira desde os anos 1950: origens e evolução do jornalismo atual

Em diversas formas de sociedade, historicamente, desde as mais simples às mais complexas, o ser humano produziu o intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico. Esses intercâmbios, ao longo do tempo, se deram das mais diversas formas

e sempre foram pontos centrais na vida social, desde a comunicação gestual, passando pela fala, até as formas de comunicação de massa e as mais tecnológicas formas de compartilhamento de informações (THOMPSON, 2014).

Nas sociedades modernas, com o aumento do número de pessoas vivendo em cidades, bem como o aumento do seu espaço territorial, o papel da comunicação feito através de veículos jornalísticos tem se tornado relevante. Seria impossível para cada indivíduo presenciar todos os fatos ocorridos na sociedade. Dessa forma, o jornalismo passa a exercer a função de informar os fatos que não presenciamos e que são de interesse público.

A comunicação de massa pressupõe a urbanização massiva, fenômeno que ocorre em especial ao longo do século XIX, graças a segunda Revolução Industrial, dificultando ou mesmo impedindo que as pessoas possam se comunicar diretamente entre si ou atingir a todo e qualquer tipo de informação de maneira pessoal, passando a depender de intermediários para tal. Esses intermediários tanto implicam pessoas que desenvolvam ações de buscar a informação, tratá-la e veiculá-la – os jornalistas – quanto de tecnologias através das quais se distribuem essas informações. (HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001, p. 63)

No Brasil, antes dos anos 1950, eram o rádio e o jornal impresso que desempenhavam esse papel. A televisão apenas dava seus primeiros passos – a primeira emissora de TV Brasileira, a TV Tupi¹, foi inaugurada em setembro de 1950, enquanto o noticiário mais famoso, o Repórter Esso, só estreou em 1953 e os grandes jornais impressos eram pouquíssimos e se encontravam centralizados no Rio de Janeiro e em São Paulo (ABREU, 2002). A imprensa, durante essa época, se sustentava, basicamente, por meio do apoio estatal – através de financiamentos dos bancos oficiais, isenções fiscais, publicidade governamental e concessões dos canais, no caso do rádio e da TV –, de pequenos anúncios populares (os classificados) e da publicidade de lojas comerciais.

Foi a partir da segunda gestão do governo de Getúlio Vargas (1950-1954), e no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) que a industrialização no Brasil deslançou e foram criadas as primeiras grandes agências de publicidade. Abreu (2002, p. 9) afirma que “era preciso, agora, anunciar produtos alimentícios e agrícolas. Em pouco tempo, os jornais passaram a obter 80% de sua receita dos anúncios”. Os

¹De Assis Chateaubriand.

valores pagos pelo anúncio eram tabelados por espaço em jornal impresso e por tempo na rádio e na televisão. Com o avanço do desenvolvimento industrial, o jornalismo se tornou menos dependente do poder público. Esses anúncios também desencadearam uma maior preocupação dos jornalistas quanto à circulação de seus jornais, uma vez que as agências encaminhavam os anúncios das empresas para os meios de comunicação com mais leitores, ouvintes ou telespectadores.

Uma das principais características do jornalismo dos anos 1950 era seu forte vínculo com a política. Os debates entre os principais partidos da época – o Partido Social Democrata (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN) – eram amplamente divulgados pelos jornais que, muitas vezes, apoiavam determinado lado. O caso relativo ao suicídio de Getúlio Vargas demonstra o posicionamento político de determinados jornais da época: “Quando, por exemplo, Getúlio Vargas se suicidou, em 24 de agosto de 1954, a Última Hora, foi o único jornal que circulou no Rio de Janeiro. Os demais foram impedidos pelo povo, que chegou a atacar as sedes da Tribuna da Imprensa e de O Globo, opositores do presidente morto” (ABREU, 2002, p. 12). Esse jornalismo combativo, crítico e de opinião convivia com o jornalismo popular, que focava seu trabalho nos *fait divers*², nas crônicas e nos boletins.

Até esse momento, o jornalismo brasileiro encontrava suas bases no seu homônimo francês, possuindo as características citadas até aqui. A partir de então, por meio de um processo lento e gradativo, esse quadro mudaria passando a se basear no jornalismo norte-americano, o qual privilegia a informação e a notícia e separa a opinião e os comentários pessoais (ABREU, 2002).

Durante os anos 1960, destaca-se o apoio da imprensa ao golpe de 1964, principalmente dos meios de maior circulação: “Entre outros setores, principalmente empresariais, a imprensa de maior prestígio e circulação foi um dos suportes estratégicos do movimento que derrubou o regime constitucional” (ABREU, 2002, p.13). Isso se deu porque a maioria dos proprietários dos jornais fazia oposição ao governo de João Goulart (ROMANCINI e LAGO, 2007), concordava com as ideias do liberalismo

²Termo introduzido por Roland Barthes, em 1964, que significa fatos diversos. Essas notícias tratam de escândalos, curiosidades e fatos considerados inexplicáveis e excepcionais.

econômico e se identificava com a UDN – partido que, junto aos militares, conspirou para a deposição do então presidente. De acordo com Abreu (2002, p. 13):

Udenista era a família Mesquita, proprietária de O Estado de São Paulo, assim como Roberto Marinho, dono de O Globo. Herbert Lavy, proprietário da Gazeta Mercantil, jornal que ganharia importância nos anos 70, tinha sido um dos fundadores da UDN em 1945 e foi um dos articuladores do movimento golpista de 1964. (ABREU, 2002, p. 13)

Assim, antes do golpe militar, esses grandes jornais alertavam a população sobre o perigo do estatismo na economia e sobre as restrições propostas para o capital estrangeiro que, conforme esses jornais, impediriam o país de avançar rumo à industrialização. Além disso, era frisado o “perigo comunista” - que fez com que os empresários preferissem os militares no poder à “subversão” do regime de esquerda. Os jornais que destoaram dessa narrativa foram poucos. Entre eles, estava o jornal Última Hora, que apoiava as reformas de base propostas por Goulart bem como as reivindicações dos sindicatos e dos movimentos de setores políticos de esquerda.

No entanto, depois dos militares chegarem ao poder e ter início o período de repressão, de prisão de opositores e de censura à imprensa, a mídia começou, pouco a pouco, a se distanciar do governo e a denunciar os atos cometidos. Isso, é claro, no período de menor intensidade desses atos. Com o Ato Institucional nº 5 (AI 5), em dezembro de 1968, foi iniciado um processo de censura prévia e de autocensura dos meios de comunicação. A primeira se dava, conforme Romancini e Lago (2007) por meio de censores que tinham acesso a todo o material que seria publicado, dentro do jornal no qual era produzido. Esses funcionários do regime militar vetavam ou liberavam, muitas vezes com restrições (retirando palavras, frases ou parágrafos), os textos jornalísticos. Já a autocensura era resultado de comunicados do governo apontando quais temas tinham divulgação proibida. A partir daí, “cabia aos jornalistas suprimir estes temas de pauta de assuntos públicos, sob risco de represálias” (ROMANCINI E LAGO, 2007, p.131). Nesse contexto, alguns jornais foram invadidos e fechados pelos órgãos de repressão e os demais passaram a ter que colocar suas matérias a prova dos órgãos de fiscalização para que fossem publicadas.

Com a censura, a imprensa passa a criar uma série de artifícios para denunciar o ataque ao jornalismo, como foi o caso do O Estado de São Paulo e da revista Veja:

“Nos espaços das matérias que haviam sido proibidas, alguns jornais e revistas publicavam receitas culinárias absurdas ou poemas, como fez O Estado de S. Paulo. Outras vezes, deixavam os espaços em branco ou os preenchiam com figuras de demônios, como fez a Veja” (ABREU, 2002, p. 15).

Destaca-se, como outra característica do período, o fato de que os governos militares financiaram a modernização da imprensa, pelo fato de que a mídia os serviria num projeto ligado à ideologia da segurança nacional através da integração do país: “A implantação de um sistema de informação capaz de ‘integrar’ o país era essencial dentro de um projeto em que o Estado era entendido como o centro irradiador de todas as atividades fundamentais em termos políticos” (ABREU, 2002, p. 15). Dessa forma, foi criada, em 1965, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) e o Ministério de Comunicações e, em 1972, a Telebrás, Telecomunicações Brasileiras S/A (empresa responsável pela coordenação dos serviços de telecomunicações em todo o território nacional).

Apesar de a TV ter nascido no Brasil ainda na década de 1950, foi na década de 1970 que ela se tornaria um veículo de comunicação de massa. Com as primeiras emissoras (TV Tupi e TV Rio, por exemplo), a televisão tinha uma circulação muito restrita. Foi a TV Globo que alterou o padrão da televisão no Brasil. A partir do seu surgimento, em 1965, começou uma maior profissionalização e competitividade, além de uma grande modificação nos conteúdos veiculados. Esse desenvolvimento da televisão acarretou, também, uma série de mudanças culturais, referentes a comportamentos e impactando até no vocabulário do público (ABREU, 2002).

Foi também devido aos altos investimentos do governo militar que surgiram os oligopólios da mídia brasileira. Tal situação se deve ao fato de que o governo militar valorizava muito a eficiência técnica e gerencial da mídia à qual destinava sua publicidade e, dessa forma, acabava destinando mais verba para os jornais que tinham maior circulação. O grande incentivo a um número limitado de empresas acabou gerando, também, o fechamento de vários jornais.

O chamado “milagre econômico³”, ocorrido durante o período da Ditadura Militar, também influenciou para os investimentos em mídia. Isso se deu porque a forte divulgação desse “milagre” pelos jornais poderia funcionar como uma forma de legitimação dos governos militares. Foi assim que muitos jornais modernizaram suas sedes e compraram uma série de equipamentos. Também nessa época – e também devido às mudanças na economia - surgiu o jornalismo econômico no Brasil.

As revistas passaram por uma série de transformações durante o regime militar. Com o desenvolvimento da televisão, as revistas tiveram que buscar novos formatos jornalísticos. A televisão tinha a proposta de velocidade de informação. As revistas que se mantiveram com essa mesma proposta, com baixa densidade de informação já característica da TV, acabaram por ser prejudicadas. No entanto, as que se reformularam, com a proposta de complementar e aprofundar as informações já transmitidas pelos noticiários diários, com interpretações, por exemplo, acabaram sobrevivendo.

Ainda conforme Abreu (2002), a imprensa alternativa cumpriu um importante papel durante os anos mais críticos de repressão militar. Romancini e Lago (2007, p.140) apontam para a existência de cerca de 105 publicações de oposição ao regime militar, com estruturas organizacionais modestas e com formas diferenciadas de praticar o jornalismo. No entanto, foi principalmente por meio de jornais como “O Pasquim”, “Opinião”, “Movimento”, “Em Tempo”, “Coojornal”, “Versus”, entre outros, que jornalistas, intelectuais e ex-militantes criaram um forte espaço de resistência. Alguns desses jornais eram vendidos em bancas e outros circulavam entre membros de partidos ou de organizações de esquerda.

É importante tratar, ainda durante o período da ditadura, da regulamentação da profissão de jornalista, ocorrida em 1969, através da promulgação do Decreto-Lei nº 972, que tornava obrigatório o diploma de jornalismo ou comunicação para exercer a profissão. Quem já desempenhava a função, mesmo sem formação, pôde obter o registro de jornalista

³Nesse período, o Brasil passou por um forte crescimento econômico, com um processo de verticalização da indústria e a um aumento considerável da produção de bens duráveis (ABREU, 2002).

Já no período de começo de abertura do regime militar, ainda no governo Geisel (1974 – 1979), dois fatos foram decisivos para que a imprensa começasse a agir em prol da volta do regime democrático. O primeiro deles foi a morte do jornalista Wladimir Herzog⁴, em 1975, nas dependências do II Exército, em São Paulo. O segundo foi a morte de Manuel Fiel Filho⁵. Após esses dois episódios, teve início uma série de manifestações da classe média e da Igreja, que sinalizavam que se oporiam fortemente a mais mortes daquele tipo (ROMANCINI E LAGO, 2007).

Depois disso, tanto a censura explícita quanto a autocensura foram amenizadas e se tornou comum a divulgação de informações por atores centrais do governo, porém com a característica de não serem citadas como fontes (informações em *off*). Nesse período, também, devido à desaceleração do ritmo de crescimento econômico, começaram a ser divulgadas na mídia matérias tratando de desemprego, pobreza e distribuição de renda, verificando-se também, cada vez mais espaço para políticos de oposição e líderes sindicais (ABREU, 2002, p. 27).

Apesar do AI 5 ter sido revogado ainda por Geisel, em 1978, foi somente após o regime militar, no primeiro governo civil, com a promulgação da Constituição de 1988, que foi garantido o direito de livre expressão da imprensa brasileira.

Os avanços tecnológicos, as novas possibilidades de impressão, de registro audiovisual, além da difusão da informática, a partir dos anos 1980, afetaram profundamente o jornalismo. As empresas utilizavam esses avanços tecnológicos com o fim de tornar mais barata sua produção e aumentar o lucro, trazendo mais público e, logo, mais anunciantes (ROMANCINI E LAGO, 2007). Foi nessa época, conforme Abreu (2002), que começou a se pensar o importante papel do *marketing* para o jornalismo. Começaram a ser feitos estudos mercadológicos e a ser cada vez mais utilizadas medidas estratégicas para conquistar o público. É assim que o jornal começou a ser visto como “produto”, e o público como “cliente”: Assim, a “partir das características desse público, de suas expectativas, de seus gostos e valores, passou-se a definir o conteúdo, a linguagem e a apresentação daquilo que lhe era oferecido” (ABREU, 2002,

4Diretor de telejornalismo da TV Cultura, compareceu ao Doi-Codi para depôr sobre acusações de envolvimento com o Partido Comunista do Brasil (PCB), sendo preso e, conforme a versão oficial, encontrado morto na cela.

5Operário, também “encontrado” morto na sua cela.

p. 29). Foi criada, dessa forma, uma estreita relação entre as exigências mercadológicas e a produção midiática.

Atendendo a essas exigências, começou-se a fazer textos mais curtos, de menor profundidade, de mais rápida leitura, e a aumentar o número de imagens, com um estilo de texto mais impessoal. Além disso, nesse mesmo contexto, a imprensa começa a explorar histórias dramáticas, escândalos, acidentes e crimes⁶. No entanto, conforme Abreu (2002), essa prática não agradava a todos os jornalistas. Teve início, também, a distribuição de brindes e a realização de sorteios com prêmios, a fim de agradar o público e adquirir mais consumidores.

É importante destacar que a relação entre os jornalistas e o marketing nem sempre é amigável. Isso ocorre devido ao fato de que o setor de marketing por vezes acaba por impor regras, as quais acabam impedindo o profissional jornalista de trabalhar criativamente⁷ devido à imposição dos interesses comerciais.

Nesse período pós-ditadura, devido à informatização das redações e, por isso, à rapidez de execução das tarefas, muito mudou na estrutura de produção jornalística. Um dos pontos a serem destacados é relativo ao trabalho sob pressão, o qual começa a ser imposto por outro setor: “Antes, o jornal estava pronto para rodar quando o editor dizia ‘pode fechar’. Hoje, o jornal fecha muito mais cedo, e quem exige isso é outra instância: o comercial⁸” (ABRE, 2002, p.34). Além disso, a quantidade de trabalho aumentou. Além de preparar as notícias, em muitos jornais (sejam eles impressos, televisivos ou radiofônicos), os jornalistas passam a ser responsáveis por diagramar, editar, indicar gráficos, fotos, etc. Outra característica que é indicada por Romancini e Lago (2007) – e que vem se estendendo até os dias atuais – é a redução de pessoas na redação, fazendo com que o jornalista, muitas vezes, tenha que fazer mais de uma matéria ao mesmo tempo.

Nesse processo rápido e ágil, o controle da qualidade se torna difícil. Esses são, em geral, os argumentos utilizados para mostrar como caiu a qualidade das matérias veiculadas hoje em dia.

Na verdade, são a competitividade entre vários tipos de mídia e a disputa pelo mercado as responsáveis pelo comportamento dos jornalistas na atualidade. A concorrência obrigou-os a uma postura menos política e menos ideológica

⁶O chamado sensacionalismo, que será tratado mais a frente, na seção 6.2.

⁷E, as vezes, até de divulgar determinadas notícias.

⁸De acordo com as lógicas de venda e circulação, uma vez que o jornalismo passa a ser visto como produto.

diante dos fatos e das notícias. A informação, além de um bem simbólico, tornou-se um bem econômico, uma mercadoria (ABREU, 2002, p.34-35).

Também nessa época (anos 1980 e 1990) surgem as características ligadas à homogeneidade, tanto da produção jornalística quanto da maneira de trabalhar do jornalista. Observa-se, assim, na maioria das mídias, a abordagem das mesmas pautas⁹. Já quanto aos jornalistas, acompanham os trabalhos uns dos outros e cobrem os mesmos personagens políticos. Além disso, outra prática que contribui para que a produção se torne homogênea são os envios de *press releases*¹⁰ institucionais, que se tornam uma maneira de uniformizar o que é divulgado pela mídia.

Destaca-se, também, que todas essas mudanças apenas ocorreram devido aos novos métodos racionais de organização e gestão das empresas jornalísticas, o que acarreta um novo perfil de “dono”.

Até os anos 70, os jornais de grande circulação, a maioria deles de propriedade familiar, era administrada diretamente pelo dono. A partir daí, as empresas adquiriram outra dimensão. As novas gerações de proprietários – algumas vezes a segunda, mas no caso do jornal Estado de S. Paulo a sexta geração – dividem por um número maior de membros de família a direção e o controle acionário das empresas. Estas, por sua vez, constituem muitas vezes conglomerados que incluem diversos setores, como editoras e distribuidoras dos mais diversos tipos de publicações, cadeias de hotéis, empreendimentos turísticos, etc (ABREU, 2002, p. 37-38).

Podemos notar, assim, que, essas modificações na forma de gerir uma empresa jornalística fazem com que os jornais desenvolvam uma lógica comercial, uma vez que nem sempre todos os “donos” dos jornais são jornalistas, mas sim “empresários”.

Quanto ao perfil dos jornalistas, Abreu (2002) indica que, nos anos 1980 e 1990 as suas características mudaram, tendo em vista todas as reformulações das configurações das mídias. A autora encontra um jornalista mais pragmático, em oposição ao romantismo do jornalismo que era feito até os anos 1970 (quando se tinha um maior envolvimento político e ideológico): “Hoje, com o fim da bipolaridade capitalismo-socialismo, com o fim das utopias, com a visão pragmática do mercado e a predominância do sistema neoliberal e suas consequências, teria mudado a forma de o jornalista pensar os fatos e praticar quotidianamente sua profissão”(ABREU, 2002, p. 38-39).

⁹Assuntos de interesse que podem vir a se tornarem notícia.

¹⁰Matéria introdutória sobre determinado acontecimento que se quer noticiado na mídia. Geralmente é enviada pela assessoria de imprensa ou de comunicação das instituições (públicas ou privadas).

Além disso, ainda nos anos 1990, os jornalistas que ocupavam posições estratégicas tinham perfis diferentes aos dos colegas de anos anteriores. Começam a ocupar as posições de diretores de redação, chefes de editorias, etc, jornalistas que haviam começado sua vida profissional nos anos 1970 e 1980 e tinham formação, em sua maior parte, em jornalismo, ciências sociais ou história – anteriormente, quem ocupavam as mesmas posições tinham formação, principalmente, em direito. As mulheres também têm entrada nas redações entre os anos 1990 e início dos 2000 – até os anos 1950, sua incorporação era extremamente rara. No final dos anos 1990, conforme Abreu (2002), elas já representavam 35% do total de profissionais nas redações de jornalismo, atingindo 50% em algumas redações.

Outro ponto apontado por Abreu (2002), é o desinteresse pela política por parte do público consumidor da mídia. A autora coloca que o receptor tem um interesse mais utilitário pelas notícias, valorizando aquilo que pode lhe trazer algum ganho direto. Além disso, é um consumidor com pouco tempo para se informar e seletivo quanto ao conteúdo. Começa, então, uma proposta de jornalismo de “utilidade social”, onde as atividades devem servir aos interesses imediatos da população. Assim, é dada a ênfase para denunciar o não atendimento de necessidades básicas (má condição dos hospitais e das escolas, por exemplo). A atenção também se centra sobre questões que causam escândalo, como a falta de controle de qualidade sobre os produtos, questões referentes à classe política, ilegalidades referentes a empresários, etc. Abreu (2002), afirma que, assim, o jornalismo se coloca como um contra-poder¹¹. No entanto, é preciso considerar que a divulgação de fatos desse teor tendem a atrair o leitor e geram lucro.

A entrada da internet, nos anos 1990, também gerou uma série de modificações no jornalismo, uma vez que une características de todas as mídias, e, assim, proporciona uma série de possibilidades tanto para as empresas jornalísticas quanto para os consumidores. Já nos anos 2000, Abreu (2002) apontava que a maioria dos jornais teria sites com uma grande quantidade de multimídias. O contexto demandou, também, uma grande adaptação dos jornalistas quanto às novas tecnologias. Já existia, nessa época, uma discussão sobre a linguagem a ser utilizada na internet, uma vez que

¹¹Ou quarto poder, como é muito citado.

os jornalistas estavam acostumados a escrever nos moldes da mídia impressa, e sobre a interatividade entre mídia/receptor que esse meio poderia proporcionar (ABREU, 2002). Porém, a autora afirma que, nessa época, o acesso à internet pela população ainda era muito baixo: conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 6% da população tinha computadores com acesso à internet.

Durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010), a mídia, principalmente os grandes conglomerados – como a Organização Globo, o Grupo Estado e jornais Gazeta Mercantil e Jornal do Brasil – passam por uma crise. Conforme Romancini e Lago (2007), essa crise tinha raízes, principalmente, em investimentos em meios que até essa época não teriam dado retorno financeiro (como a internet e a TV paga), ao que se somaria a alta do dólar e os altos juros do governo. Um elemento adicional para essa situação crítica, é o fato do governo federal, na época, não ter interesse em auxiliar as empresas a saírem dessa crise. É importante salientar, também, que o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) tinha como uma das suas pautas a democratização e a regulamentação da mídia, o que, de fato, não se concretizou.

Ainda no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, é importante serem destacados aspectos referentes à exigência de diploma para exercer a função de jornalista¹². Depois de colocada a exigência, em 1969, a discussão permaneceu. No ano de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que seria inconstitucional a necessidade do diploma para exercer a função¹³. A decisão permanece até hoje.

Quanto à internet, com o passar dos anos, o acesso só foi aumentando de forma intensa. Em 2005, conforme dados do IBGE, o percentual de casas com conexão a internet era de 13,6%, já em 2015, de 57,8%¹⁴ e 74,9% em 2017¹⁵. O jornalismo, com o passar dos anos, foi se adaptando a esse novo contexto¹⁶. Os conteúdos foram cada vez mais sendo adaptados para cada meio. Os textos que se divulgam nos sites dos jornais na internet não são mais os mesmos que vão para o jornal impresso no dia

12Conforme abordaremos no tópico 2.3.

13Ver “Supremo decide que é inconstitucional a exigência de diploma para o exercício do jornalismo, STF Notícias” nas referências.

14Ver “Apesar de expansão, acesso à internet no Brasil ainda é baixo. EXAME” nas referências.

15Ver “PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. Agência de notícias IBGE” nas referências.

16Apesar da mídia televisiva ainda se manter como a maior fonte de notícia das pessoas, a internet foi se aproximando (em 2017, 63% dos brasileiros preferiam a TV para se informar, enquanto 26% a internet).

posterior, por exemplo. Além disso, cada vez mais vão se explorando as múltiplas possibilidades que a internet proporciona – combinando diferentes formatos de notícia, com a finalidade de complementar a informação (texto e vídeo, por exemplo).

A internet ainda trouxe, principalmente a partir de 2013, meios de comunicação alternativos – ou contra-hegemônicos – como a Mídia Ninja e os Jornalistas Livres, por exemplo. Eles ganharam força com notícias que destoam do que normalmente é comunicado na mídia tradicional, tanto pelo formato quanto pelo viés – opinativas, muitas vezes norteadas por determinados ideais políticos¹⁷. No entanto, são poucas as mídias alternativas e, as que existem, empregam pouca gente ou se mantêm com base em voluntários.

Outra característica importante a ser apontada é relativa às grandes corporações jornalísticas internacionais. Elas, nos últimos anos, têm se dedicado a cobrir notícias dos mais variados países e a manter um portal destinado a essa função. Como exemplo, podemos citar o portal da British Broadcasting Corporation (BBC), empresa do Reino Unido, o espanhol El País, ou ainda o francês Le Monde Diplomatique, que possuem portais para divulgar notícias sobre o Brasil.

O jornalismo, em muitos meios de comunicação, ainda é visto apenas como produto. Muitos jornais prezam por noticiar fatos que choquem o público, e enfatizam isso através de diversas técnicas¹⁸. Os jornais diários continuam, muitas vezes, noticiando questões de interesse da população, como as condições das rodovias, dos hospitais, escolas, etc, além dos escândalos políticos.

Quanto às redações, continuam com algumas das características de décadas anteriores, onde existia o acúmulo de funções. Muitos telejornalistas, por exemplo, muitas vezes, têm de escrever a matéria, gravar e editar para que vá ao ar. O mesmo ocorre nos demais formatos de mídia (BULHÕES e RENAULT, 2016).

Uma mudança significativa é referente aos anúncios de empresas. Muitas optam, hoje em dia, por fazer seu próprio marketing ou entregar a agências de propaganda. Diferente de décadas atrás, hoje isso é feito, muitas vezes, através de sites próprios ou

¹⁷O que também ocorre na mídia tradicional. A diferença pode ser estabelecidas da seguinte maneira: na mídia alternativa não se tenta passar a impressão de imparcialidade.

¹⁸Um dos maiores exemplos é o programa Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes, que noticia uma série de acontecimentos policiais, dando grande ênfase em questões que mexam com o sentimento do público.

das redes sociais, que atingem determinados segmentos de público. Esse processo faz com que muitas mídias diminuam ou percam uma de suas maiores fontes de lucro. No entanto, algumas empresas, que pretendem atingir determinados públicos que leem jornais, escutam rádio ou assistem televisão, continuam publicando anúncios como em décadas passadas.

Os pontos trazidos até aqui servem como linha histórica para perceber onde tiveram início algumas características da mídia que ainda permanecem. No desenrolar do trabalho, traremos uma visão mais ampla do campo jornalístico contemporâneo¹⁹ e elencaremos algumas dessas características atuais para destacar. A partir de agora, analisaremos o jornalismo gaúcho, uma vez que é contexto no qual se situa nosso trabalho.

2.2. O desenvolvimento do jornalismo gaúcho moderno

Afunilando espacialmente, rumo a contextualização do objeto de estudo, chegamos ao jornalismo gaúcho. Nosso foco aqui recairá sobre o desenvolvimento desse jornalismo dos anos 1950 em diante. No entanto, para compreendê-lo, levando em conta que, conforme Faccin (2009, p.6), “as primeiras décadas do século XX definiram os rumos da institucionalização do jornalismo gaúcho, do mesmo modo que marcaram a base da consolidação do jornal moderno como parte da cultura de massa”, passaremos por essas décadas – que alguns autores denominam como o nascimento do “jornalismo moderno” do Rio Grande do Sul. Para trabalharmos este assunto nos utilizaremos, principalmente, da obra “Tendências do jornalismo” (1998), de Francisco Rüdiger.

Conforme apontado por Faccin (2009), o jornalismo gaúcho tem uma série de diferenças frente ao restante dos jornais produzidos em outras regiões do Brasil:

Um rápido olhar sobre o desenvolvimento do sistema de comunicação midiático do Rio Grande do Sul permite percebê-lo como um dos mais modernos do País e marcadamente regional. A maioria das empresas de comunicação existentes do Estado propõe-se a trabalhar a comunicação local, em detrimento de uma cobertura jornalística nacional. Esse modelo tem como aliado os índices sócio-

¹⁹Nos basearemos, aqui, em produções anteriores que tratam sobre os temas elencados e, além disso, na visão de jornalistas sobre o campo jornalístico.

culturais registrados no Rio Grande do Sul, que favorecem, do ponto de vista mercadológico, o seu desenvolvimento, à medida que atuam numa região de melhor qualidade de vida e maior poder aquisitivo do Brasil (FACCIN, 2009, p. 2-3).

Um desses jornais regionais é o “Correio do Povo²⁰”. Conforme Rüdiger (1998), a história do desenvolvimento do jornalismo gaúcho moderno se confunde com a história do jornal. A publicação desse propôs, desde seus inícios, ser independente do campo político. Conforme se anunciava ao público, seria um “órgão de nenhuma facção, que não se escraviza a cogitação de ordem subalterna” (RÜDIGER, 1998, p. 64). O contexto da época era o de saída de uma luta civil que durara quase três anos e dividira a sociedade gaúcha²¹. Compreendendo os ares da época, o jornal se anunciava como não comprometido com qualquer lado político, mas sim com a causa pública.

Seguindo essa mesma linha editorial, também surgiram outros jornais. O “Jornal do Comércio”, por exemplo, levantava a bandeira da imparcialidade e se torna, nessa época, o maior do Estado, com tiragem de 5 mil exemplares por dia. Conforme Rüdiger (1998), na época, o “Correio do Povo” copiou a fórmula do “Jornal do Comércio” e trouxe novidades, como uma postura empresarial assumida pelo seu proprietário e diretor diante do negócio. Além disso, o desenvolvimento do jornal foi marcado por uma série de investimentos em suas oficinas, que propiciaram uma redução dos custos e aumento da produtividade (FACCIN, 2009, RÜDIGER, 1998). Essas reformas proporcionaram ao “Correio do Povo” a equiparação gráfica com os jornais mais modernos do país na época. O número de páginas foi aumentado, assim como o formato da folha, sem gerar custos extras para os leitores. Com essas modificações, a tiragem do jornal subiu de mil para 10 mil exemplares e conquistou a liderança do mercado de jornais.

Com as mudanças tecnológicas, as vendas aumentaram e, logo, houve um acréscimo de pequenos anunciantes, uma vez que o jornal chegava em uma quantidade grande de leitores. A tiragem do “Correio do Povo” passou, em 1920, para 20 mil exemplares, o que fez com que o jornal reafirmasse o seu monopólio da imprensa gaúcha. O segredo no sucesso do jornal, conforme Rüdiger (1998), se baseava na compreensão de seu proprietário de que “o caráter político do jornalismo

²⁰O “Correio do Povo” foi criado no ano de 1895, pelo empresário Caldas Júnior.

²¹Revolução Federalista (1893 e 1895). Envolvia os federalistas e republicanos (RÜDIGER, 1991).

não precisava ser explícito, que havia uma mutação em curso nas necessidades do público e no próprio espectro desse público, estabelecendo novos termos para a concorrência no mercado de jornais” (RÜDIGER, 1998, p. 66).

Em 1925 é lançado o “Diário de Notícias”, jornal que seguia a mesma lógica que gerou amplos resultados no “Correio do Povo” – molde capitalista de organização empresarial (FACCIN, 2009). A sua proposta era a de promover um jornalismo moderno e, para isso, contava com um parque gráfico tecnológico inovador, o que propiciava um aumento da tiragem de exemplares, deixava os custos de produção mais baratos e proporcionava a publicação de um grande volume de anúncios (RÜDIGER, 1998). Já nos anos 1930 o jornal se torna o segundo mais importante do sul do Brasil, com uma tiragem de 25 mil exemplares – pouco menos do que a do “Correio do Povo”. O sucesso dos dois jornais, assim como de todas as publicações mais vendidas que os seguiriam, se deu devido a sua organização empresarial. Esses dois exemplos foram os responsáveis pela definição de um novo regime jornalístico no Rio Grande do Sul.

Esse modelo foi seguido, também, pela “Revista Globo”, lançada em 1929. A publicação quinzenal possuía sólida estrutura gráfica e editorial, sendo a primeira revista gaúcha a circular nacionalmente, ajudando a divulgar para outros estados vários nomes dos ramos jornalístico e da intelectualidade gaúcha – como o escritor Érico Veríssimo. A empresa foi montada pela Livraria do Globo, principal casa editorial do sul do Brasil. Seu sucesso se deu, além da estrutura administrativa, devido à “sua qualidade gráfica e ao espaço dado à reportagem fotográfica, baseada na cobertura da vida social” (RÜDIGER, 1998, p.68).

Outro acontecimento relativo à imprensa gaúcha dessa época, que merece menção, é a Companhia Jornalística Rio-Grandense²². A iniciativa reuniu os grandes nomes do jornalismo gaúcho e os melhores equipamentos da época – com capacidade de tiragem de 20 mil exemplares por hora. Suas publicações eram o “Jornal da Manhã” e o “Jornal da Noite”. O primeiro contava com texto leve e objetivo e trouxe os primeiros suplementos editoriais de moda, esporte e sociedade. Já o segundo trazia as últimas notícias, por meio de textos breves. No entanto, indo na contramão do caminho seguido pelas publicações de sucesso da época, os jornais da Companhia Jornalística Rio-

²²Iniciativa de Ângelo Flores da Cunha.

Grandense foram perdendo seu caráter independente e, logo, sua credibilidade, devido ao fato de que começaram a se comprometer com as pretensões políticas do irmão do dono do seu proprietário, Flores da Cunha, e se posicionar contra Getúlio Vargas. Caldas Júnior, aproveitando-se do contexto, lança um jornal vespertino independente, em 1936, com a finalidade de conquistar o público perdido pelos jornais da Companhia Jornalística.

Aqui, um novo regime jornalístico se ampliava, tanto no que se refere às produções jornalísticas, quanto aos profissionais que trabalhavam na área:

Nessa época, o novo regime jornalístico estava em consolidação. As matérias noticiosas suplantavam os artigos políticos, e as feições gráficas adquiriam as formas que, em linhas gerais, conhecemos até hoje. A circulação se ampliava consideravelmente e começava a tirania do departamento comercial sobre a redação. O pessoal envolvido na atividade se profissionalizava, transformando-se em categoria assalariada (RÜDIGER, 1998, p.69).

Nesse contexto de profissionalização, no ano de 1936 foi reconstruída a Associação Rio-Grandense de Imprensa e, em 1942, o Sindicato dos Jornalistas. A primeira teve sua profunda importância no que se refere à criação de uma agência que pudesse pressionar e ligar os jornalistas e a sociedade civil ao poder público. A segunda ganhou importância devido a criação do novo estatuto do jornalista, que buscava melhores condições de trabalho e melhores salários (RÜDIGER, 1998).

Outro aspecto importante que contribuiu para o desenvolvimento do jornalismo moderno foi o contexto brasileiro dos anos 1930. O país passava por um forte processo de industrialização, com uma grande expansão nas atividades comerciais e do mercado interno. Esse cenário acabou por dar as bases para o desenvolvimento das modernas empresas jornalísticas, aumentando o público leitor e criando a publicidade, que, com o tempo, foi se tornando a sua principal fonte de captação de verba. O impacto desse novo período no jornalismo é extremamente importante para a compreensão do jornalismo atual. Isso ocorre porque o ingresso da publicidade de forma orgânica nas relações jornalísticas faz com que os jornais passem a existir para os anunciantes. No entanto, apesar da publicidade ter fomentado o desenvolvimento do jornalismo, através da injeção de verbas que acabavam por gerar as modernizações gráficas, ela acabou

por fortalecer as concorrências monopolistas, que gerariam a concentração da imprensa em poucas grandes empresas jornalísticas²³.

Porém, apesar de se afirmarem “sem lado político”, as novas empresas jornalísticas, nesse contexto, são apontadas por Rüdiger (1998, p.70) como agências políticas que só não expõem seu lado. Como exemplo, conta que, na década de 1930, o jornal “Correio do Povo” exercia grande apoio a Getúlio Vargas, enquanto permanecia em conflito com Flores da Cunha (governador do RS entre os anos 1930 e 1937). Após a publicação de uma série de reportagens negativas sobre a gestão em questão, o governo do estado respondeu proibindo a distribuição do jornal nas estações de trem do RS, e a distribuição do jornal utilizando a Viação Férrea, além de promover uma campanha de cancelamento de assinaturas entre os filiados do Partido Republicado Liberal e interromper a publicação de anúncios e atos oficiais no jornal (RÜDIGER, 1998, p.70).

O “Diário de Notícias”, que se manteve entre os jornais gaúchos de maior circulação, ao lado do “Correio do Povo”, durante três décadas, entrou em declínio após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. Tendo ligado o fato à oposição exercida pela empresa ao governo, uma parcela da população porto-alegrense acabou por destruir as instalações do jornal.

Nos anos 1960, o jornal “A Última Hora”, distribuído nacionalmente, lançou a imprensa popular e, ao mesmo tempo, acabou por renovar os padrões editoriais e gráficos do jornalismo gaúcho. O jornal atraiu principalmente as camadas mais populares, trazendo um material engajado na política populista e forte quanto ao conteúdo informativo e editorial. No entanto, após o golpe militar ocorrido em 1964, os proprietários foram obrigados a fechar as portas devido a pressões dos militares (RÜDIGER, 1998).

Nesse contexto, o caráter político dos jornais foi cada vez mais sendo velado, trazido de forma extremamente sutil. Isso se deu em decorrência de a racionalidade econômica ter passado a ser tomada como norte no jornalismo gaúcho, modificando o modo de influência nas relações de poder que atravessam a sociedade. Uma das consequências desse ganho de força da racionalidade econômica nos meios

²³Cenário que podemos ver atualmente.

jornalísticos foi a decadência da imprensa do interior e a hegemonia dos jornais da capital. Essa nova forma de fazer jornalismo que ganhava espaço, de “desligamento” (aparente) da atividade política, destoava da feita no interior. Somado a isso, a falta de verba para a sustentação econômica e desenvolvimento de empresas jornalísticas modernas também teve um grande impacto nos meios impressos do interior. O espaço foi sendo tomado pelas empresas da capital, que se beneficiavam da evolução dos transportes e das técnicas de distribuição. Os jornais de outros lugares do Brasil também começaram a circular no RS, devido à possibilidade de transporte via avião.

Tendo em vista as exigências do tempo, alguns jornais regionais acabaram tentando se adequar. O não partidatismo entrou em voga, o colunismo foi trocado pela notícia e os artigos políticos pelas reportagens e pelas entrevistas (RÜDIGER, 1998). Outro aspecto que acabou tendo de se adequar foi a questão do profissional: a porcentagem de jornalistas profissionais empregados passou de 24% para 30%, entre os anos 1930 e 1940. Outra estratégia utilizada foi a distribuição vespertina, com o intuito de trazer as notícias mais recentes do dia. Como exemplos dessas tentativas, podemos citar a “Gazeta da Tarde”, de Rio Grande, que circulou entre 1941 e 1955, e o “Jornal da Tarde”, de Pelotas, que teve distribuição entre os anos de 1949 e 1958. Outra alternativa encontrada por alguns veículos jornalísticos foi a fusão entre concorrentes, com a finalidade de fortalecer as empresas. Contudo, os esforços não geraram resultados. Os jornais que optaram pela circulação no período da tarde acabaram fechando, bem como a maioria dos jornais que tiveram surgimento após 1945.

O contexto de crise no jornalismo interiorano só mudaria nos anos 1960. Nessa época teve início uma reorganização dos jornais do interior. Uma das principais iniciativas foi a criação da Associação dos Jornais do Interior (1962), que prezava pelos investimentos em maquinário e concentração de capitais. Esta Associação acabou levando várias empresas a conquistar certo prestígio no mercado jornalístico do RS.

Outro exemplo dessa nova fase do jornalismo interiorano é o Grupo Editorial Sinos, de Novo Hamburgo – RS. No ano de 1968 montou a segunda rotativa off-set²⁴ do sul do país, além de mudar a circulação do seu jornal, de semanal para diário e lançar um título de circulação regional de nome “Vale dos Sinos”. Aproveitou-se, ainda,

²⁴Forma de impressão.

da forte presença do setor calçadista na cidade para criar o semanário “Exclusivo” (1969) e a “Revista Brasil Export” (1970), que serviam ao mesmo. Passou a publicar também o “Jornal Semanal” (1970-1974), uma tentativa de publicação em escala estadual. Não parando por aí, o parque gráfico do Grupo passou por novas reformas entre os anos 1975 e 1976, adotou modernos serviços de computação e novo maquinário – reformas que permitiram a produção do “Diário da Indústria e Comércio” (1979) e do “Estado do Rio Grande” (1985). Atuando em várias frentes, os jornais da empresa chegaram à tiragem de 50 mil exemplares por dia nos anos de 1990.

O jornal “O Pioneiro”, de Caxias do Sul, na serra gaúcha, é um dos meios que garantiu sua sobrevivência e até ascensão na época, devido a uma forte modernização tecnológica, gráfica e editorial, seguindo o modelo empresarial. Após sua transformação em diário e a adesão à fórmula de sucesso já trilhada por outros jornais, aumentou sua circulação e teve considerável crescimento a partir do início dos anos 1970. No entanto, uma série de jornais não alcançaram a sobrevivência mesmo com as modificações, tais como o jornal “O Fato”, de Santa Maria (1974) e o “Gazeta Pelotense”, de Pelotas (1976-1978).

A partir dos anos 1970, outro fato importante deve ser destacado: a passagem do jornalismo gaúcho às configurações de indústria cultural²⁵. Nessa época, constatou-se o surgimento de conglomerados de comunicação, através da fusão de empresas jornalísticas com emissoras de rádio e televisão. O maior nome desse processo foi – e segue sendo – a Rede Brasil Sul (RBS). Nesse contexto, as grandes empresas de jornalismo começaram a explorar a radioteledifusão, que, com o passar dos anos, acabou se tornando o principal meio de informação e formação de opinião pública do RS e do Brasil (RÜDIGER, 1998, p.76-77). Este fato gerou uma série de modificações nas produções dos jornais, nivelando-os aos espetáculos de variedades, e aderindo às características mercadológicas denominadas de indústria cultural.

Rüdiger (1998) aponta que o enquadramento do jornalismo sul-rio-grandense ao que se denominou indústria cultural tem forte conexão com a sua ligação com o cinema:

Os primeiros cineastas gaúchos, não podendo realizar filmes de ficção, recorreram às reportagens filmadas para vender seu trabalho, registrando

²⁵O autor se refere à padronização na produção de bens culturais – filmes, músicas, programas de rádio, etc – seguindo uma “fórmula de sucesso”.

vários momentos de cotidiano e da atualidade com suas câmaras ainda na década de 1910. Mais tarde, foram realizados vários documentários sobre nossa realidade sociocultural, mas é difícil dizer se essas produções podem ser caracterizadas como jornalísticas. Na verdade, o jornalismo cinematográfico só passou a ser realidade com o surgimento da produtora Leopoldis-Som, no final dos anos 20 (RÜDIGER, 1998, p.77).

A “Revista do Globo”, já citada anteriormente, é destacada como um dos primeiros agentes da indústria cultural no RS. Seu padrão editorial serviu, conforme Rüdiger (1998), para criar o contexto de recepção para revistas de variedades – como “O Cruzeiro” e “Manchete” – que acabaram por lhe tomar o lugar e decretar seu fechamento ainda no ano de 1967.

2.2.1. Os conglomerados da mídia gaúcha: a disputa dos gigantes

A indústria cultural tem sua gênese, de fato, na mídia gaúcha, com o início de formação dos grandes conglomerados de comunicação, com a união de empresas jornalísticas com a radioteledifusão. Podemos identificar o início dessas atividades ainda nos anos de 1930, quando os Diários e Emissoras Associadas (D.A) já buscavam a expansão através da formação de cadeias de jornais e emissoras de rádio.

Assis Chateaubriand²⁶ entra no ramo jornalístico gaúcho através da compra do “Diário de Notícias”, em 1930. Nos vinte anos que se seguiram, o jornal passou por uma série de reformas, que o colocaram em disputa com o “Correio do Povo”, empregando uma série de medidas: “Para vencer o concorrente, a empresa não somente empregou todos os meios noticiosos ao seu alcance como desenvolveu uma política mercadológica moderna, criando suplementos editoriais específicos e promovendo eventos sociais como bailes e concursos” (RÜDIGER, 1998, p.78).

Outra grande contribuição dada pela empresa de Chateaubriand ao campo jornalístico gaúcho foi referente ao rádio. Ainda no ano de 1924 foi fundada a “Rádio Sociedade Rio-Grandense”, de Porto Alegre. Nos anos seguintes, foram inauguradas outras rádios, como a “Rádio Gaúcha” (1927). As empresas de radiodifusão foram descobrindo, aos poucos, as potencialidades do jornalismo no meio. Então foram surgindo os primeiros programas de resenhas noticiosas, dos quais se destaca os da

²⁶ Principal empresário do meio jornalístico do Brasil, proprietário dos D.A.

“Rádio Difusora”. Os D.A, de Chateaubriand, ampliam essas potencialidades a partir da compra das rádios “Farroupilha”, em 1943, e “Difusora”, em 1944. A primeira desempenhava seu trabalho através de colaboração com os jornais de Chateaubriand, com os seus jornais falados a partir das redações. A segunda trabalhava com um modelo de programação considerada mais popular, através de programas de variedades com certa conexão com o jornalismo.

Nos anos 1950, o principal nome radiofônico do RS era a rádio “Farroupilha”. Esta trabalhava em colaboração com os jornais impressos da empresa, transmitindo o seu jornal falado, que partia da redação do “Diário de Notícias” (FACCIN, 2009). Entre seus principais programas jornalísticos, que chamavam atenção do público, estavam as reportagens sobre futebol (fortes desde a década anterior) e, principalmente, a versão local do programa “Repórter Esso”²⁷.

No entanto, no ano de 1954, no auge dos Diários e Emissoras Associadas, as instalações do “Diário de Notícias” são quebradas por uma parcela da população porto-alegrense, devido à revolta com a campanha contra Getúlio Vargas exercida pelo jornal. Devido a este fator, acabou por suspender sua circulação por um ano, tendo seu retorno com a compra do Parque Gráfico e do próprio jornal “A Hora”.

Após a compra, a empresa renovou os padrões gaúchos de jornalismo novamente, trazendo o que seria conhecido posteriormente como diagramação e planejamento visual. No entanto, o jornal não permaneceu com o mesmo prestígio nas mãos dos novos donos. Em 1961 fechou as portas. O “Diário de Notícias” reapareceu um ano após seu fechamento, com uma linha editorial mais conservadora. No entanto, o jornal entra em decadência ainda nos anos 1960.

Quem se beneficia desse enfraquecimento é Caldas Júnior. Nesse período transformou seu jornal no principal do Estado. Um dos jornais do grupo, o “Correio do Povo”, por exemplo, aumentou sua tiragem de 50 mil exemplares em 1950 para 70 mil em 1970. A empresa passou, assim, a ser a sétima maior de todo o Brasil, com hegemonia total no RS, sem concorrentes reais. Entrou, ainda, no ramo da radiodifusão com a fundação da “Rádio Gaúcha”, em 1957, que ganhou, grande

²⁷Programa patrocinado pela Cia. Esso de Petróleo. Já existia no Rio de Janeiro, e chamava grande atenção do público.

atenção do público devido às suas coberturas esportivas e programas noticiosos regulares.

No que tange à TV, sabe-se que os D.A, de Chateaubriand, foram os pioneiros no Rio Grande do Sul, fundando, em 1959, a “TV Piratini”. O pioneirismo cabe também ao primeiro telejornal gaúcho. Esse se caracterizava, na época, “pelo excesso de falas e a pobreza de imagens, devido às dificuldades técnicas existentes e o alto custo de produção do material filmado” (RÜDIGER, 1998, p.81). Por esses fatores, a programação jornalística – bem como o restante da programação, de forma geral – não chamava grande atenção do público que tinha acesso ao meio.

Numa tentativa de modificar esse cenário, a “TV Piratini”, por exemplo, contratou uma produtora independente com a finalidade de filmar e veicular os acontecimentos do dia. A chamada “Reportagens Banmércio” foi um dos programas nos quais foi tentado aprimorar a qualidade do telejornalismo da época, que apelava, muitas vezes, para características ligadas ao dito sensacionalismo (RÜDIGER, 1998). Os resultados, no entanto, não foram como se esperava (perspectiva que só mudaria nos anos 1970).

Essas mudanças vieram através de fortes investimentos feitos pela “TV Difusora”. A emissora passou a dominar o cenário telejornalístico da época através de dois programas: o “Portovisão”, programa jornalístico de variedades, que incluía vários quadros e sessões de comentários, e o “Câmera 10”, que vinha trazendo novos padrões de edição e exposição do jornal, contando com matérias produzidas por agências de notícias nacionais e internacionais. Nos dois programas da emissora os padrões radiofônicos foram superados, trazendo o princípio de uma forma de fazer telejornalística. No entanto, apesar das inovações, o “Câmera 10” foi ao ar pela última vez em 1980. Isso porque essa década foi marcada pelo início de uma supremacia: a do grupo Rede Brasil Sul (RBS), de Maurício Sirotsky Sobrinho.

Maurício Sirotsky Sobrinho começou sua carreira no ramo do jornalismo em 1957, quando se tornou sócio da “Rádio Gaúcha”, a qual possuía na época uma concessão de um canal de televisão, que veio a ser inaugurado em 1962. No ano de 1966 o empresário passou a ser sócio-diretor do jornal “Última Hora”. Após ser assumido por Sirotsky, no ano de 1966, a palavra “Última” é substituída pela palavra “Zero” e o jornal muda o nome (FACCIN, 2009). Surgia assim o “Zero Hora”. Conforme

Faccin (2009, p. 08) após essas mudanças, “todos os esforços do trabalho jornalístico deveriam convergir para garantir a liderança jornalística no Sul do Brasil em relação à circulação e em relação ao próprio trabalho jornalístico”. A junção desses meios (rádio, televisão e jornal impresso) acabou por formar o segundo grande conglomerado de comunicação da região. Seu crescimento no ramo se dá devido ao fato de que o grupo, conforme Rüdiger (1998, p.83) “desenvolveu novos métodos de gestão empresarial em seus veículos, baseando seus negócios na renovação tecnológica de suas instalações e na qualificação mercadológica de seus respectivos produtos”. Seus concorrentes, no entanto, continuaram se guiando pela fórmula empresarial que garantira o seu sucesso nas décadas passadas, ignorando as mudanças ocorridas na sociedade²⁸. Essa falta de adaptação gerou o declínio dos concorrentes e um crescimento, a chegar nos moldes de um monopólio, da Rede Brasil Sul.

A “Zero Hora”, empresa na época parcialmente pertencente ao grupo, tornou-se, em 1969, o primeiro jornal diário a utilizar a tecnologia off-set, através de uma grande reforma do parque gráfico do jornal, que o tornou extremamente competitivo frente aos concorrentes. Em 1970, a RBS assume totalmente o controle do jornal. Assim, passou por modificações que tinham a finalidade de modernizar a gestão e “adequar sua linha editorial às novas condições do mercado local, visando à conquista não apenas do público leitor, mas da sua própria faixa de expansão” (RÜDIGER, 1998, p. 83). O êxito do jornal foi evidente. Tornou-se o maior jornal do Rio Grande do Sul em venda avulsa e em tiragem, ultrapassando o “Correio do Povo” e entrando, no lugar do antigo campeão de vendas, para o ranking dos dez maiores jornais do Brasil.

Caldas Júnior, na mesma época, entrou em decadência. Isso ocorreu devido às dificuldades financeiras ocasionadas pela tardia implantação de sua emissora de TV e pela gestão empresarial, considerada atrasada. A circulação do seu jornal “Folha da Manhã” foi suspensa em 1980, bem como sua “Folha da Tarde”, que acabou sendo interrompida poucos anos depois.

²⁸Transformações econômicas, sociais e culturais ocorridas em todo o Brasil a partir da segunda metade dos anos 1950, principalmente, com uma reestruturação monopolista do capitalismo. Nessa época, através de um processo de modernização, foi fomentada a industrialização nacional, criadas rodovias, hidroelétricas e aeroportos

O histórico “Correio do Povo” também teve seu fechamento nessa época. Cancelou a circulação no ano de 1984. No entanto, voltou a aparecer em 1986, sob nova direção. A nova gestão mudou todo o planejamento gráfico do jornal e passou a oferecer o serviço de entrega em casa por um pequeno aumento da taxa. Passou a utilizar, ainda, um formato que dialogava mais com textos de síntese noticiosa. Todas essas modificações fizeram com que o jornal não fechasse as portas novamente, no entanto, não mudaram as configurações do mercado da época.

A hegemonia era, de fato, da “Zero Hora”. Rüdiger (1998, p. 85) atribui esse crescimento do jornal ao forte vínculo criado entre ele e a emissora de TV do mesmo grupo, através de estratégias de mercado e editoriais: “De fato, a TV Gaúcha distribuiu para todos os veículos do grupo os dividendos de prestígio e imagem que lhe trouxe a condição de afiliada rio-grandense da Rede Globo de Televisão”. Além disso, o grupo criou uma rede de emissoras de TV no interior do RS, que geraria, por fim, uma receptividade dos telespectadores aos jornais.

A liderança quanto ao telejornalismo veio nos anos 1970, após uma série de investimentos do grupo no meio. Deve-se, aqui, dar a devida importância para a influência gerada pelo fato da rede retransmitir os programas da Rede Globo de Televisão – podemos citar, por exemplo, que os telejornais noturnos da emissora eram configurados como jornais da Rede Globo que vinham com complementos locais. No entanto, há de se ressaltar também uma forte mudança tecnológica, por meio da qual as emissoras da RBS do Rio Grande do Sul revolucionaram o telejornalismo local, com a utilização de câmeras de videotape portáteis para a cobertura de notícias, que permitia que se registrassem acontecimentos ao vivo.

Durante os anos 1980, a RBS passou a investir em radiojornalismo. Sua principal rádio, a “Rádio Gaúcha”, foi transformada em uma emissora majoritariamente jornalística, transmitindo programas jornalísticos 24 horas por dia. Seus programas principais cobriam o futebol ou traziam entrevistas. Nesse período também houve uma grande expansão da empresa para o estado de Santa Catarina, através de emissoras de rádio e TV, além do jornal “Diário Catarinense” e do “Jornal de Santa Catarina”. No Rio Grande do Sul, a empresa comprou, ainda, o jornal “Pioneiro”, de Caxias do Sul. Quando foi adquirido pelo grupo, a cidade de Caxias do Sul passou quase que

instantaneamente a não contar com seu outro jornal diário. Em pouco tempo o jornal despontou na região da serra.

No ano de 2009, a Rede Brasil Sul (RBS) era o “maior grupo na área da comunicação mediática do Sul do Brasil. [...] Lidera o mercado de mídia impressa, de televisão aberta e por assinatura e de rádio AM e FM DO Rio Grande do Sul e de Santa Catarina” (FACCIN, 2009, p. 4). Essa grande presença do grupo se mantém até os dias de hoje. Atualmente, a rede conta com a “RBS TV”, a “ZH” (antiga Zero Hora), o “Diário Gaúcho”, o “Pioneiro”, as rádios “Atlântida”, “Gaúcha”, “92”, “102.3”, “Farroupilha”, “CBN”, o site, aplicativo e podcast de notícias voltada a gastronomia “Destemperados”, a revista “Donna”, o site “ClicRBS” e o site de notícias e aplicativo “Gaúcha ZH²⁹”.

Por fim, deve ser salientado que, com o tempo, o jornalismo gaúcho foi ganhando uma configuração de monopólio, onde se visava menos a expansão do mercado e mais a ocupação de todos os espaços possíveis, entre emissoras de rádio, televisão, jornais impressos. A estratégia aqui, conforme Rüdiger (1998, p.87) era “conceber uma integração vertical dos mercados em que atua, de modo que caiba aos veículos da empresa o controle, senão da esfera pública midiática, pelo menos das principais fontes de patrocínio publicitária”. No entanto, uma das possíveis consequências dessa configuração é a extinção dos demais jornais, uma vez que a verba publicitária é concentrada em um deles.

A partir dos anos 1980, os jornais do RS começaram a se pautar pelos padrões editoriais das redações do grupo RBS. Os postos de trabalho mais disputados, que contavam com um maior prestígio, que eram muitas vezes ocupados pelos jornalistas de maior autoridade eram os do grupo RBS. A principal fonte de informação do Estado, das quais o público é cativo, passou a ser o grupo RBS. Pelos fatos narrados aqui, compreendemos, assim como aponta Rüdiger (1998), que a história da indústria cultural no RS se confunde com a da RBS.

No entanto, essa configuração de monopólio que foi se formando ao longo dos anos se tornou negativa aos profissionais da imprensa escrita. O campo jornalístico tem se estreitado, devido ao fechamento de uma série de jornais, por conta da falta de

²⁹Ver em “Nossas marcas. Grupo RBS” nas referências.

anunciantes. Além disso, existe uma forte política de compressão salarial para os que estão no campo (RÜDIGER, 1998).

Uma das tentativas para enfrentar este problema foi a criação da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre, em 1974. Durante sua existência, a cooperativa reuniu 300 jornalistas, e manteve por vários anos jornais de circulação nacional, além de um semanário estadual, chamado “O Rio Grande”. Além disso, a modernização dos jornais do interior, ainda nos anos 1990, também pode ser interpretada como uma mudança no panorama profissional. Com esse fortalecimento, foram geradas uma série de vagas para os profissionais nesses jornais. A criação de novas emissoras de TV e rádio, além de canais via-cabo também contribuíram para o crescimento do mercado profissional dessa área, durante os anos 1980 e 1990. Empresas prestadoras de serviço editorial e de assessoria de imprensa também começaram a aparecer fortemente, gerando novas vagas de emprego.

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento da internet, outras iniciativas foram aparecendo. Podemos citar o site “Sul 21”, tido como portal de notícias contra-hegemônico que se encontra na cidade de Porto Alegre, com representantes por todo Rio Grande do Sul. Vários jornais impressos sobrevivem, mesmo com todas as dificuldades referentes a anunciantes que a era digital trouxe. Alguns exemplos são o próprio “Correio do Povo”, de Porto Alegre, o “Diário Popular”, de Pelotas, o “NH”, de Novo Hamburgo, o “Diário de Santa Maria”, de Santa Maria, “O Farroupilha”, de Farroupilha, entre outros. Cabe ressaltar, ainda, que os grandes portais de notícias começaram a ter representantes em diversas cidades, trazendo notícias não apenas de sua localidade e que, além disso, algumas cidades ganharam portais online com notícias de suas cidades e/ou regiões, como é o caso do Clic Camaquã³⁰. A televisão, em sua maioria, é monopolizada pelas filiais da RBS, que se espalharam pelo Estado. No entanto, os telespectadores são disputados com outros grandes grupos de comunicação, como a STB, Band e a Record. Várias estações de rádio continuam operando. Muitas delas fazem parte de grandes grupos de comunicação³¹, mas outras não, como é o caso da Rádio União, de Pelotas. As iniciativas individuais também

³⁰Portal de notícias criado em 2014 que traz notícias da região centro-sul do Estado.

³¹Como é o caso da rádio Atlântida, que é um dos veículos do Grupo RBS.

começaram a aparecer. Blogs são criados por jornalistas diariamente, sendo mais um espaço onde o jornalismo pode vir a ser desenvolvido. Vale ressaltar que outro ramo que está se utilizando dos serviços de jornalistas são as Agências de Comunicação e Marketing, onde os jornalistas acabam ficando responsáveis pela parte da escrita.

Por fim, podemos perceber que com o passar dos anos o campo jornalístico gaúcho passou por uma série de modificações. Algumas práticas, percebidas ainda nas primeiras décadas do século XX, acabaram se legitimando cada vez mais ao longo do tempo, como a tentativa de “desvinculação” – ao olhar do público – do jornalismo de questões político-ideológicas. Podemos ver isso principalmente nas grandes empresas de comunicação, que acabaram, com o tempo, a levar o campo a uma configuração de oligopólio. No entanto, várias outras formas de fazer jornalismo vêm se desenvolvendo ao longo dos últimos anos. Em muitas das mídias alternativas, bem como nos blogs jornalísticos mantidos individual ou coletivamente, vemos um jornalismo mais opinativo, em contraposição à prática hegemônica. Isso mostra, ainda que em pequena escala, o surgimento de uma série de formas de se exercer a profissão, fugindo dos moldes impostos pelo mercado.

2.3. A regulamentação da profissão de jornalista no Brasil: do início da discussão até a decisão vigente

Embora já tenhamos abordado em alguns momentos a profissão jornalista e suas características ao longo das modificações do campo jornalístico, nos cabe agora abordar a regulamentação da profissão e suas discussões ao longo dos anos. Para isso, nos basearemos, principalmente, nas obras “Ser jornalista no Brasil” (2013), de Fernanda Lima Lopes e “O jornalismo como profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul” (2007) de Fernanda Rios Petrarca.

No século XIX, em tempos de independência do Brasil, de abolição da escravatura e proclamação da República (respectivamente 1822, 1888 e 1889) o jornal tinha seu forte vínculo político e panfletário: “Embora abrigassem conteúdo informativo, era o teor político que fazia com que tais periódicos pudessem ser tachados segundo segmentações (republicanos, monarquistas, abolicionistas...)” (LOPES, 2013, p.51).

Além disso, os jornais desse século funcionavam como laboratório para práticas literárias. A obra de José de Alencar, “O guarani”, por exemplo, foi publicada em 1857 no Diário do Rio de Janeiro. Outros grandes escritores como Euclides da Cunha e Machado de Assis também trabalharam na imprensa no século XIX. Além disso, outras categorias sociais, como sacerdotes e servidores públicos também muitas vezes produziam textos para os jornais (LOPES, 2013). Por isso, o perfil dos profissionais da época é marcado ou pelo engajamento político ou por fazerem parte da considerada intelectualidade brasileira.

No entanto, outros perfis também ocupavam espaço nesse meio:

(...) nem só de pessoas com destacado nível de escolaridade e/ou cultura eram compostos os quadros de trabalhadores em jornais, Contínuos, funcionários administrativos ou aspirantes semianalfabetos tinham chance de ir galgando posições como repórteres, embora o posto de redatores continuasse a se destinar àqueles que tivessem domínio da língua portuguesa (LOPES, 2013, p.52)

No que se refere à remuneração, muitas vezes eram feitos pagamentos em vales e não existia nenhum benefício aos profissionais. No entanto, outra questão servia como atrativo para que se executasse a função: a visibilidade. Muitos encaravam o local de trabalho como vitrine para suas obras literárias, como um passo para, na sequência, entrar na vida política, ou como apenas uma forma de obter alguma renda – apesar de a profissão não gerar rendimentos suficientes para que os trabalhadores pudessem se dedicar apenas a ela. Conforme Lopes (2013), ser jornalista nessa época se baseava na ideia de transformar a realidade e agir em benefício público³².

No entanto, houve, entre o final do século XIX e o início do século XX, movimentos de segmentos de profissionais da imprensa para que houvesse uma autonomização da sua atividade e a promoção da qualificação intelectual dos trabalhadores dos periódicos. A argumentação vinha do fato de que, como citado anteriormente, as redações costumavam empregar analfabetos, literatos, juristas e políticos.

A profissão de jornalista veio a ser regulamentada no Brasil, de fato, no ano de 1938, pela primeira gestão (ditatorial) de Getúlio Vargas, através do Decreto-Lei 910. O

³² É importante citar que, atualmente, apesar das várias reconfigurações pelas quais o mercado jornalístico passou, essas ideias não se perderam totalmente, e ainda podem ser encontradas em muitos profissionais e estudantes da área.

documento foi elaborado pelo governo com a assessoria dos sindicatos do Rio de Janeiro e de São Paulo, procurando regulamentar as condições e a duração do trabalho do jornalista nas empresas. Conforme Petrarca (2010), essa ação se deu num período de forte conflito entre os jornais e o governo, quando foi estabelecida a censura no país e foram criados órgãos como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que buscava controlar a imprensa. Assim, um dos principais objetivos dessa regulamentação era obter determinados controles daqueles que trabalhavam na imprensa:

Um dos objetivos e uma das principais intenções era o de registrar e cadastrar aqueles que tinham vínculos com a imprensa, pois se considerava jornalista todo aquele “homem de imprensa” devidamente registrado no Ministério do Trabalho; condição fundamental para sua admissão no jornal. Dessa forma, o Estado passava a ter controle sobre aqueles que desempenhavam atividades em jornais. (PETRARCA, 2010, p.83)

Este decreto, como colocado, considerava como jornalista todo aquele homem de imprensa, e diferenciava apenas o jornalista do locutor e do fotógrafo, no entanto, sem colocar hierarquias entre os cargos.

O primeiro curso superior de jornalismo foi criado somente após este primeiro decreto. No ano de 1947, através de um convênio entre a Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e a Fundação Cásper Líbero, nascia o primeiro curso autônomo para ensinar jornalismo no Brasil (LOPES, 2013).

Posteriormente, em 1943 e 1944, promulgaram-se outros decretos que tratavam da profissão de jornalista. Estes colocavam a necessidade de cursos de jornalismo no ensino superior, além de um aumento de salário daqueles que trabalhavam na profissão. Enquadrava, ainda, como jornalistas, os redatores da rádio e da publicidade e colocava os fotógrafos, os revisores, ilustradores, desenhistas e arquivistas como auxiliares de redação. A partir desses decretos, todos os profissionais que trabalhavam na imprensa deveriam se titular como jornalistas, desde os cargos mais altos até os mais baixos.

De 1961 a 1963 e em 1969 também se ditaram decretos oficiais sobre a profissão de jornalista (um em cada ano). O primeiro deles, conforme Petrarca (2010) trazia a necessidade de fazer cumprir o Decreto de 1938. O segundo deles colocava o fotógrafo como jornalista, modificando o decreto de 1943. O de 1963 omite o locutor da conceituação de jornalista profissional, além de acrescentar o estagiário de jornalismo (para pessoas sem o diploma), e mantinha a criação de cursos superiores em

jornalismo (PETRARCA, 2010). Já o de 1969 – Decreto-Lei nº 972 – tornava obrigatório o diploma de jornalismo ou comunicação para exercer a profissão no país. Quem já desempenhava a função, mesmo sem formação, pôde obter o registro de jornalista. O decreto fazia, ainda, um apontamento sobre o piso de remuneração e ampliava a lista de profissionais que podiam ser considerados “jornalistas”, incluindo, por exemplo, o profissional que ensinara técnicas jornalísticas. No entanto, o principal papel do decreto era o de valorização dos cursos jornalísticos, além de impedir que a profissão fosse exercida por pessoas que não possuísem o curso superior.

Nos anos 1980, conforme Lopes (2013), houve grande polarização na discussão sobre a necessidade ou não de diploma, que volta a ser debatida fortemente. De um lado, encontrava-se a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), reunindo uma série de sindicatos de jornalistas e, de outro, os empresários de comunicação. Começa, dessa forma uma disputa jurídica entre patrões e empregados³³.

Em 23 de outubro de 2001, foi emitida³⁴ uma decisão liminar que suspendeu, em todo o Brasil, a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista. A ação civil havia sido proposta no dia 17 de outubro do mesmo ano³⁵. O argumento principal dizia respeito à inconstitucionalidade da norma estabelecida em 1969.

No ano de 2002 não houve movimentação quanto ao processo. No entanto, em janeiro de 2003 foi publicada no Diário Oficial da União a decisão em primeira instância que confirmava a liminar de 2001. Porém, em julho de 2003, a Fenaj encaminha apelação ao tribunal, e é retirada³⁶ a obrigação da Fenaj de emitir carteiras a pessoas que não possuíam o diploma.

No ano de 2005, a Fenaj entra com novo jurídico para que o TRF de São Paulo revisasse a decisão de 23 de outubro de 2001. Nessa ação, o órgão concorda com a Fenaj e, no dia 26 de outubro de 2005, o diploma volta a ser obrigatório. Qualquer ação futura caberia, agora, à próxima instância, no caso o Supremo Tribunal Federal. No entanto, em 13 de dezembro de 2005 a discussão retorna. O Sindicato das Empresas

³³Embora houvessem exceções.

³⁴Pela juíza federal substituta Carla Abrantkoski Rister, do Tribunal Regional Federal (TRF) da 3ª Região, em São Paulo.

³⁵Pelo procurador regional dos Direitos do Cidadão, André Carvalho Ramos.

³⁶Pela desembargadora federal Alda Bastos.

de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo elabora recurso pedindo o julgamento em instância superior, que foi reiterado pelo Ministério Público em março de 2006. Em 21 de novembro do mesmo ano é dada a decisão confirmatória da 2ª turma do STF, que retira novamente a necessidade do diploma.

No ano de 2009, depois de quase uma década de recursos e sentenças que marcaram a disputa, o Supremo Tribunal Federal decidiu, em última instância, que o diploma de jornalista não seria mais obrigatório para exercer a profissão.

Na sessão, realizada em 17 de junho, a ampla maioria dos ministros votou contra a necessidade do diploma³⁷. Entre os argumentos dos ministros, era colocado que no decreto-lei 972/69 (feito durante o período de Ditadura Militar) era estipulada a necessidade do diploma devido a uma tentativa de afastar dos jornais os intelectuais que se posicionavam contra o governo da época³⁸. Até os dias atuais (2020), a decisão se mantém, embora tenha voltado a ser discutida muitas vezes.

Dessa forma, compreendemos que a profissão jornalista passou por uma série de modificações, ocorridas tanto devido às características do campo que foi se transformando quando devido às decisões judiciais, ocorridas devido à oposição de dois grupos: os pró e os contra a necessidade de diploma para se exercer a profissão. Se de um lado da discussão estava a Federação Nacional de Jornalistas e do outro os empresários da comunicação, podemos compreender que, para além de reflexões filosóficas sobre liberdade de expressão ou sobre qualificação dos profissionais, existe, principalmente, uma série de interesses conflitantes em jogo. Conforme veremos na sequência, na atualidade, a ampla maioria dos jornalistas que pedem o registro profissional possuem graduação em Jornalismo ou Comunicação Social e a maioria deles – não maioria ampla – consideram que deve existir a exigência de diploma.

2.4. Os jornalistas brasileiros: Quem são e o que fazem?

³⁷Os ministros Gilmar Mendes, Carmem Lúcia, Ricardo Lewandowski, Eros Grau, Carlos Ayres Britto, Cezar Peluso, Ellen Gracie e Celso de Mello votaram contra a necessidade do diploma, enquanto o ministro Marco Aurélio defendeu sua obrigatoriedade.

³⁸Ver “STF decide que diploma de jornalismo não é obrigatório para o exercício da profissão. UOL Notícias” nas referências.

Cabe, agora, abordarmos o tema relativo aos profissionais do jornalismo. Para tal, nos basearemos na pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”³⁹, considerada, conforme a produção, “o mais extenso levantamento sobre características sociodemográficas, políticas e do trabalho da categoria realizado até o momento”(MICK, 2015, p. 17).

Começando pelos dados mais gerais, Lima e Mick (2013) descrevem que, no final de 2012, o jornalismo brasileiro era composto por um total de 145 mil profissionais, com 64% de mulheres e 36% de homens. Do total, 72% eram brancos, enquanto 23% se consideravam pardos/pretos. Por sua vez, 98% dos jornalistas possuíam formação superior, sendo 91,7% no curso de Jornalismo, com 61,2% egressos de universidades privadas e 40,4% com curso de pós-graduação. Este alto número de graduados entrando na profissão pode ter um vínculo com o fato de que entre os anos de 1970 a 2010, o Brasil, conforme Mick (2012), passou de 18 cursos de jornalismo abertos para 316 (mesmo com a graduação não sendo obrigatória para se exercer a profissão), oferecendo 35.509 vagas sendo, dessas, 89.8% no ensino privado e o restante no público.

De todos os profissionais jornalistas, conforme aponta a pesquisa, trabalhavam na mídia (jornais, revistas, rádio, televisão, etc) 54%; fora dela 40,4% e 5,2% trabalhavam na docência. No entanto, a pesquisa indica que 45,8% dos jornalistas trabalhavam exclusivamente em mídia, com um ou mais empregos; enquanto 36,6% trabalhavam exclusivamente fora da mídia, com um ou mais empregos, 12,2% eram profissionais com mais de um emprego em mídia e fora da mídia, 4,4% eram profissionais de mídia ou fora de mídia que também atuavam como docentes e 4,0% atuavam exclusivamente como docentes. Lima e Mick (2013) afirmam, ainda, que o número de trabalhadores com carteira assinada era ainda maior do que os contratos de prestação de serviço, *freelancer* e pessoa jurídica (PJ), embora os números de vínculos precários sejam consideráveis.

39A pesquisa foi coordenada pelo professor Jacques Mick (UFSC), em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), contando com o apoio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ). Foram colhidas respostas de 5 mil participantes, reorganizadas num plano amostral com 2.731 respondentes, utilizando como parâmetro a distribuição regional dos registros de jornalista profissional emitidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) entre 1980 e 2011. (LIMA E MICKS, 2013, p. 5)

As habilidades de jornalista são requisitadas em empresas de setores diversos. Ainda conforme a pesquisa, a mídia ainda era, até 2012, o setor de maior atuação dos jornalistas:

A pesquisa de perfil dos jornalistas indica que, nas últimas décadas, a diversificação de atividades jornalísticas clássicas na mídia efetivou-se pela multiplicação de títulos de jornais e revistas, concessões de rádio e TV e veículos de internet, principalmente no setor privado, mas também com emergente presença no setor público e no terceiro setor. Fora da mídia, a variedade de possibilidades de atuação profissional comporta, sobretudo, postos no setor público (nos três poderes e nos três níveis de governo) e em empresas privadas de assessoria de imprensa ou comunicação, mas alcança um terço dos jornalistas desse segmento em outras empresas privadas ou organizações do terceiro setor. A atuação na docência envolve 8,4% dos profissionais da área (LIMA E MICK, 2013, p. 10-11).

Conforme Mick (2015), entre os jornalistas que atuavam na mídia, as funções de repórter, editor e produtor ainda eram as principais. No entanto, 9,5% dos entrevistados mencionaram outras funções, onde se destacam as vinculadas à produção de conteúdos. Fora da mídia, as principais funções citadas na pesquisa eram as de assessor de imprensa, assessor de comunicação e redator. No entanto, eram múltiplas as tarefas que atribuídas aos jornalistas. Como exemplo podemos citar as atividades de responsável pelo zelo com a imagem de pessoas, como treinamento de equipes, planejamento de marketing e/ou de comunicação para empresas ou políticos, formação de lideranças, etc. Dessa forma, conforme o autor, era cada vez mais problemático traçar uma divisão entre as atividades exercidas pelos jornalistas e por profissionais de outras áreas. Isso ocorria porque a “diversidade de espaços de trabalho, combinada à emergência de novas funções e atividades relacionadas à convergência digital, aprofundava a fragmentação do grupo” (MICK, 2015, p.18).

Mick (2015) cita uma série dessas atividades novas, bem como as novas nomenclaturas que os trabalhos vinculados à internet acabam por trazer para antigas funções:

Funções tradicionais ligadas à apuração e à produção da informação receberam atualizações, em denominações tais como repórter de web, redator de conteúdo online ou webjornalista. Surgiram novas funções e atividades, típicas da produção para internet; as mídias ou redes sociais respondem por boa parte delas. Os rótulos indicam tanto a produção explícita de conteúdos para as redes sociais (provavelmente jornalísticos), quanto outras funções ou atividades, a exemplo de “levantamento de dados” ou “manutenção de site”. As atividades de “monitoramento” ou “análise” e as funções designadas como de “analista” merecem atenção: elas tanto podem indicar especialidades novas (acompanhamento sistemático e produção de relatórios sobre o conteúdo

publicado por concorrentes ou sobre as reações de leitores, por exemplo), quanto indicar subterfúgios utilizados pelos empregadores para subcontratar jornalistas em funções mal remuneradas ou sem garantias. Outras funções parecem indicar precariedade de vínculos de contratação, pela remissão a atividades subalternas (como os vários tipos de “assistentes”). Áreas uma vez ocupadas (ou reivindicadas) por profissionais originários do rádio, da TV ou de relações públicas são agora partilhadas por jornalistas, tais como as funções de locutor, narrador, comentarista, assessor de comunicação ou atividades como transmissão por streaming, produção de vídeos para internet ou comunicação interna. Isso parece indicar a diversificação da atuação das empresas de mídia (e dos jornalistas que nelas trabalham) para outras áreas, o que pode envolver disputas com profissionais de outras categorias. Se antes as funções clássicas de gestão respondiam por expressões como secretário ou chefe de redação, editor-chefe ou diretor de redação, surgiram agora novas designações. Gestor de projetos, coordenador ou administrador de mídias digitais ou redes sociais, consultoria operacional – todas essas funções parecem indicar a complexificação do trabalho dos jornalistas responsáveis por equipes. Algumas denominações indicam os efeitos, sobre funções ou atividades, da atuação das empresas em grupos de mídia (chefe de núcleo de rede; coordenação de links, de rede e praças). (MICK, 2015, p. 26).

O trabalho de jornalista, em suas atividades, era, ainda, marcado pela polivalência. Conforme Lima e Mick (2013), os profissionais dessa área eram, por muitas vezes, distribuídos em atividades por todo o processo de criação dos produtos jornalísticos. Como exemplo, os autores trazem o caso dos repórteres fotógrafo, que, embora correspondessem a 1,7% das funções na mídia e 0,8% fora dela, 35,4% e 47,7% dos profissionais dos dois segmentos, respectivamente, acabavam tendo que exercer a função de fotógrafo no trabalho. Mick (2015, p. 31), traz algumas passagens respondidas pelos jornalistas, as quais demonstram mais profundamente essa polivalência. Ressaltamos aqui duas delas: “Sou repórter, editor, cinegrafistas às vezes e por muitas vezes motorista. Em algumas ocasiões também edito as reportagens”; “assessor de imprensa, comunicação, editor, produtor, revisor, colunista, repórter, consultor”. Conforme Lima e Micks (2013) existe, entre os trabalhadores, um alto índice de superexploração de carga horária.

Quanto ao posicionamento ideológico dos jornalistas, os pesquisadores trazem que 49,1% dos profissionais se definiram como “à esquerda” (que inclui centro-esquerda, esquerda e extrema esquerda), enquanto 29,9% optaram por responder “nenhuma das alternativas”. Marcaram a opção “à direita” (que engloba a extrema direita, direita e centro-direita) 10,4% dos entrevistados, enquanto 7,2% optaram pela opção “centro” (LIMA E MICKS, 2013, p. 17). No que se refere à filiação partidária, 92,2% declararam não terem filiação, enquanto 7,8% declararam ser filiados a algum partido

político. No entanto, quando o assunto foi participação de movimentos sociais, associações ou organizações, um a cada três profissionais da área declarou que participava. A porcentagem dos que não participam mas já atuaram chega a 19,9% e dos que nunca atuaram fica em 45%. No que se refere a sindicatos, somente 25,2% dos jornalistas brasileiros eram filiados. (LIMA e MICKS, 2013, p.5).

Quando o assunto foi a exigência de formação para atuação na área, Lima e Micks (2013, p.18) trouxeram que 55,4% se disseram a favor de formação em Jornalismo. 22,8% diziam ser necessária a formação superior em qualquer área de conhecimento. 12% eram favoráveis a formação em jornalismo em nível de pós-graduação para os não graduados em jornalismo e 6,1% se disseram contra qualquer exigência no que diz respeito a formação.

Neste capítulo, pudemos passar por alguns pontos de grande relevância para a pesquisa realizada. De início, compreendemos as transformações do jornalismo brasileiro, desde os anos 1950 até os dias atuais. Dentre elas, destacamos a mudança na forma de financiamento jornalístico, que, de início, se dava por meio estatal e por pequenos anúncios e que, com o processo de industrialização, passou a ser 80% por meio de publicidade. Tal situação já mudou a postura dos jornais, fazendo-os se preocuparem mais com a circulação. Além disso, abordamos alterações do tipo de jornalismo – que tem base, em seus primeiros anos, no seu sucedâneo francês, de cunho opinativo e de envolvimento político; para um baseado no norte-americano, o qual separa a notícia da opinião. Trouxemos as características da imprensa no período de Ditadura Militar brasileira, que passou por momentos de apoio por parte da grande mídia para uma espécie de resistência, nos piores anos de repressão. Trabalhamos com a evolução tecnológica da mídia nessa época, se beneficiando do financiamento estatal. Abordamos também, nos anos 1980, a relação entre jornalismo e mercado, onde destacamos a transformação dos jornais a fim de agradar o público, colocando-se como um “produto” que é destinado a um “cliente”. Discutimos ainda a mídia nos anos 1990 e a entrada do jornalismo no mundo da internet. Tal contexto trouxe a necessidade da adaptação dos profissionais da área, uma vez que o jornalismo passava a ingressar em um novo meio, com suas peculiaridades, como a multimídia. Junto a este cenário vieram, nos anos seguintes, ainda mais modificações, como o ganho de força

das mídias alternativas, principalmente desde 2013, bem como com a entrada de empresas internacionais de jornalismo no mercado brasileiro, abordando pautas locais.

No que se refere ao jornalismo gaúcho, notamos suas particularidades, como o fato de alguns jornais se anunciarem, ainda nos anos 1920, como publicações imparciais e sem envolvimento político, apesar de, em anos posteriores, constatarmos o contrário⁴⁰. Trouxemos a evolução do jornalismo gaúcho, norteado desde cedo pelo caráter empresarial. Indo na direção contrária desse tipo de jornalismo, notamos o Interior gaúcho contando com uma mídia política, mas que, ao longo dos anos, tentou se adaptar à racionalidade econômica tida como característica orientadora dos grandes meios de comunicação da capital. Abordamos também a mídia gaúcha como indústria cultural, onde discorremos sobre exemplos de jornais impressos que acabaram se unindo com rádiojornais e, mais adiante, com telejornais. Trouxemos, ainda, a soberania da família Sirotsky, que começa a ter uma presença expressiva nos anos 1980 e se mantém até hoje, principalmente impulsionada pela relação entre a empresa e a Rede Globo de Televisão. Por último, versamos sobre o cenário atual, o qual ainda conta com a supremacia supracitada, mas que conta com seus pontos de resistência da mídia do Interior do estado, principalmente impulsionados pela internet.

Tentando dar conta de todos os meandros que circulam nosso objeto de pesquisa, trouxemos ainda a regulamentação da profissão de jornalista. Abordamos as suas discussões ao longo dos anos, passando pelo decreto da necessidade do diploma, em 1944, até a decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2009, a qual colocou a não necessidade da formação para exercício da profissão – veredito que se mantém até hoje. E, finalizando o capítulo, trouxemos uma série de dados mais recentes sobre os profissionais jornalistas brasileiros. Através deles, constatamos uma grande especialização no campo jornalístico, onde 91% dos profissionais possuem formação em jornalismo (apesar da não necessidade do diploma) e 40,4% possuem pós-graduação. Apontamos ainda que parte dos jornalistas trabalham fora da mídia (40,4%) e que a profissão é marcada pela polivalência, em que são exercidas uma série de novas funções, principalmente introduzidas a partir do contato com a internet.

⁴⁰Como o caso da oposição do Correio do Povo, que se anunciava como um jornal sem lado político, à Getúlio Vargas.

A partir de agora, tendo trazido esse panorama do jornalismo brasileiro, gaúcho, da regulamentação da profissão e do perfil dos jornalistas, cabe abordar os aportes teóricos que nos auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa. Nos baseamos, principalmente, nas obras teóricas dos autores franceses Pierre Bourdieu e Bernard Lahire.

3. Quadro teórico: da teoria dos campos a do ator plural

Trabalharemos aqui com as perspectivas teóricas que guiaram a pesquisa empírica. De início, por nos propormos a interpretar o jornalismo a partir da teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, buscamos compreender esse conceito através das produções “A distinção: críticas sociais do julgamento” (2007b), “O campo político” (2011) de Bourdieu, além de “Una invitación a la sociología reflexiva” (2008), de Pierre Bourdieu e Luïc Wacquant. Na sequência, para tratarmos da socialização dos atores e de suas disposições incorporadas, utilizamos, principalmente, as obras “Homem plural: os determinantes da ação” (2002) e “Retratos sociológicos: disposições e variações individuais” (2004) de Bernard Lahire⁴¹.

3.1. O conceito de campo de Pierre Bourdieu

O sociólogo francês Pierre Bourdieu⁴², em sua vasta obra, cria ou dá nova interpretação para uma série de conceitos que podem vir a nos ser de utilidade. O conceito de “campo”, a ser tratado aqui, é um dos principais a serem utilizados.

Para Pierre Bourdieu, uma sociedade altamente diferenciada – como a que vivemos – não deve ser compreendida como uma unicidade, sem brechas, integrada por funções que se configuram de forma sistemática (assim como para Durkheim), com uma cultura comum, pois os conflitos tendem a ser fundamentais na sua constituição. Conforme o sociólogo francês, devemos entendê-la como um conjunto de esferas (campos), em que se efetivam permanentemente determinados jogos específicos, que

⁴¹Ambas as perspectivas teóricas que adotaremos são tentativas de superação do dualismo estrutura x ação, muito presente nas ciências sociais. Dessa forma, tomamos como pressuposto a importância tanto das estruturas quando da agência dos indivíduos

⁴²Falecido no ano de 2002, filósofo de formação e ex-professor da École de Sociologie du Collège de France.

não podem ser definidos por uma lógica geral, “seja do capitalismo, da modernidade ou pós-modernidade” (BOURDIEU, 2008, p. 42, tradução nossa).

Dessa forma, os campos são conceituados pelo autor como microcosmos – espaços sociais simbólicos – que se encontram dentro de um espaço social mais geral. No interior desses campos, pode ser identificado um grande número de “propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular” (BOURDIEU, 2011). Essa particularidade tem ligação direta com outra característica dos campos: a autonomia relativa. Isso significa que esses campos acabam por se autonomizar do espaço social geral, embora muitas vezes eles sofram influência de outros campos. A fim de ilustrar essa influência entre os campos, podemos trazer o caso do campo científico. Esse espaço social simbólico é influenciado por outros campos, como por exemplo, o da política. No caso Brasileiro, por exemplo, onde existem ⁴³ algumas formas de financiamento estatal de pesquisas científicas, se uma determinada gestão se propõe a cortar ou diminuir as verbas destinadas a este fim, acaba por influenciar o campo científico.

Os diversos campos possuem suas próprias formas de funcionamento, lógicas, regras, leis e critérios de avaliação, sendo que estes últimos não são transferíveis de um campo para outro. Isto é, esses componentes são envoltos por uma lógica de sentido do campo em questão que pode não valer para outros espaços sociais. A lógica de um campo pode ser maleável, existindo a possibilidade de ser moldada de acordo com mudanças nas suas configurações. Essas modificações se dão no decorrer dos processos que ocorrem no campo – como uma mudança na sua hierarquia, por exemplo, a qual acarreta alterações na estrutura –, uma vez que ele detém um certo grau de indeterminações. É importante ressaltar, ainda, que os campos possuem subcampos. Como exemplo, podemos trazer o caso da Sociologia, que é um subcampo das Ciências Sociais, que, por sua vez, é um subcampo da ciência, de forma mais ampla.

⁴³Até a data de publicação da pesquisa, uma vez que questões relativas a esse assunto vêm sendo debatidas pela atual gestão e as formas de financiamentos à ciência ameaçados.

Quem pretende entrar em determinado campo muitas vezes acaba tendo que passar por uma série de transformações. Essas modificações têm ligação direta com o conceito de *habitus*⁴⁴ que acaba por ser incorporado, consciente ou inconscientemente, no indivíduo. A pena no caso de uma transgressão é, muitas vezes, o fracasso no campo (BOURDIEU, 2011).

Os membros dos campos estão em constante conflito e competição pelo monopólio, assim como em um campo de batalha (BOURDIEU, 2008). O que determina quais agentes conseguem alcançar os melhores cargos ou funções são os capitais materiais e simbólicos. Esses capitais funcionam como “moedas”, e determinam as situações de dominantes – que ditam as regras e possuem vantagens – e de dominados – que acabam por acatar as regras impostas pelos dominantes e não possuem as melhores posições.

Assim, quem possui mais capital específico (cada campo valoriza mais determinado capital), tem mais “poder” dentro desse campo. Como exemplos de capitais dominantes, podemos citar os capitais econômico, social, político e cultural. No entanto, eles podem variar de acordo com cada campo, uma vez que Bourdieu deixa sua teoria em aberto para compreender o funcionamento de diferentes espaços sociais.

Com a finalidade de imergir um pouco mais em um dos exemplos, que nos permita ver um caso empírico, podemos retomar o campo científico. Conforme aponta Bourdieu (2007a), nesse espaço social está em disputa a autoridade científica, que pode ser definida como a capacidade técnica e o poder social:

El campo científico como sistema de las relaciones objetivas entre las posiciones adquiridas (en las luchas anteriores) es el lugar (es decir, el espacio de juego) de una lucha de concurrencia, que tiene por apuesta específica el monopolio de la autoridad científica, inseparablemente definida como capacidad técnica y como poder social, o, si prefiere, el monopolio de la competencia científica, entendida en el sentido de capacidad de hablar y de actuar legítimamente (es decir de manera autorizada y con autoridad) en materia de ciencia, que está socialmente reconocido a un agente determinado. (BOURDIEU, 2007a, p. 76)

Apesar de todos os campos possuírem suas especificidades e peculiaridades, eles possuem, em maior ou menor grau, as características observadas anteriormente. O campo do jornalismo, tratado nesta dissertação, não foge dessa lógica. Tendo em

⁴⁴O qual trataremos mais a frente.

vista do que estamos tratando quando falamos em “campo”, partiremos agora para o referencial teórico que supre a outra necessidade colocada pelo trabalho: a tradição disposicionalista sob a perspectiva de Bernard Lahire. No entanto, no decorrer do trabalho, aplicaremos as propriedades colocadas aqui como caracterizadoras de um campo na visão bourdieusiana.

3.2. Bernard Lahire e a tradição disposicionalista

Bernard Lahire ⁴⁵ é um sociólogo francês que se insere na tradição disposicionalista (com base em Pierre Bourdieu), a qual leva em consideração, para analisar as práticas e os comportamentos sociais, o passado incorporado nos atores individuais (LAHIRE, 2004, p.21).

Por mais que se enquadre dentro dessa mesma tradição, Lahire procura diferenciar sua produção teórica. A fim de apresentar sua proposta, o autor faz uma leitura crítica de uma série de outros autores que se enquadrariam dentro da mesma tradição. Lahire (2004) questiona a teoria de Norbert Elias, por exemplo, afirmando que o autor foca mais “nas redes ou configurações de interdependência que os indivíduos formam entre si e em suas limitações sobre os comportamentos e decisões de cada um deles, do que na articulação entre ‘paralelogramas das forças’ e o passado incorporado pelos indivíduos socializados” (LAHIRE, 2004, p. 21). Questiona também a Boltanski e Thévenot, caracterizando seus trabalhos como “caricaturizações das teses disposicionalistas e da teoria do *habitus*” (LAHIRE, 2004, p. 21). Além disso, tece críticas à própria teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu – apesar de reconhecer o autor como o maior esforço de explicação quando se trata de teoria disposicionista da ação (LAHIRE, 2004, p. 25). Desta forma, conforme colocado por Lahire, a proposta, quando se trata da sua produção, é de pensar, ao mesmo tempo, com, contra e, certamente, diferente de Bourdieu (LAHIRE, 2002, p.11). Para compreendermos melhor a crítica, cabe aqui definir brevemente o conceito de *habitus* de Bourdieu.

⁴⁵Professor da *École Normale Supérieure*, e diretor do grupo de pesquisa sobre socialização no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), em Lyon, na França.

A noção de *habitus* tem seus primórdios na filosofia antiga. Conforme Wacquant (2007), esse termo se origina na obra de Aristóteles, e é resultado da tradução da palavra *hexis*. Esse termo, na produção do filósofo, era utilizado para designar características do corpo e da alma, as quais teriam sido obtidas através do processo de aprendizagem (SETTON, 2002, p.60). O termo volta a ser utilizado por um dos considerados “pais” da sociologia, Émile Durkheim. Nesse contexto, era utilizado para abordar um estado geral dos indivíduos que acaba por orientar as suas ações de forma durável, através de uma relação muito coerente com o mundo. Para Durkheim, o termo se aplicava a duas ocasiões: sociedades tradicionais e regimes de internato. No caso das sociedades tradicionais, o autor colocara que, devido às condições externas muito semelhantes e de tudo ser comum a todos, existia uma possibilidade muito pequena de serem criadas diferenciação e variação no desenvolvimento individual. Já quando tratava dos internatos, Durkheim abordava a educação cristã, a qual envolvia as crianças de tal forma que a referência dada a elas era única e constante. Os internatos se tratam de pensionatos acrescidos de escolas, onde os alunos moram e estudam. Dessa forma, não existe vivência fora da lógica imposta.

Em “Estrutura, habitus e prática”, de 1982, Pierre Bourdieu retoma o conceito, trazendo um sentido original. Bourdieu se aproveita das reflexões de Erwin Panofsky⁴⁶ sobre a relação entre o pensamento escolástico e a arte gótica para propor um problema sociológico. Para Bourdieu, não basta se colocar em questão apenas a comparabilidade dessas esferas. Considera necessário abordar as condições e os princípios que fazem com que essa comparação seja possível (SETTON, 2002, p. 62). Bourdieu coloca que Panofsky teria abordado, em seu estudo, o fato de que as ideias e imagens daquele período teriam sua gênese na educação obtida nas escolas, as quais produziam, consciente e inconscientemente, indivíduos com um sistema de esquemas, o qual constituía sua cultura e seu *habitus*. (SETTON, 2002, p. 62). Conforme relata Bourdieu (2000, p. 61), quando abordou esta questão, seu desejo era “reagir contra o estruturalismo e a sua estranha filosofia da ação que, implícita na noção levi-straussiana de inconsciente, se exprimia com toda a clareza entre os althusserianos, com o seu agente reduzido ao papel de suporte [...] da estrutura”. Dessa forma, o

⁴⁶Nascido na Alemanha em 1892 e falecido em 1968. Crítico e historiador de arte.

habitus, para Bourdieu, é um conceito que permite superar a dualidade ação *versus* estrutura, que vinha sendo uma das questões centrais nas ciências sociais, tratando-o como uma combinação de estruturas incorporadas com a agência do ser.

Indo a uma definição mais precisa do conceito, podemos apontar que, conforme Bourdieu (2000, p. 61), o *habitus* trata de um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integram todas as experiências anteriores – conhecimento adquirido nos mais diversos espaços e momentos de socialização. Esse acúmulo de experiências vivenciadas pelos indivíduos acaba funcionando como uma matriz de percepções, apreciações e ações. Essa matriz acaba por propiciar a execução de determinada ação através das transferências analógicas de esquemas de ação que permitem ao ator resolver os problemas semelhantes da mesma forma e graças às correções incessantes produzidas dialeticamente devido aos resultados obtidos. Dessa forma, o *habitus* se torna uma espécie de “*haver*”, um capital⁴⁷, sendo “quase postural” (BOURDIEU, 2000, p. 61). Ou, em outras termos mais empíricos:

(...) os *habitus* são princípios geradores de práticas distintivas e distintas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é bom e mau, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretencioso para outro ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Assim, socializações parecidas, devido às condições de existência semelhantes, formariam *habitus* que tenderiam a ser parecidos. Formar-se-ia, assim, uma “espécie de senso de homologia entre bens e grupos, que define o gosto: ao proceder a uma escolha segundo seus gostos, o indivíduo opera a identificação de bens objetivamente adequados à sua posição e ajustados entre si por estarem situados em posições sumariamente equivalentes a seus respectivos espaços” (BOURDIEU, 2007b, p. 217).

Dessa forma, operários, por exemplo, teriam uma maior probabilidade de gostar de determinado segmento de música, de saídas culturais, de filmes, de roupas, mobília,

⁴⁷Conforme definido anteriormente, os capitais podem ser vistos como “moedas” que acabam por determinar as situações de dominantes – que ditam as regras e possuem vantagens – e de dominados em um determinado campo.

etc enquanto empresários teriam maior probabilidade de apreciar outros tipos, dentro das mesmas categorias. Essa lógica serviria para outras coisas como, por exemplo, o posicionamento político. Conforme esquema espacial elaborado por Bourdieu (2007b, p. 423) para o caso francês, grandes comerciantes e profissionais liberais estariam mais próximos de um posicionamento identificado como de direita, enquanto trabalhadores braçais estariam mais próximos do comunismo e artistas e intelectuais mais identificados com o Partido Socialista.

Uma crítica de Lahire à teoria do *habitus* está no seu aspecto unificador. O autor aponta que tal teoria se torna útil para modelos macrossociológicos, mas que, no entanto, quando se passa a uma escala micro, encontra-se problemas:

(...) pode se tomar enganoso e caricatural quando não tem mais o status de exemplo, mas é tomado como um caso particular do real. Porque a realidade social encarnada em cada ator singular é sempre menos lisa e menos simples que aquele. Além disso, se os cruzamentos das grandes pesquisas nos indicam as propriedades, atitudes, práticas, opiniões, etc., estatisticamente mais ligadas a este grupo social ou aquela categoria social, não nos dizem que cada indivíduo, que compõe o grupo ou a categoria, nem sequer a maioria deles, reúne a totalidade, nem mesmo a maioria, dessas propriedades. (LAHIRE, 2002, p. 18)

Na obra “A cultura dos indivíduos” (2006), por exemplo, Bernard Lahire desmistifica os dados apontados por Pierre Bourdieu em “A distinção”(1979). Mostra, através de dados secundários, que as fronteiras culturais entre as diferentes profissões e classes não são tão marcadas quanto Bourdieu apresenta e, que o que ocorre, de fato, é uma pluralidade nos gostos.

Para além disso, o contexto de criação dessas teorias mostra o porquê da teoria do *habitus* não suprir as necessidades das pesquisas contemporânea. Lahire (2002) coloca que a teoria do *habitus* é concebida para captar uma sociedade pouco diferenciada, e que as sociedades atuais são altamente heterogêneas. Atualmente, a socialização ocorre através de múltiplos princípios e de múltiplas vivências. Os indivíduos frequentam uma série de instituições diferentes, que podem ter demandas diversificadas, concorrentes e até contraditórias, as quais influenciam na sua socialização.

O que vivemos com nossos pais, na escola, no colégio, com os amigos, com os colegas de trabalho, com membros da mesma associação política, religiosa ou cultural não é necessariamente cumulável e sintetizável de maneira simples... Sem ser preciso postular uma lógica de descontinuidade absoluta ao pressupor que esses conceitos são radicalmente diferentes entre si, e que atores saltam a

cada instante de uma interação à outra, de um domínio de existência a outro, sem nenhum sentimento de continuidade, pode-se pensar – e constatar empiricamente – que todas essas experiências não são sistematicamente coerentes, homogêneas nem totalmente compatíveis e que, no entanto, nós somos seus portadores. (LAHIRE, 2002, p.32)

Lahire (2002) coloca em questão, inclusive, as configurações familiares nas classes populares. Argumenta, com base em pesquisas anteriores (LAHIRE, 1995), que as configurações familiares estudadas levaram a constatar a heterogeneidade das famílias desses estratos sociais. O autor aponta que é raro encontrar configurações familiares homogêneas, tanto cultural como moralmente nas classes populares e que são poucos os casos que levariam à existência de um *habitus* familiar coerente, que produziria disposições gerais inteiramente orientadas para as mesmas direções.

Podemos apontar, ainda, que, na atualidade, para além dos múltiplos espaços e contatos físicos nos quais os sujeitos interagem, a internet possui o poder de ampliar o contato com pessoas e experiências diferentes, que acabam por influenciar, também, as disposições de cada ator. Nesse sentido, poderíamos esperar por nos encontrarmos com uma sociedade cada vez mais heterogênea.

Outra característica do conceito de *habitus* de Bourdieu que acaba se tornando alvo das críticas de Lahire é a noção de transponibilidade ou transferência. Conforme aponta Lahire (2002), essa ideia – segundo a qual esquemas ou disposições estariam dispostas a serem ativados em contextos diferentes, mas análogos daqueles que foram adquiridos – tem seu cerne na obra de Jean Piaget⁴⁸, através do conceito de esquema de ação.

Em seus estudos, o autor suíço apontava, através de pesquisas empíricas com crianças, que a permuta entre o indivíduo e o meio resultariam em organizações ou aptidões mentais – esquemas de ação – que se modificam ao longo do seu desenvolvimento, se configurando como estruturas variantes e invariantes. Esses esquemas de ação podem ser definidos como aquilo que numa ação é transponível e generalizável ou diferenciável de uma outra ação ou, em outras palavras, o que existe de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação.

O conteúdo desses esquemas de ação poderia nos dizer o que esperar de determinado ator em um determinado momento, devido ao fato de que, “as

48Nascido na Suíça, em 1896. Foi biólogo, psicólogo e epistemólogo.

propriedades fundamentais do funcionamento intelectual são as mesmas, sempre, apesar da ampla variedade de estruturas cognitivas que este funcionamento gera, que são as invariantes funcionais” (MATOS, 2008, p. 6). Assim, através da interação com o meio, existiriam algumas possibilidades: a primeira delas seria aplicar determinado esquema de ação já construído e fundamentado na estrutura cognitiva – como, por exemplo, o ato de mamar no peito materno, que é construído como um esquema de ação na estrutura cognitiva da criança e, logo, é seguido pela execução do mesmo ato na chupeta, no polegar e na mamadeira. A segunda se daria em uma situação na qual, devido a demandas do meio, os esquemas de ação presentes no sistema cognitivo não seriam capazes de responder adequadamente. Desta forma, seria gerado um desequilíbrio, que resulta em uma reorganização e adaptação deste esquema de ação (MATOS, 2008).

É trazida, aqui, uma concepção ideal e linear de aplicação de uma mesma lógica de ação a outro contexto. Se afirma que, através das múltiplas experiências, a criança generaliza o esquema ao aplicar em outros objetos, situações e contextos semelhantes e que ocorre, desta forma, uma conservação de estado psíquico (LAHIRE, 2002, p. 82-83). Conforme, Lahire (2002), esses conceitos podem ser reduzidos à noção de “como fazer o novo com o velho” ou “como continuar a fazer o velho a partir do novo”. No entanto, fora dessas duas possibilidades, Lahire (2002, p. 82) aponta que Piaget previa, ainda, esquemas de ação que não seriam tão gerais e não levariam a operações interiorizadas tão abstratas.

Lahire (2002) aponta que Bourdieu se utiliza da parte relativa à transponibilidade do esquema de ação, mas esquece os esquemas menos gerais, que poderiam ser identificados em tipos particulares de contexto. Dessa forma,

(...) a disposição é explicitamente considerada como socialmente constituída através das condições de existência, o sociólogo generaliza e reifica, em traços disposicionais constantes, permanentes e transponíveis, as atitudes, os tipos de reação e de ação, etc, tirando da observação direta dos comportamentos num contexto restrito ou, mais frequentemente, através da sua reconstrução através da entrevista (LAHIRE, 2002, p.81).

Lahire realiza, a partir disso, uma série de questionamentos: indaga sobre a possibilidade de, em vez de se atualizarem e dilatarem, os sistemas de ação se encontrarem inibidos ou desativados, para dar lugar a novos esquemas de ação – não

conectados com os obtidos anteriormente. Pergunta-se, ainda, sobre a possibilidade da existência de situações que não podem ser facilmente assimiladas pelos atores porque os sistemas de ação adquiridos anteriormente não conseguem atuar. Como exemplo, podem ser citados os casos trabalhados em “Sucesso escolar nos meios populares” de Lahire, onde são trazidos vários níveis de adaptação ao passado incorporado (LAHIRE, 2002).

Lahire coloca, a partir disso, a dificuldade de se apontar para essa hierarquia e generalidade de esquemas – tal como utilizado por Bourdieu. Afirma que as demandas de formas de se agir – e, logo, os esquemas de ação – podem variar conforme o contexto (de um ambiente para outro ou de uma relação para outra). Seguindo essa linha interpretativa, reitera: “o que é adequado para o ator enquanto pai (em relação ao seu filho) não o é enquanto filho (em relação ao pai), o que é satisfatório e pertinente em um universo social (por exemplo, profissional ou escolar) não o é mais no outro (por exemplo, familiar)” (LAHIRE, 2002, p. 83).

A partir dos apontamentos sobre a teoria do *habitus*, como o que diz respeito à heterogeneidade dos indivíduos, bem como “as reflexões sobre as diferentes formas de reflexividade na ação, sobre a pluralidade das lógicas da ação, sobre as formas de incorporação do social e o lugar da linguagem no estudo da ação e dos processos de interiorização” (LAHIRE, 2002, p.11), Lahire propõe um olhar microssociológico para observar as diferenças entre os atores em espaços homogêneos a partir de sua teoria do ator plural, a qual referiremos neste estudo.

3.2.1. O fruto da crítica: a teoria do ator plural

Criança, adolescente, adulto, jogador(a) de futebol, colecionador(a) de CD's, estudante de direito, filiado(a) ao partido x, avô(ó)... Em todas essas situações possíveis de serem passadas durante a vida, o indivíduo é designado pelo mesmo nome e sobrenome, como uma unicidade (LAHIRE, 2002). No *currículo vitae* os atores são levados a criar uma sintética narrativa sobre sua trajetória, e o fazem colocando ordem e coerência onde, na verdade, não há (LAHIRE, 2002). O mundo social possui “instrumentos” – como o próprio *currículo*– que acabam por apresentar os atores como “unicidades coerentes”. Socialmente, no entanto, os indivíduos passam

por diferentes estados e fases, vivenciando uma série de experiências durante suas vidas que são, muitas vezes, conflitantes e incoerentes entre si. O indivíduo, nesse contexto, dificilmente não é afetado por essa multiplicidade e complexidade. Assim, através dessas múltiplas variações de contextos e vivências, o ator vai se tornando “fatalmente portador de esquemas de ação ou hábitos heterogêneos e até contraditórios” (LAHIRE, 2002, p.22).

Para Lahire, dessa forma, um ator é fruto dessas múltiplas experiências e socializações em contextos sociais heterogêneos. No curso de sua vida, participa de universos sociais variados – muitas vezes até conflitantes – nos quais ocupa diferentes posições. Como bons exemplos dessas multiplicidades de vivências, podemos trazer o caso dos chamados “transfugas de classe”. Este termo pretende abarcar aqueles atores que acabam por circular entre dois ou mais espaços onde os hábitos são diferentes. É o caso, como cita Lahire (2002) de “bolsistas” de escolas, que acabam por vivenciar uma realidade no período em que estão imersos nas atividades da escola e outra – muitas vezes completamente diferentes – no período em que passam com a família⁴⁹. É importante ressaltar, ainda, que nessa disputa entre diferentes espaços, pode ocorrer uma mudança de “ponto de referência”. Onde antes se tinha como referência principal a família, “ao se confirmar o sucesso escolar, é o universo escolar que predomina e se torna o ‘ponto de referência’” (LAHIRE, 2002, p. 44).

Através dessas múltiplas vivências, cada ator incorpora uma série de esquemas de ação (sensório-motores, de percepção, de avaliação e de apreciação), de hábitos (de pensamento, de linguagem, de momento), que se organizam em repertórios. A coerência ou não dos hábitos ou esquemas de ação depende, conforme Lahire (2002), da coerência dos sistemas de socialização aos quais eles são sujeitados. No entanto, por tratarmos, atualmente, de sociedades fortemente diferenciadas, podemos

⁴⁹ “Eu empregava minhas novas palavras apenas para escrever, restituía a elas sua única forma possível para mim. Não chegava até a boca. Expressão oral desajeitada apesar dos bons resultados, escreviam as professoras na caderneta escolar... Levo em mim duas linguagens, os pequenos pontos negros dos livros, os gafanhotos malucos e graciosos, ao lado das palavras gordas, grossas, bem apoiadas, que se afundam no ventre, na cabeça, fazem chorar, no alto da escada, sobre as caixas de biscoito, rir de baixo do balcão...” (ERNAUX, 1974, p.77 *apud* LAHIRE, 2002, p.44). Nos utilizamos dessa citação com a finalidade de trazer um exemplo biográfico de uma transfuga, que demonstra a vivência entre dois mundos e os efeitos disso na fala e na escrita.

compreender que existem, nas socializações, diferentes perspectivas, muitas vezes até conflitantes.

Esses repertórios – provindos desse conjunto de vivências socializadoras anteriores – ajudam os atores a distinguirem os mais variados contextos sociais e a saberem como agir em cada um deles (LAHIRE, 2002). O ator aprende, assim, o que se faz ou se diz conforme o contexto, e que aquilo não se faz ou se diz em outros. Lahire utiliza uma metáfora desses esquemas de ação como produtos de um estoque. O conteúdo desse estoque não é necessário em todos os momentos nem em todos os contextos. Fica à disposição, à espera de desencadeadores da sua mobilização.

Através dessas vivências, contatos, socializações, o indivíduo cria disposições. Esse passado sedimentado se converte nas características disposicionais de um ator, suas “propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistências, maneiras de ser” (LAHIRE, 2004, p. 27) relacionados a como o indivíduo vê, sente e age perante o mundo.

Considera-se, dessa forma, que toda disposição incorporada possui uma gênese, um nascimento, e o esforço do pesquisador deve consistir em identificar sua constituição e as condições sociais de sua produção. No entanto, essas disposições só podem ser identificadas pelo pesquisador através de uma série de comportamentos, atitudes e práticas mais ou menos coerentes, sendo impossível apontar como disposição algo que surge a partir do registro ou observação de apenas um acontecimento. Isso porque, conforme o autor, “como a disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração, isto é, mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes” (LAHIRE, 2004, p. 27).

Essas disposições podem ser reforçadas (quando são muito solicitadas, se fazem muito presentes no dia a dia do indivíduo). No entanto, o oposto também ocorre. O não exercício de uma disposição pode acabar enfraquecendo-a. Como exemplo, podemos citar o envolvimento político – militância – em um determinado partido. O exercício dessa atividade cotidianamente, como a participação em espaços e atos de um partido político, fará com que o indivíduo tenha disposições fortes quanto a pensar de determinada forma (conforme a ideologia daquele partido), bem como contar com

um modo de fazer que vai ao encontro dessas vivências. No entanto, se em um determinado momento da vida existir um afastamento dessas vivências e espaços, pelos mais diversos motivos, essas disposições tenderão a se enfraquecer.

Essa repetição cria, também, os chamados hábitos. Lahire (2002) faz uma divisão entre hábitos corporais, gestuais, sensório-motores e hábitos reflexivos, deliberativos, racionais ou calculados. Conforme o autor, ambos são construídos socialmente, através da repetição e do treinamento formal e informal. No princípio de todo o hábito existe a repetição de ações. Através dessa repetição, muitas vezes essas ações se tornam involuntárias. Como afirma Lahire (2002, p. 76), é nadando que se aprende a nadar. Contam, aqui, tanto hábitos de ação causados por acúmulo e repetição – de forma voluntária ou involuntária – organizadas pedagogicamente, quanto tirados de experiências sociais mais espontâneas.

Nessas ações muitas vezes involuntárias o ator deixa a consciência livre para o hábito da reflexão. Podemos citar como exemplo o hábito de fechar a porta de casa quando se sai, ou o de fazer uma marcha enquanto se dirige um carro. Depois que se repete isso múltiplas vezes, o ator atua deixando o hábito da reflexão livre para pensar em outros assuntos. No entanto, o hábito da reflexão corrige e retifica sem cessar o hábito da ação. Isso se dá porque, muitas vezes, as circunstâncias nas quais a ação se dá não permitem a ausência total da reflexão (LAHIRE, 2002, p.77). É salutar afirmar que isso pode ser claramente aplicado, inclusive, na profissão de jornalista (a qual é abordada aqui). No trabalho diário, muitas vezes, se repete a mesma ação a ponto de torná-la um hábito. Isso vai desde o manuseio dos equipamentos até técnicas de texto, por exemplo. No entanto, muitas vezes o contexto faz com que o hábito reflexivo tenha de intervir.

Outra característica importante, que é apontada por Lahire (2004), é que as disposições não são obrigatoriamente gerais e transcontextuais (conforme seriam na teoria do *habitus* de Bourdieu), ativadas em todos os momentos da vida do ator. De um contexto para o outro, as disposições podem mudar. Uma disposição não é uma resposta mecânica a determinado estímulo, mas sim uma maneira de ver, sentir ou agir que acaba muitas vezes por se ajustar, com flexibilidade, aos diferentes contextos pelos quais o indivíduo passa. A forma como o ator atua em casa não será a mesma que

atuará no trabalho, por exemplo. Existe uma grande diferença nas demandas comportamentais desses espaços.

Deve-se compreender, também, que, conforme afirma Lahire (2004), as disposições são uma realidade construída que nunca se observa diretamente. Dessa forma, falar sobre disposições pressupõe um trabalho de interpretação. Portanto, as disposições se revelam apenas por meio da interpretação, por parte do pesquisador⁵⁰, de múltiplos traços coerentes ou contraditórios, das ações e opiniões dos atores estudados, podendo ser produto, conforme Lahire (2004), da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica. A partir desses materiais, levando em consideração uma série de informações que dizem respeito ao passado, ao comportamento e a como o ator age e reage às situações, o pesquisador tenta formular o princípio que dá origem aos comportamentos (LAHIRE, 2004, p. 22).

Devem ser consideradas, também, na formulação dessas interpretações, as diferentes pressões sociais provindas dos diferentes contextos que o ator enfrenta:

Em vez de considerar cada momento da trajetória individual como algo lógico em um percurso linear, postulando de antemão que não só cada indivíduo pode ser caracterizado por uma única fórmula (em vez de diversas fórmulas complementares ou concorrentes) que gera seus comportamentos, escolhas, decisões, mas também que ele está sujeito a forças sociais não necessariamente coerentes, quando é levado a optar por estudos, a orientar-se profissionalmente, a decidir o local e a natureza de suas férias... (LAHIRE, 2004, p. 35)

As negociações, as crises, as dúvidas, as hesitações, as resistências, etc, às diferentes situações, como a escolha de emprego, de faculdade, entre outros, são momentos onde existem uma série de apetências e disposições em disputa, as quais são frutos das interações das várias influências externas (todas as pessoas que se encontram de alguma forma ao redor do ator) e das competências, apetências e disposições internas. É importante salientar aqui que nesse jogo nem todos os lados têm a mesma força (LAHIRE, 2004). Devem ser consideradas, também, as diferenciações do mundo social, como por exemplo as condições de existência – questões ligadas ao dinheiro, por exemplo, podem ser chaves nas tomadas de decisão

⁵⁰Conforme o autor, apesar de o ator descrever o que sente, o que faz e o que pensa, ele não conhece o que determina, interna e externamente, que aja, pense ou sinta de tal forma (LAHIRE, 2004).

de determinado ator –, bem como o sexo, a raça, e todas as demais diferenciações sociais nas quais o indivíduo pode se inserir e que podem ser influenciadoras dessas decisões.

Fazendo um contraponto com essa multiplicidade de fatores das sociedades diferenciadas que acabam por influenciar a formação desse ator plural (tanto as disposições dos atores, quanto suas escolhas, etc), Lahire (2002) argumenta que quando tratamos de um universo em particular – o profissional, por exemplo – existe uma possibilidade de este ser visto como uma espécie de instituição total: “quando a profissão é dotada de um ‘sentimento de grupo’”(LAHIRE, 2002, p. 27). Essas profissões reproduzem – dentro de seus limites, uma vez que os atores nunca podem ser reduzidos ao seu “eu” profissional – condições de socializações coerentes e homogêneas (LAHIRE, 2002).

Baseando-se em Halbwachs (1976), Lahire (2002, p. 28) aponta que muitas vezes são impostas determinadas regras e práticas e os sujeitos se deixam tomar pelo dito corporativismo. Isso se dá pelo histórico das profissões, porque os membros encontram-se em frequente relação, realizando as mesmas funções e operações, e compartilham um sentimento de que seus trabalhos se completam para perseguir uma obra comum. A fragilidade dessa espécie de totalidade é facilmente apontada, uma vez que os membros desse grupo muitas vezes estão, também, em contato com muitos outros atores que possuem diferentes perspectivas, que podem vir a fragilizar ou amortecer este espírito. No entanto, em profissões que necessitam que se mantenha uma “coerência”, como os juízes, por exemplo, existe uma necessidade de se interpor certas barreiras para resistir às influências externas. Essas barreiras se dão, dessa forma, no momento da comunicação entre as partes envolvidas, pelas roupas utilizadas, pelos ambientes, pela distância que separa os envolvidos, etc (HALBWACHS, 1976 *apud* LAHIRE, 2002).

Apesar de os vários fatores que podem vir a influenciar nas propensões de atos, sentimentos e visões, o autor faz uma ressalva: aponta a necessidade de não se deixar cair em um empirismo radical, que captaria apenas “pulverizações de identidade de

papéis, comportamentos, de ações e de reações sem nenhuma espécie de ligações entre eles” (LAHIRE, 2002, p.22).

Procuramos, neste capítulo, expor as perspectivas teóricas que tomamos como lentes para enxergar o social. Na primeira parte do capítulo, trouxemos a perspectiva teórica que escolhemos para compreender o jornalismo – a teoria dos campos, de Pierre Bourdieu. Conforme trabalhamos, segundo essa teoria, em suma, os campos são microcosmos – espaços sociais simbólicos – que se encontram dentro de um espaço social mais geral, embora se autonomizem dele. Estes campos possuem sua própria forma de funcionamento, lógica, leis e critérios de avaliação e são influenciados por outros campos. Outra característica importante retomada foram os conflitos internos pelo monopólio do campo: nesses embates, os capitais materiais e simbólicos definem as melhores posições e, logo, as vantagens em cada espaço social.

Avançando, trouxemos a teoria que serviu para compreender como se dá a forma de ver, sentir e agir dos indivíduos. Dividimos esta parte em duas: uma referente à tradição disposicionalista, que traz as bases para a elaboração da teoria do ator plural e, depois disso, a teoria utilizada – do Ator Plural, de Bernard Lahire – com seus apontamentos e nuances. Na primeira delas, trouxemos a gênese do termo *habitus* e suas utilizações por alguns autores. Na sequência, abordamos a teoria do *habitus*, de Pierre Bourdieu, a qual serve de base para a teoria do Ator Plural – utilizada no trabalho. Em resumo, conforme colocado, o *habitus* pode ser entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integram as experiências socializadoras anteriores de cada ator. Esse acúmulo de vivências se converte em matrizes de percepção, apreciação e ação que moldam o que faz e a forma de fazer de um determinado indivíduo. Logo, socializações parecidas resultariam em *habitus* parecidos.

A partir de uma série de críticas a esta teoria – como o seu aspecto unificador, as questões referentes ao seu contexto de elaboração, e a característica de transponibilidade ou transferência dos esquemas de ação contidos no *habitus* – Bernard Lahire propõe a teoria do Ator Plural. Conforme esta teoria, o ator é fruto de múltiplas experiências socializadoras heterogêneas, participando de universos variados, onde ocupa diversas posições. Ao longo da vida, o ator incorpora esquemas de ação e

hábitos que se organizam em repertórios – os quais são utilizados conforme a necessidade. Esse passado sedimentado se converte nas características disposicionais do ator, ou seja, suas propensões, inclinações, tendências, maneiras de ser relacionadas a como o indivíduo vê, sente e age perante o mundo. Essas disposições podem ser reforçadas ou enfraquecidas, dependendo de seu uso. Vale ressaltar ainda que essas disposições dependem de um trabalho interpretativo por parte do pesquisador e só podem ser apontadas a partir de uma série de ações, formas de ver e sentir mais ou menos coerentes. Cabe entrar nessas interpretações, ainda, questões relativas às pressões sociais e aos contextos os quais o ator vivencia.

Tendo feito esse apanhado de alguns pontos do presente capítulo, agora trataremos da metodologia utilizada. Explicaremos as bases para as escolhas das técnicas colocadas em prática nesta dissertação, além de trazer um passo a passo de tudo o que aqui foi feito

4. Metodologia

A partir de agora, tendo explicitado o conceito de “campo” e compreendendo o que são as disposições propostas por Lahire (2004, 2002, 2006, 1995) na sua teoria do ator plural, traremos aqui os passos metodológicos percorridos.

Em primeiro lugar, trabalhamos com a teoria dos campos, proposta por Pierre Bourdieu (2011, 2008, 2007a), para analisar o jornalismo atual em um contexto empírico específico. Com isso, nos propomos a compreender as características com que os jornalistas se deparam quando inseridos nesse espaço. Para isso, nos baseamos em uma série de estudos que tratam destes assuntos e, para contribuir com a discussão, trazemos trechos de falas de jovens jornalistas entrevistados.

Na sequência, nos utilizamos da metodologia biográfica proposta também por Bernard Lahire (2004). Devido ao tempo disponível para execução da pesquisa, entrevistamos aqui quatro jovens membros do campo jornalístico gaúcho, repetindo essas entrevistas de 2 a 3 vezes⁵¹ – pessoalmente ou por meio de softwares de conversa por vídeo⁵² –, além de consultas por outros meios como e-mail e o aplicativo de mensagens WhatsApp. As entrevistas ocorreram entre os meses de maio e novembro de 2019.

Seguimos os pressupostos de Lahire (2004), e excluimos dois possíveis tipos de entrevistados: os desconhecidos e os muito próximos. Nosso foco se manteve nos conhecidos, nos amigos de amigos, amigos de conhecidos. Para obter uma maior gama de respostas diferentes, optamos por variar o perfil dos entrevistados, procurando

⁵¹Em “Retratos Sociológicos”, por exemplo, o autor entrevista seis 6 vezes cada um dos entrevistados

⁵²Como Skype ou semelhantes. Proporcionam conversas simultâneas por meio de áudio e vídeo.

interlocutores com diversidade de experiências socializadoras. Desta forma, entrevistamos aqui jovens jornalistas gaúchos (o mais velho tinha 36 anos, na época da pesquisa) que estão inseridos de diferentes formas no campo (aqui incluímos jovens jornalistas que apenas atuam no campo e que atuam no campo mas acabam tendo trabalhos paralelos fora dele). Os jornalistas escolhidos foram: Raquel⁵³, 27 anos, jornalista e mestre em comunicação. Atualmente trabalha como garçom e escreve de forma colaborativa para uma mídia alternativa. Daniel, 25 anos, jornalista que atua nos ramos da radiocomunicação e marketing. Francisco, 36 anos, jornalista, mestre em comunicação e doutor em letras. Atualmente assessor de comunicação de um sindicato e professor universitário. Felipe, 23 anos, jornalista atuante na área do telejornalismo.

A opção por jornalistas jovens se deu com o intuito de conseguir captar as percepções de atores que estão adentrando no campo ou que estão nele há pouco tempo. Compreendemos que estes ainda não foram tão afetados pelas pressões profissionais do dia a dia e que, dessa forma, ainda possuem muito vivas as demais percepções provindas de outras socializações, anteriores ao campo do jornalismo. Selecionamos jornalistas formados – uma vez que a ampla maioria dos jornalistas possuem formação na área – que tinham idade de até 40 anos e que trabalhassem, atualmente, em áreas diferentes. Além disso, por não se tratarem de pessoas desconhecidas, possuíamos certo conhecimento, mesmo que pequeno, das suas histórias de vida, o que nos auxiliou a selecionar atores com vivências distintas.

Foram realizadas entrevistas em profundidade, com algumas perguntas de base, enfocando temas precisos e contextualizados, mas questionando com mais ênfase quando foram tocados pontos que interessavam para a pesquisa – que remetem a uma possível formação de ou às próprias disposições. O conteúdo das entrevistas tocaram, principalmente, em assuntos relacionados à escola, ao trabalho, à família, à sociabilidade, às práticas culturais e ao envolvimento político, sobre o entrelaçamento entre essas matrizes de socialização, bem como às práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir e agir em diferentes contextos (LAHIRE, 2004), principalmente,

⁵³O nome dos entrevistados são fictícios. Optamos pela troca de nomes para evitar causar qualquer possível prejuízo aos mesmos.

no campo jornalístico. Nossa intenção, aqui, era captar os efeitos dessas grandes matrizes socializadoras e conseguir extrair, através dos relatos de vida, as disposições desses indivíduos e, em seguida, analisar as possíveis relações entre essas disposições e as exigências desse campo jornalístico. Relembrando sempre que, conforme já apontado anteriormente, as disposições não são uma realidade visível, mas sim fruto da interpretação dos materiais recolhidos – referentes aos relatos de vida – levando em conta as contradições, os contextos, etc.

Com essa finalidade, procuramos nos basear nas reflexões sobre as técnicas psicanalíticas trazidas por Lahire (2002). Fundamentando-se nesses pressupostos, são abordados exemplos de técnicas para o desencadeamento de memórias e ação, que fazem com que situações passadas “sejam reproduzidas, representadas ou re-evocadas (memória)” (LAHIRE, 2002, p.77). Baseando-se em Freud⁵⁴, o autor traz os procedimentos de rememoração, que é relativo ao despertar de lembranças através da técnica de livre associação, com palavras e imagens, por exemplo, ou pela relação que se instaura entre dois protagonistas da cena analítica (LAHIRE, 2002, p. 78).

Através desses, Lahire aponta para a necessidade de trabalhar com dispositivos desencadeadores de experiência. Para exemplificar, cita o exemplo de entrevistas com professores, quando se orientou os entrevistados para as situações referentes à sala de aula, às práticas, à descrição do andamento das aulas, solicitando exemplos, etc. Lahire (2002) conta que muitos professores apontavam histórias de memória, mas que, muitas vezes, também recorriam a cadernos de alunos, etc. Além disso, destaca que entrevistas no ambiente de trabalho dos professores foram de grande importância, uma vez que aqueles atores ainda estavam “como professor” ou “investidos do status” (LAHIRE, 2002, p. 79)⁵⁵.

Dessa forma, a situação ou a relação social da entrevista, levando em conta o local, as perguntas feitas, a forma como os questionamentos se dão, as ênfases dadas, etc, são que vão determinar, durante a interlocução, o dizível e o indizível (LAHIRE,

54Apesar de sabermos que os autores adotam perspectivas diferentes, em que, inclusive, Lahire tece uma série de críticas às teorias do considerado pai da psicanálise (LAHIRE, 2018).

55Nas nossas entrevistas, pudemos acompanhar um jornalista que dá aulas em uma universidade na sua sala de aula. Da mesma forma, pudemos entrevistar um profissional da rádio no seu estúdio, enquanto trabalhava. Consideramos essas experiências um tanto diferentes das demais, inclusive no que se refere à postura dos entrevistados.

2002, p. 79). Com essas bases, através dos pressupostos teóricos da teoria do ator plural, além do contato com entrevistas prévias feitas pelo próprio Bernard Lahire (2002, 2004, 1997) podemos nos apropriar de dicas de como as entrevistas deviam ser guiadas e do que seria uma “boa entrevista” para conseguir acessar as memórias e, logo, as disposições dos interlocutores.

Durante as entrevistas, de início, explicamos sinteticamente a cada entrevistado o assunto da pesquisa. Isso porque, por entrar em assuntos ligados à vida pessoal de cada entrevistado, julgamos ético fundamentar como e para que essas informações seriam utilizadas. No entanto, a hipótese central foi omitida, para não direcionar qualquer tipo de respostas. Além disso, quanto aos nomes dos entrevistados, decidimos por omiti-los, bem como qualquer outra informação que pudesse identificar cada entrevistado (como local de trabalho atual, nome dos pais, de professores, de instituições, etc), com o intuito de não gerar qualquer tipo de problema para os interlocutores.

Cabe apontar, ainda, que cada entrevista foi agendada em local de interesse do entrevistado – onde se sentiu mais confortável –, tendo em vista o quanto isso influência nas entrevistas. No decorrer das entrevistas, foram feitas anotações etnográficas sobre o contato, o local e a maneira como se desenvolvia a mesma (LAHIRE, 2004).

Além dessa metodologia nos permitir ter acesso às disposições de cada jornalista entrevistado, através do relato de uma série de comportamentos, atitudes e práticas mais ou menos coerentes, ela também nos ajudou a complementar a construção de uma série de características do campo jornalístico estudado– também abordadas através de trabalhos já desenvolvidos sobre a área. Isso foi possível devido ao fato de que, no momento em que os atores falavam de suas experiências profissionais, falavam, também, de como está configurado o campo jornalístico no qual atuam e como se dão as relações no seu interior além de, muitas vezes, trazerem elementos relativos aos seus posicionamentos sobre este campo.

4.1. As entrevistas exploratórias

As primeiras duas entrevistas, com um tom mais exploratório, se deram no dia 30 de maio de 2019. Nelas, entrevistamos, separadamente, Daniel e Raquel. A terceira se deu no dia 25 de setembro de 2019, onde foi entrevistado Francisco e a quarta em 21 de outubro, quando foi a vez de Felipe. De início, apresentamos o assunto do trabalho e explicamos os principais pontos para confirmar o interesse de participação dos quatro atores durante todo o processo. Em seguida, foram feitas perguntas que enfocaram o mundo do trabalho e o campo jornalístico.

Optamos por seguir este caminho (e não o cronológico, começando pelo nascimento, creche, escola...) devido aos questionamentos os quais nos propomos a responder. Como a pesquisa tem essa ligação com as exigências do campo jornalístico, nos propomos a, no primeiro momento, tratar sobre essas vivências desses jornalistas nesse campo, bem como suas opiniões sobre ele, para, na sequência, buscar nas biografias as vivências que fazem com que se pense e aja dessas determinadas formas.

Como falar de campo jornalístico é, também, falar sobre trabalho, aproveitamos o assunto para tratar das experiências profissionais desses atores e, dessa forma, já suprir a matriz “trabalho” a ser tratada.

As perguntas que serviram como base para a entrevista foram as seguintes:

- 1) Porque decidiu ser jornalista?
- 2) Qual sua primeira experiência de trabalho (geral e no jornalismo)? E quais as demais experiências de trabalho?
- 3) Quais as características desse trabalho jornalístico? (horas de trabalho, autonomia, hierarquia dentro da empresa, o que precisa para ser contratado e para chegar aos cargos mais altos, remuneração do jornalista)
- 4) Como vê o campo jornalístico da mídia tradicional?
- 5) Como vê o trabalho? (satisfação pessoal, forma de sustento...?)

A primeira entrevista, feita com Daniel, se deu na quinta-feira, 30 de maio de 2019, às 15h. No primeiro contato, a entrevista havia sido marcada para as 17h. No entanto, nesse dia havia protesto contra o corte de verbas do Governo Federal às Universidades e Institutos Federais⁵⁶. Por isso, o entrevistado solicitou que a entrevista fosse adiantada, pois pretendia comparecer à manifestação. A entrevista ocorreu na

⁵⁶Ver “Cidades brasileiras registram atos em defesa da educação. G1” nas referências.

casa do entrevistador, conforme escolha do entrevistado, e durou cerca de uma hora. Foi gravada com uso de celular e do notebook, e, na sequência, transcrita.

A segunda entrevista, com Raquel, foi feita através do aplicativo Hangouts⁵⁷ pelo fato de a entrevistada estar, na época, em Santa Catarina. Se deu às 20h da quinta-feira, dia 30 de maio de 2019 e a entrevistada se encontrava em casa. Devido a falhas na internet, aconteceram uma série de imprevistos (vídeo travando, etc). No entanto, não afetaram o resultado da entrevista que durou cerca de uma hora.

A terceira, com Francisco, se deu em um campus de uma universidade. A entrevista, em um primeiro momento, havia sido marcada para o dia 18 de setembro. No entanto, devido a contratempos, foi remarcada. A entrevista, que durou cerca de 30 minutos, em razão de compromissos posteriores do interlocutor – com a aula que ministraria –, se deu no dia 25 de setembro de 2019, às 18h20. A definição de local e horário se deu pelo fato do entrevistado ser, na época, além de jornalista atuante na comunicação sindical, professor contratado de tal universidade. Cabe salientar, ainda, que, além da entrevista, tivemos a oportunidade de acompanhar um trecho da aula ministrada pelo interlocutor. Uma das questões que chamaram atenção na aula e que cabem a ser apontadas foi a sua adesão à Greve Nacional Pela Educação (ocorrida nos dias 02 e 03 de outubro de 2019), a qual manifestava contra o congelamento de verbas executado pelo então governo. Dessa forma, ao exibir o programa de aulas, salientou que nos dias citados os alunos não teriam aula e que poderiam se dedicar ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – por ser uma turma do último semestre do curso. Essa fala (dedicação ao TCC) tem ligação ainda com outro posicionamento que nos cabe ressaltar: devido a reclamações por parte dos alunos sobre tempo disponível para realização do Trabalho de Conclusão de Curso, um dos alunos conta que uma professora do curso afirmara que, quem não tivesse tempo, deveria produzi-la “da meia-noite às seis”, já que era o horário “disponível”. Ao ouvir isso, o interlocutor demonstra indignação e, no desenrolar da aula, ao tratar da entrega de um dos trabalhos de sua disciplina afirma que deveria ser feito em sala de aula, uma vez que não queria que seus alunos fizessem nada “da meia-noite às seis”.

⁵⁷Aplicativo da Google que permite chamadas de vídeo, semelhante ao Skype.

A quarta, com Felipe, feita em 21 de outubro de 2019, às 15h30, ocorreu após o entrevistado desmarcar duas vezes. A primeira por um desencontro de horários e a segunda devido a uma pauta jornalística, para a qual o entrevistado foi chamado a cobrir de última hora. A entrevista, que durou cerca de 30 minutos, se deu por meio da conversa por vídeo do aplicativo WhatsApp⁵⁸, uma vez que o interlocutor trabalha e vive em outra cidade do interior do RS. Na oportunidade, o entrevistado se encontrava em casa e havia chegado há pouco de seu local de trabalho.

4.2. As demais entrevistas

Nas entrevistas seguintes, nos utilizamos de roteiro elaborado a partir de sete temas principais que teriam contato com as matrizes de socialização: “Sobre o interlocutor”, “Sobre os pais”, “Sobre os avós”, “sobre cônjuge”, “Sobre educação”, “Sobre cultura”, “Sobre política/ideologia” e “Sobre terceiros”. Apesar de contarmos com algumas perguntas base, no decorrer das entrevistas novos questionamentos foram surgindo. Abaixo, apresentamos uma tabela com os pontos de interesse que foram abordados nas entrevistas.

Tabela 1 – Perguntas realizadas na segunda parte das entrevistas.

Sobre o interlocutor	Sobre os pais :	Sobre avós:	Cônjuge:	Sobre educação:	Sobre cultura	Sobre política/ideologia:	Sobre terceiros :
Idade	Escolaridade	Escolaridade	Escolaridade	Onde estudou no ensino fundamental/ médio- como era, perfil de pessoas que frequentavam /perfil dos professores; Disciplinas preferidas – por qual motivo Curso	Práticas culturais do interlocutor: vê filme, escuta música, vai ao cinema, vai ao teatro/museu, vê tv? Se sim, que tipo de produções culturais (quais filmes, músicas,	Posicionamento político/ideológico do interlocutor	Pessoas importantes na vida? Pessoas que influenciaram e porque/onde – irmãos, tios, vizinho, colega, etc

⁵⁸Aplicativo de mensagem instantâneas que possibilita a conversa por meio de texto, áudio e/ ou vídeo.

				superior?	filmes, peças, canais/programas)?		
Profissão (já sabemos)	Profissão(ões)	Profissão(ões)	Profissão(ões)	Onde estudou na graduação/pós? - como foi a experiência – quais espaços frequentava – centro acadêmico, atlética? - quais disciplinas que mais chamavam atenção (mais técnicas ou mais teóricas?)	Práticas culturais dos pais: vê filme, escuta música, vai ao cinema, vai ao teatro/museus, vê TV, lê livros? Se sim, que tipo de produções culturais (quais filmes, músicas, filmes, peças, canais/programas, livros)?	Prática política do interlocutor (militância organizada/não organizada, filiação em partido político, militância online, não milita?) tanto no passado quanto no presente – se existente no passado, quando começou, como foi, etc	
Estado Civil/relacionamento)	Naturalidade	Naturalidade	Naturalidade	Professores marcantes? Por qual motivo? (tanto no ensino básico quando graduação e pós);	Demais saídas culturais (Esporte? Festa?)	Posicionamento político/ideológico dos pais	
Nível de escolaridade (já se sabe)	Raça/cor	Raça/cor	Raça/cor		SE CÔNJUGE: Práticas culturais do cônjuge: vê filme, escuta música, vai ao cinema, vai ao teatro/meseu, vê tv? Se sim, que tipo de produções culturais (quais filmes, músicas, filmes, peças, canais/programas)?	Prática política dos pais (militância organizada/não organizada, filiação em partido político, militância online, não milita?) - tanto no passado quanto no presente – se existente no passado, quando começou,	

						como foi, etc	
Naturalidade	Nº de filhos	Nº de filhos			Por onde se informa? Veículos/meios	SE CÔNJUGE: posicionamento político/ideológico do cônjuge	
Raça/cor					Participação em clubes/coletivos?	SE CÔNJUGE: Prática política do cônjuge (militância organizada/não organizada, filiação em partido político, militância online, não milita?) - tanto no passado quanto no presente – se existente no passado, quando começou, como foi, etc	
Gênero							
Filhos							

As perguntas apresentadas acima nos serviram como base, porém ao longo da conversa fomos trazendo outros questionamentos, que surgiam conforme ocorria o desenrolar da entrevista. Além disso, fizemos, quando se fez necessário, alguns questionamentos sobre o posicionamento do interlocutor frente aos relatos de vida (Como interpretou isso? Como se sentiu? O que fez? O que faria?).

Por se tratarem de entrevistas mais extensas, que demandariam mais tempo, deixamos os entrevistados optarem por fazê-las por completo de uma vez ou dividir o tempo em duas vezes. Dois dos entrevistados, Raquel e Daniel, escolheram fazer as entrevistas em dois momentos. Já Francisco e Felipe decidiram fazê-las em um único momento.

Daniel optou por ser entrevistado em dois dias diferentes, devido aos seus horários conturbados por conciliar seus dois trabalhos, na rádio e no marketing de uma empresa de internet. Dessa forma, a primeira entrevista se deu no dia 07 de novembro de 2019, na casa do entrevistador, por opção do entrevistado. Já a segunda, ocorrida em 26 de novembro de 2019, Daniel optou por fazer em um dos seus locais de trabalho, no estúdio de rádio. Dessa forma, no tempo em que era destinado para as músicas acontecia a conversa e, de tempos em tempos, o jornalista parava as respostas para que pudesse fazer a locução do programa. As falas para os ouvintes diziam respeito a notícias relacionadas a música e a acontecimentos do dia a dia, além de anúncios de patrocinadores. As duas entrevistas juntas somaram de cerca de 1h40 de conversa.

As duas entrevistas de Raquel se deram no mesmo dia (19 de novembro de 2019). Optou-se por fazer um intervalo entre elas, uma vez que tiveram uma duração total de cerca de 2h30, tendo sido iniciadas às 22h e se estendendo até as 2h da madrugada. Foram feitas, a exemplo da primeira, através do aplicativo Hangouts. A entrevistada encontrava-se em casa e, por estar de folga no dia seguinte, optou por seguir até tal horário.

Já a entrevista de Felipe foi feita no dia 19 de novembro, às 20h, e teve duração de cerca de uma hora. Foram feitas através da conversa de vídeo do aplicativo WhatsApp – mesmo método utilizado na primeira entrevista, uma vez que Felipe e o entrevistador não vivem na mesma cidade. No início da entrevista, o interlocutor brincou contando que havia sido escolhido um dia ruim para falar de trabalho. Quando questionado porque, explicou que teria ganhado da empresa mil e quinhentos reais para comprar em camisas sociais e que, por isso, estaria muito feliz com seu trabalho, demonstrando que poderia existir uma possível parcialidade.

A entrevista de Francisco ocorreu no dia 29 de novembro, também no campus da universidade onde leciona. Na oportunidade, o entrevistado também tinha aula às 19 horas e optou por fazer a entrevista às 18 horas. Dessa forma, a entrevista durou cerca e uma hora. Nas últimas perguntas, os alunos começaram a entrar na sala de aula e, dessa forma, as respostas passaram a ser mais rápidas e sucintas, para que se

pudesse finalizá-las. No entanto, avaliamos que não houve nenhum prejuízo para material recolhido.

Neste capítulo, abordamos passo a passo como foi elaborada nossa pesquisa. Iniciamos explicando como foi aplicada a Teoria dos Campos no nosso espaço simbólico de interesse (o jornalístico). Tal feito se deu com a finalidade de compreender as características do jornalismo contemporâneo e foi executado através de uma série de apontamentos de vários estudos de outros autores da área da comunicação, sociologia e afins, além de contar com o apoio de falas dos entrevistados.

Na sequência, tratamos da metodologia biográfica proposta por Bernard Lahire, trazendo todos os passos de sua execução. Para esta dissertação, foram feitas entrevistas em profundidade com quatro jovens membros do campo jornalístico gaúcho (de 23 a 36 anos), de perfis variados, que se repetiram de 2 a 3 vezes. As entrevistas exploratórias abordaram o tema trabalho, enquanto as demais entrevistas abordaram temas ligados à família (pais, avós e cônjuge), educação, cultura, política/ideologia e terceiros, contando com outros questionamentos sobre questões que foram surgindo. Trouxemos, também, um panorama sobre como, onde e quando se deram as entrevistas.

5. A construção das características do campo jornalístico contemporâneo

Conforme as características propostas por Pierre Bourdieu na teoria dos campos, podemos enxergar o jornalismo brasileiro como um campo. Ele possui suas próprias lógicas, leis, regras e suas fronteiras de sentido – existem práticas que só fazem sentido – ou fazem mais sentido – dentro desse campo. Possui capitais simbólicos mais valorizados do que outros – como o cultural ou o social, por exemplo, entre os jornalistas –, os quais são reconhecidos e levados em conta nas constantes batalhas pelas melhores posições ou até para ingresso no campo. Para melhor trabalhar estas e outras características, julgamos necessário desmembrá-las e discuti-las uma a uma.

5.1. A especialização dos membros do campo

Um dos elementos para a existência de um campo, conforme a teoria de Bourdieu, seria a existência de um grupo que possui uma série de conhecimentos especializados e que os reivindica. Este grupo, dentro do campo aqui tratado, seria o dos jornalistas que, conforme Traquina (2008, p.20) “afirmam saber o que os outros não sabem, nomeadamente o que são notícias e como produzi-las”. No Brasil, Lopes (2013) aponta que a profissionalização começou a se dar na década de 1950. Conforme a autora, esse processo, bem como o crescimento do número de escolas de jornalismo, foi resultado dos “processos de valorização mercantil da informação” (LOPES, 2013, p. 67).

O monopólio reivindicado pelos jornalistas está relacionado com os saberes técnicos, tais como a escrita correta, a fala com boa entonação e ritmo e o manuseio de equipamentos como câmeras e gravadores. Deve-se ter conhecimento ainda de como executar uma boa entrevista, quem entrevistar, como colocar as informações no papel⁵⁹ – como fazer um lead⁶⁰, qual a hierarquia das informações, entre outros aspectos. Alguns jornalistas ainda precisam ter conhecimento de edição de texto, vídeo, áudio e imagem, entre outros.

Como já citado anteriormente, temos um elemento que torna mais complexa a análise da “especialização” dos jornalistas. Devido a não obrigatoriedade do diploma para se exercer a profissão – decretada pelo Supremo Tribunal Federal em 2009 – fica aberta a possibilidade de se exercer a profissão sem uma formação formal. No passado – mais precisamente no ano de 1969 – quando foi decretada a necessidade do diploma, quem já exercia a profissão e, assim, tinha conhecimento sobre como exercer a profissão, recebeu o registro. No entanto, nos dias atuais, essa possibilidade é utilizada por muitos jornais com a finalidade de pagar salários mais baixos. Assim, pessoas sem a qualificação são contratadas para exercer este trabalho sem, no entanto, possuir esse “conhecimento especializado”. Contudo, conforme dados apontados anteriormente⁶¹, a ampla maioria dos profissionais que recebem o registro de jornalista possuem graduação na área.

Desta forma, podemos deduzir que a maioria dos membros que fazem parte do campo jornalístico possui conhecimentos especializados, o que torna válida a interpretação de existência do monopólio legítimo desse grupo nesse espaço social. Em concordância com isso, dos entrevistados selecionados, os quatro possuem graduação em Jornalismo ou Comunicação Social, sendo que dois deles possuem mestrado na área.

5.2. As influências entre os campos

⁵⁹Ou no computador.

⁶⁰Primeiro parágrafo de uma reportagem que deve responder as seguintes perguntas: O que? Quem? Quando? Como? Onde? e Porque?.

⁶¹Conforme Mick (2013), no final de 2012, 91,7% dos jornalistas possuíam graduação no curso de Jornalismo

Uma especificidade muito marcante do jornalismo enquanto campo é a de que ele sofre influências e, ao mesmo tempo, exerce influência, na sua relação com múltiplos outros campos. Mais do que isso, conforme Ferreira (2005), o campo do jornalismo é subordinado e constituído de acordo com as estratégias do campo da economia, o que torna, conforme o autor, um espaço social de autonomia relativa.

Sobre a questão econômica, devemos perceber que a maioria dos jornais – aqueles que não são públicos, sejam concessões públicas ou não, seja impresso, rádio, TV, ou web – são empresas. Como empresas – situadas em um país de economia capitalista – visam o lucro. No meio jornalístico, quanto mais ouvintes, telespectadores ou leitores se têm, maior também é a probabilidade de atrair os patrocinadores ou anunciantes – que são uma das principais fontes de rendimentos, ou mesmo a principal. Para alcançar as pessoas que irão consumir o material produzido, muitas vezes se recorre a uma série de técnicas, constituindo o que muitos autores vem chamando de “jornalismo de mercado”. Essa denominação se refere tanto a essa necessidade de lucro quanto às práticas que se exercem para chegar a esse fim. Conforme Neveu (2004), uma delas refere-se à importância dada a editorias que tenham uma maior probabilidade de maximizar os públicos. Através do resultado de pesquisas, se opta, por exemplo, por priorizar notícias referentes a serviços enquanto ocorre um declínio das informações sobre o exterior – as quais podem ser menos rentáveis. Além disso, tendem a se priorizar informações com forte conteúdo emocional – o sensacionalismo⁶² - e a velocidade de cobertura (o furo jornalístico) (NEVEU, 2004, p. 158). Cabe destacar, que, devido às características citadas, tende a acontecer a perda de autonomia das redações frente aos departamentos de gestão.

Neveu (2004) aponta que a busca por rentabilidade acaba influenciando, inclusive, as relações de trabalho. É comum nas grandes empresas jornalísticas a existência de um grande número de estagiários (sejam eles pagos ou não) e de *freelancers*. Conforme Neveu (2004, p.159) “estágios gratuitos, freelances, contratações por tempo determinado seguem em períodos cada vez mais longos antes de uma contratação estável”. Além disso, o autor considera que existe uma espécie de rejeição

⁶²Refere-se à busca pelo sensacional, pelo choque, à relação com as emoções. Uma prática bastante comum no jornalismo é o foco em pessoas chorando ou em cenas nas quais as pessoas apareçam feridas, inclusive aparecendo sangue dos envolvidos, a fim de causar este efeito.

àqueles jornalistas que possuem uma hiperespecialização, e que, logo, teriam um salário mais alto. Dá-se prioridade, assim, para o financeiro em detrimento da qualidade da produção jornalística.

Outra prática comum, que acaba por influenciar no material produzido pelos jornais, a qual também tem relação direta com os patrocinadores e anunciantes, diz respeito às políticas de “boa vizinhança”, ou a política de “uma mão lava a outra”. Para que seja mantida uma relação saudável entre jornal (empresa) e patrocinador/anunciante, múltiplos acontecimentos que envolvem patrocinadores não são divulgados ou sua importância é minimizada – mesmo que sejam de interesse público. Essa relação expressa a influência do campo econômico sobre o campo jornalístico.

Quanto à influência exercida, podemos citar também a ligação entre política e jornalismo. O campo jornalístico não só pode ser influenciado, como no caso anterior. Também pode influenciar a dinâmica do jogo em outros espaços sociais, como é o caso do campo político. Os jornais são, muitas vezes, influenciadores dos votos de diferentes classes sociais. Podemos citar aqui o caso da eleição brasileira de 1989, onde disputavam o segundo turno Fernando Collor de Melo (antigo PRN) e Luiz Inácio Lula da Silva, Lula, (PT). Nessa ocasião, a Rede Globo de Televisão veiculou um resumo dos melhores momentos do último debate entre os presidentiáveis, o qual mostraria a performance positiva de Collor e traria apenas os momentos negativos de apresentação de Lula⁶³. Por fim, Collor acabou vencendo a disputa presidencial, beneficiado, entre outros fatores, pela influência do campo jornalístico.

Na entrevista de Felipe⁶⁴, por exemplo, o jornalista, que trabalha em uma grande empresa de mídia do Rio Grande do Sul, conta que foi escolhido, em um dos seus antigos trabalhos, para fazer uma série de matérias favoráveis à Reforma Trabalhista: *“Foi bem ridículo porque eles simplesmente me escolheram pra fazer boletins elogiando a Reforma Trabalhista. ‘Liga para o [político], pega uma entrevista dele e com isso tu fazes matérias falando bem”*, relata o jornalista. No entanto, em contraposição, conta

⁶³Ver “GOULART, Alexander. A mais polêmica edição do Jornal Nacional. Observatório da Imprensa” nas referências.

⁶⁴Entrevista que será abordada no próximo capítulo.

que também já fez matérias com um posicionamento contrário a um tema semelhante (a reforma da previdência), devido ao pagamento por matérias:

Mas pensando por esse lado, também teve uma vez que eu tive que fazer uma pauta falando mal da reforma da previdência. [A Reforma da Previdência] é uma coisa que eu não concordo, mas no meu trabalho normalmente a gente busca ser o mais isento possível. Aí eu tive que ir na Centra Sindical fazer uma matéria positiva porque eles pagaram e eu tava lá falando.

Podemos deduzir que esses boletins favoráveis à reforma trabalhista, bem como a matéria desfavorável à reforma da previdência podem influenciar a opinião pública e, logo, o campo político em favor de um ou de outro grupo.

5.3. A hierarquia no campo – as posições e as “moedas” mais valorizadas

Em todos os campos existem os dominantes e os dominados, as posições de maior e de menor prestígio. No caso do jornalismo, além de existir uma hierarquia entre os cargos e pessoas, podemos constatar que existe, também, entre as próprias empresas, as que se encontram em uma posição mais favorável ou desfavorável perante o público. O que determina isso, conforme a teoria dos campos, é, justamente, as moedas que os jornalistas, numa escala micro, e as empresas, em uma escala macro, possuem.

Em uma escala interna aos meios de comunicação – às empresas –, um dos entrevistados, Daniel, explica que, para conseguir ingressar nas grandes empresas, que empregam um número maior de funcionários e que normalmente têm mais prestígio dentro do campo, dois capitais são valorizados: o econômico e o social:

[...] Hoje, quem trabalha, por exemplo, numa RBS? Não sei o que demanda de tempo nem o que paga, mas vamos considerar que esse é o espelho pra muita gente, então a gente sabe que tem muita gente que entra, vai adorar aparecer na RBS falando do que for, mas se tu pensares, de uma Universidade Federal, quem fez isso? A gente tem uma colega recentemente fazendo um “freela”⁶⁵, mas de resto... Nós tivemos um rapaz que entrou, raríssimo, porque se tu fores ver, no geral, era o pessoal que era até então do curso que ainda existia da faculdade particular. Então vamos partir desse princípio: por que isso? Não tem gente capacitada na federal para trabalhar no principal veículo de comunicação do estado? Não, né? A gente sabe que tem que ter uma questão financeira melhor, tem que ter um dinheiro no bolso pra ir pra Porto Alegre e manter um apartamento, que normalmente os pais acabam ajudando. Obviamente tem uma questão financeira por trás disso. Tem o teu pai que vai conhecer o diretor

⁶⁵Termo utilizado para freelancer: profissional autônomo que se auto emprega em várias empresas ao mesmo tempo.

ali... Uma coisa é tu ter contato, outra coisa é tu ter influência. O mínimo do mínimo de alguém de uma faculdade federal trabalhando no maior meio de comunicação do estado, explica e contextualiza muita coisa. Quem acredita em meritocracia me explica então, porque eu, que trabalho desde os meus 16 anos, independente da hora que tinha que acordar ou da hora que tem que ir pra casa, eu estava trabalhando, se isso não é ser esforçado pra chegar em algum lugar, fazer um dinheiro.... e depois, como jornalista mesmo, dentro de uma rádio, ganhando muito pouco, mas ali, a disposição sempre, na rua, em coletiva, entrevistando gente de qualquer lugar, entrando de qualquer lugar ao vivo. Não é por entrega, não é por vontade, não é por competência, não é parâmetro pra te colocar no melhor padrão. Eu vejo muita gente boa não deslanchando. E não é porque não é bom, é porque o caminho é mais longo, quando ele existe, e não é a gente que faz, são as influências. Até pra estágio tem que ter alguém que te indique. Por exemplo, eu sou formado em agropecuária e estudava jornalismo. No início da faculdade fui convidado pra uma entrevista em uma revista rural da cidade, ia pagar por um estágio em um valor bem acima do normal, ia arcar com viagens para acompanhar as feiras agrárias. Aí eu fui, os caras gostaram de mim, disseram pra eu ir na segunda-feira que já estava tudo certo, eu fiquei super feliz. No sábado eles me ligaram dizendo que não iam precisar mais. Na outra semana, eu pensei "vou esperar a outra edição da revista e ver quem pegou", aí quando eu vi era uma pessoa influente, que tinha dinheiro. E foi depois de já ter encerrado as entrevistas... Tem exceções, óbvio, mas elas são muito raras. Hoje quem eu vejo trabalhando, principalmente em televisão, é quem teve condições pra ir pra Porto Alegre e bancar o seu dia a dia. Me chamaram pra trabalhar lá, mas eu teria que ter o registro como radialista, porque eles não iam me pagar como jornalista, e como radialista, que ganha bem menos. Daí eu saio daqui ganhando o que eu ganho, pra ganhar menos da metade lá. E aí, como é que eu vou me manter? Então é a questão financeira. Pra chegar, ela te facilita. Se tu tens competência... mas pera aí, "tu tens como te manter? Aí vamos ligar uma coisa à outra. Se tu tens, avança uma casa, não tem, reduz duas, vamos tentar de novo, vamos seguir aqui"⁶⁶.

Outra questão que Ferreira (2002) aponta que pode ser tomada como moeda de troca dentro do campo jornalístico tem ligação com a deontologia profissional e as recompensas: "A deontologia tem por função o reforço da lógica do campo recompensando os profissionais que agem pela boa causa diretamente ligada aos postulados considerados os mais nobres do campo em questão (informar os cidadãos, estar a serviço da democracia...)" (FERREIRA, 2002, p. 2). Essas práticas podem ser vistas como moedas, uma vez que influenciam na "hierarquia" do campo, fazendo com que quem segue as consideradas "boas" práticas, tenha suas vantagens. Além das vantagens, essas práticas proporcionam um certo controle dos meios sobre os empregados⁶⁷.

⁶⁶Fala do entrevistado Daniel.

⁶⁷Vale ressaltar, no entanto, que essa prática acontece em múltiplas profissões e empresas.

Devido à homogeneidade muitas vezes encontrada entre os veículos jornalísticos – referente às mesmas notícias sendo divulgadas, por exemplo – algo que passa a ser fator determinante na distinção, conforme Ferreira (2002), é a relação de tempo. Aqui o autor trata do “furo jornalístico” e da necessidade de se noticiar antes dos outros para se diferenciar. Dessa forma, dentro do campo jornalístico o “furo” ou, mais genericamente, o tempo e a rapidez em veicular uma notícia por primeira vez, tornam-se uma das moedas que farão com que determinado jornal tenha mais prestígio do que outro.

5.4. A ideologia e a falácia da isenção na mídia

Muitas empresas jornalísticas colocam como um de seus principais pilares a “isenção jornalística”, ou a “objetividade”. Este discurso, que tem suas origens no modelo de jornalismo norte-americano, está relacionado com o objetivo do campo de reconstituição dos fatos, separando informação e comentário (NEVEU, 2004). No entanto, muitos estudos de comunicação e de outras áreas tendem a mostrar que cada meio de comunicação possui uma perspectiva parcial. Os proprietários dessas empresas possuem formas de enxergar o mundo, concepções do que é melhor para a sociedade e uma ideologia, além de interesses próprios. Essas visões, concepções, e interesses se convertem em uma linha editorial, a qual muitas vezes será seguida por todos os empregados do jornal em questão – com consequências, muitas vezes, de retaliação, caso essa lógica não seja levada em conta na hora da produção jornalística.

Champagne (1996) considera a informação um desafio no mundo social. Conforme o autor, “devemos tomar os próprios jornalistas como objeto e estudar o trabalho, mais ou menos sistemático e consciente, de deformação que cada suporte de imprensa, considerando suas opções políticas, tende a impor aos acontecimentos que relata” (CHAMPAGNE, 1996, p. 220). Nesse sentido, o entrevistado Felipe conta: “Teve uma matéria que a gente ia fazer... Não era falando mal do Bolsonaro, mas era alguma coisa que aconteceu. Foi pedido pra pegar mais leve. Nada muito escrachado, mas a gente entendeu o que estava acontecendo”. Dentro deste “pedido” podemos compreender uma “deformação” e um posicionamento ideológico da empresa. No

momento em que ocorre a opção por “pegar leve” ao noticiar o ocorrido, fica evidenciado que não se tinha a pretensão de prejudicar o político, apesar do relato do “fato” ser potencialmente prejudicial. O jornal oferece uma versão mais “leve” do fato, isto é, das outras possibilidades em que o mesmo poderia ser noticiado.

Por sua vez, avaliando as influências entre os campos, ao fazer tal opção, observa-se que se pretende intervir no campo político de determinada forma e não de outra. Ainda conforme apontado por Champagne (1996, p. 222), “ao dar uma visão necessariamente seletiva e ao privilegiar certas interpretações do acontecimento, a imprensa contribui para fabricar o sentido político-social desses movimentos com significações, ao mesmo tempo, superabundantes e ambíguas”. Mesmo quando o jornalista tem certa liberdade, a ideologia não deixa de operar, uma vez que, como seres humanos socializados, temos vivências que nos fazem enxergar os fatos de uma forma e não de outra.

Pedrinho Guareschi trata, em diversas obras, sobre o papel da ideologia no jornalismo brasileiro:

Se você abrir o jornal, qualquer jornal, vai ver imediatamente muitas meias-verdades, em cada página. Os jornais publicam só o que querem e onde querem.

A gente não pode dizer que eles mentiram. Talvez tudo o que está no jornal tenha acontecido. O problema é que o jornal, conforme sua ideologia, seleciona o que quer, combina com o que quer e publica o que quer. E nós saímos acreditando que o jornal diz toda a verdade... Antes de ler o jornal, a gente precisa saber que ideologia tem esse jornal... (GUARESCHI, 2007, p. 22)

Indo na mesma direção, e apresentando uma série de exemplos midiáticos para ilustrar o argumento, Douglas Kellner (2001) afirma que a mídia pode ser compreendida como um campo de batalhas ideológicas. Ideologia, nesse contexto, refere-se a um conjunto de ideias, valores, maneiras de sentir e pensar de pessoas e grupos. Neste campo de batalhas, ainda conforme o autor, as visões hegemônicas e contra hegemônicas da sociedade entram em choque. Hegemonia, para Gramsci⁶⁸, conforme Coutinho (2011), diz respeito, em linhas gerais, ao domínio cultural ideológico de uma determinada classe sobre as outras. É importante destacar que, apesar disso, o cenário

⁶⁸Um dos principais autores que trabalharam com o conceito de hegemonia.

mediático no Brasil é monopolizado por empresas que vão de acordo com a visão hegemônica vigente.

Indo ao encontro do que afirmam os autores, a entrevistada Raquel⁶⁹, afirma que a mídia que chama de hegemônica (também conhecida como tradicional), trabalha política e economicamente em prol de uma ideologia:

Então eu acho que essa mídia hegemônica é uma mídia comercial e é uma mídia política. Tem atuação política e atuação econômica. Por interesses que são interesses burgueses e não interesses da classe trabalhadora. Então o trabalho da mídia é fazer exatamente o que ela faz. Aí eles colocam lá bons repórteres, alguns repórteres que são diferentes para dar uma arejada, dar uma disfarçada. De vez em quando tem uma reportagem interessante para dar uma disfarçada, tipo ‘esse aqui não é um panfleto mercadológico, é um jornal’– e na verdade não é. O papel da mídia hegemônica é manter o capitalismo, com suas mutações necessárias a cada ciclo de crise, e tem feito muito bem esse papel e vai continuar fazendo. Com relação a isso, não tenho ilusão nenhuma, sei que tem muita gente boa trabalhando, mas no fim das contas a gente é massa de manobra.

Quando se fala em isenção, podemos fazer a ligação com outra característica – principalmente das grandes empresas de jornalismo – que ganhou atenção no ano de 2018. Nos referimos ao uso dos sites de redes sociais por jornalistas empregados pela grande mídia. A Rede Globo lançou, em 2018, um manual para jornalistas nas redes sociais; o qual inclui, nas suas diretrizes, que os jornalistas, em suas redes sociais pessoais, devem se abster de “expressar opiniões políticas, promover e apoiar partidos e candidaturas, defender ideologias e tomar partido em questões controversas e polêmicas que estão sendo cobertas jornalisticamente pelo Grupo Globo”⁷⁰. Depois de divulgadas as colocações desse manual, outras empresas de jornalismo acabaram seguindo pelo mesmo caminho e impondo as mesmas diretrizes aos seus empregados.

Apesar dos pontos levantados, entendemos, assim como ressalta Champagne (1996), que parece um tanto simplista apontar o jornalismo e, por consequência, os jornalistas, simplesmente como manipuladores de informação. Usando o exemplo de coberturas de manifestações, o autor aponta que “eles próprios [os jornalistas] são objeto de estratégias de manipulação pelos diversos grupos sociais que organizam manifestações e procuram, através delas, atrair com maior ou menor sucesso a atenção dos jornalistas para terem a possibilidade de aparecer na mídia” (CHAMPAGNE, 1996,

⁶⁹Nome fictício. Entrevista prévia realizada em 15 de maio de 2019.

⁷⁰Ver “Princípios editoriais do Grupo Globo – Seção II – item 5. G1” nas referências.

p. 222). O exemplo da manifestação pode ser extrapolado para outros, como o político ou o artístico, nos quais os membros desses espaços sociais agem constantemente para aparecerem na mídia.

5.5. Os oligopólios de mídia

Uma característica interessante de como se constitui a mídia brasileira é que ela é formada por oligopólios⁷¹. Conforme Biondi e Charão (2008), no Brasil, os grupos Globo, SBT, Record, Abril, Folha, Estado, Rede Brasil Sul (RBS)⁷² e Bandeirantes exercem um amplo domínio do setor midiático, configurando, claramente, um oligopólio. Isso ocorre devido ao fato de que oito famílias⁷³ possuem não apenas um jornal, uma revista, um canal de TV ou uma rádio, mas sim aglomerados que acabam por incluir, muitas vezes, pelo menos um de cada dos citados – além de outras propriedades.

Destacamos aqui um trecho do estudo de Biondi e Charão, 2008⁷⁴, no qual os autores apontam as propriedades que cada uma das oito famílias que monopolizam a mídia tinham em 2008:

Tabela 2 – Os oligopólios da mídia brasileira

	Nº de emissoras próprias:	Nº de filiais:	Nº de canais de TV a cabo e segmentada:	Nº de jornais impressos:	Nº de emissoras de rádio:	Nº de revistas:	Demais empreendimentos:
Rede Globo (família Marinho)	5	121	11	4	55	21	Editora de livros, gravadora, produtora de filmes e shopping centers.
SBT (família Abravanel)	8	98	2				Serviços financeiros, de hotelaria, entre outros
Abril (família Civita)			2			111	Outros investimentos.

71O termo oligopólio se refere a situação de mercado em que poucas empresas detêm o controle da maior parcela do mercado. Já o termo monopólio é utilizado quando esse controle é exercido apenas por uma empresa.

72Esta mais concentrada na região sul

73Marinho, Abravanel, Civita, Frias, Sirotsky, Mesquita Saad e Edir Macedo.

74Vale ressaltar, aqui, que os dados apontados aqui são de 2008, portanto, é possível que no cenário atual exista alguma mudança nos dados apontados. No entanto, os dados mostram o poder que as oito famílias possuíam no território brasileiro (e que algumas possuem até hoje).

Grupo Folha (Família Frias)				3			Agências de notícias (Agência Folha, InvestFolha, FolhaNews), Instituto de pesquisa (Datafolha), entre outros.
Rede Record (Edir Macedo)	5	15	9		Diversas emissoras próprias de rádio na capital e interior de São Paulo, em diversas capitais de Estados brasileiros, bem como em Madrid e Lisboa.		
RBS (família Sirotsky)	18		1	8	26		2TVs “comunitárias”, portais na internet, entre outros.
Grupo Estado (Família Mesquita)	1			2	2		1 agência de notícias e 5 retransmissoras de TV aberta no SP.
Grupo Bandeirantes (família Saad)	8	71	3		4		

No entanto, o que nos interessa aqui são as consequências disso. Não se verifica, na grande mídia, uma multiplicidade de olhares, de linhas editoriais, para guiar as narrativas dos fatos ocorridos no Brasil. Por se tratarem das mesmas empresas dominando múltiplos jornais diferentes, o que se vê são mesmas linhas editoriais pautando os jornais e dando o norte para as abordagens nas múltiplas formas de jornalismo.

Cabe salientar aqui, que, conforme os pressupostos da hipótese de agenda-setting (termo cunhado por McCombs e Shaw, em 1972), a mídia tem a capacidade de seleção e hierarquização das notícias, definindo, assim, quais os temas que são dignos da atenção coletiva (NEVEU, 2004). Podemos indicar, inclusive, que os jornais, através

desses métodos, “constroem a realidade”: “[...] realidades, fatos, hoje, existem, ou deixam de existir, se são, ou não, veiculados pelos meios de comunicação. A mídia tem, na contemporaneidade, exatamente este poder” (Guareschi e Biz, 2009, p. 62). Dessa forma, essa falta de múltiplos olhares acaba por “construir a realidade” de determinada forma e não de outra, retirando a possibilidade de conhecimento dos indivíduos sobre vários dos acontecimentos, o que acaba por gerar uma série de consequências no dia a dia das sociedades. Muitas coisas são ditas, não são ditas ou são ditas parcialmente pela imprensa, dependendo de interesses e de ideologias.

5.6. A mídia alternativa ou contra-hegemônica

Outra característica importante que o campo jornalístico brasileiro vem adquirindo, principalmente a partir de 2013⁷⁵, é a presença da mídia chamada alternativa ou contra-hegemônica, na disputa por atenção do público. Como exemplo, podemos citar a “Mídia Ninja”, os “Jornalistas Livres” e, no RS, o “Sul 21”, que fazem um trabalho muito diferente do que o que geralmente é feito na grande mídia. As pautas abordadas por essas mídias são distintas e trazem, normalmente, uma carga ideológica explícita. Os formatos utilizados, as fontes entrevistadas e as histórias contadas destoam do que normalmente se vê na grande mídia.

O entrevistado Daniel, quando critica a mídia tradicional, falando que seu posicionamento é um produto, aponta que vê nessas mídias alternativas uma forma de recuperar a essência do jornalismo:

Mas o posicionamento da mídia também é um produto, eles vão se posicionar ao interesse da empresa. A mídia nunca vai estar ao lado do país e das pessoas, no caso, a grande mídia. Por isso que tanto surgem mídias alternativas, um jornalismo alternativo, para tentar trabalhar um pouco isso, a essência do jornalismo. Mas, na grande mídia a essência do jornalismo se perdeu, porque ela não defende mais o que deve ser defendido. Porque o jornalismo é uma questão social também. E que grande mídia faz a questão social?

⁷⁵No entanto, sabemos que as mídias alternativas se fazem presentes desde muito antes. Na Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), por exemplo, tiveram forte papel de oposição.

A entrevistada Raquel, no entanto, aponta que a mídia alternativa, embora faça um trabalho sério, ainda não tem o mesmo prestígio e nem a mesma visibilidade que a mídia tradicional:

Tudo aquilo que é diferente, é completamente marginalizado. Um jornal comunitário, um jornal de sindicato, outras formas de fazer comunicação, como faz a Mídia Ninja, por exemplo, que tem um trabalho super sério e que talvez muita gente não veja como um meio de comunicação, no sentido de prestígio de ser um meio de comunicação, como tem os meios de comunicação tradicionais. Aí a gente vai assimilando essas coisas, tipo, os veículo de verdade. Jornalista mesmo trabalha naquilo que está dando na televisão – na Globo, SBT, Record –, e aí ser jornalista nos moldes dessas empresas acaba virando algo que tem que ser universal.

No entanto, é importante destacar que essas mídias ainda são minoria. Existem poucos veículos de comunicação que assumem tal postura e, os que o fazem, empregam poucas pessoas se mantendo, também, através de coberturas colaborativas – onde são solicitadas inscrições de interessados em fazer textos e vídeos sobre determinado assunto. Apesar disso, essas mídias alternativas têm ganhado força principalmente no meio on-line. A Mídia Ninja, por exemplo, tem, atualmente, 1,1 milhão de seguidores que acompanham suas publicações no site de redes sociais Instagram.

Neste capítulo, procuramos trazer o jornalismo enquanto campo e abordar algumas das suas principais características. Demos início às discussões tratando, em suma, da especialização dos membros do campo, onde constatamos que, embora não haja a obrigatoriedade do diploma e, logo, de uma educação formal e uma “especialização” para se exercer a profissão, existe um grupo que detém o conhecimento especializado e que o reivindica. Prova disso é que, a grande maioria dos jornalistas possuem formação em cursos de Jornalismo. Na sequência, trabalhamos a influência entre os campos, onde apontamos que o campo jornalístico sofre e exerce influência sobre outros. Ao mesmo tempo que é subordinado ao campo da economia – face que se desenha de várias formas, como a busca pelo lucro através de priorização de determinadas pauta e técnicas⁷⁶, a contratação de estagiários e freelancers, entre outros – exerce influência sobre o campo da política, por exemplo. Quando tratamos da hierarquia no campo, podemos notar que se divide em duas partes: a hierarquia entre os jornalistas e entre as empresas. Na primeira delas, abordamos

⁷⁶Como o sensacionalismo.

alguns capitais que influenciam, como o econômico e o social, além da deontologia profissional. Entre as empresas, abordamos, como exemplo, a questão de tempo, na qual nos referimos ao furo jornalístico. Dando continuidade, trouxemos a discussão sobre ideologia e isenção. Aqui apontamos que todos os meios de comunicação possuem uma perspectiva parcial, embora se cubram com o véu da imparcialidade e isenção. Os meios de comunicação são geridos por proprietários ou acionistas que possuem uma visão do que julgam ser melhor para o mundo. Desse modo, interesses e ideologias se convertem em linhas editoriais dos jornais. Mesmo os jornalistas que contam com certa liberdade, acabam estando sujeitos a ver as notícias através de uma perspectiva parcial, uma vez que são atores socializados em determinados espaços. Quando tratamos dos oligopólios da mídia, versamos sobre as oito famílias que detêm os grupos Globo, SBT, Record, Abril, Folha, Estado, RBS e Bandeirantes e, desta forma, detêm o domínio do setor midiático. Assim, consideramos que existe, a não multiplicidade de olhares sobre os assuntos: o mesmo fato é tratado por uma mesma perspectiva por diversos meios de comunicação diferentes. Por último, discorreremos sobre a mídia alternativa brasileira, que possui uma carga ideológica explícita e que aborda as pautas por uma outra perspectiva, através de outros formatos e fontes. No entanto, constatamos que esses meios ainda são minoria e que empregam poucos profissionais, funcionando, muitas vezes, através de coberturas colaborativas.

A partir de agora, iremos para o capítulo referente às biografias. Nelas, tratamos sobre a vida de quatro jovens jornalistas gaúchos: Raquel, Daniel, Francisco e Felipe. Tratamos de sua história desde a vida dos avós até o momento atual dos entrevistados, passando por pontos considerados relevantes para a pesquisa.

6. As biografias

Esclarecidas as características principais do campo jornalístico brasileiro, passamos agora a análise das biografias. Traremos aqui a biografia sociológica de quatro jornalistas formados (Raquel, Daniel, Francisco e Felipe, respectivamente), bem como a interpretação sobre suas formações disposicionais e como essas se relacionam com as características do campo jornalístico.

6.1. Raquel: jornalista e militante

Raquel é natural de Pelotas, tem 27 anos de idade e é jornalista, formada desde 2016. Atualmente, trabalha como garçõnete em um restaurante, além de ser colaboradora de um jornal⁷⁷ que possui uma linha editorial considerada de esquerda.

Filha de mãe solteira, foi criada com o auxílio dos avós maternos e das tias. Relata que sua avó não tem estudo, mas que sabe ler e escrever, tendo atuado como costureira a vida inteira. Seu avô, já falecido, estudou até a quinta série e trabalhava como taxista. Sua avó teve sete filhos, sendo quatro do primeiro casamento e três do segundo – do qual sua mãe é fruto. O primeiro marido de sua avó tinha boas condições econômicas e, quando veio a falecer, deixou uma herança para os seus quatro filhos. Desses, conta que *“duas estudaram: uma fez faculdade de Química, graduação, e a outra fez o curso técnico em Telecomunicação[...]. E os outros dois, que são homens, não. Eles não chegaram a fazer a faculdade, mas terminaram o ensino médio”*. Quanto aos filhos frutos do segundo casamento, Raquel conta que não sabe bem o que as outras irmãs estudaram, mas que, no entanto, sua mãe completou o ensino

⁷⁷Optamos por não trazer o nome do jornal, bem como qualquer outra informação que possa identificar a entrevistada, a fim de evitar qualquer possível prejuízo por conta das opiniões emitidas.

fundamental no EJA⁷⁸, depois que a filha já era adolescente, tendo atuado toda a vida como camareira de hotel e faxineira.

Essa situação dos dois casamentos da avó acabou gerando, conforme relatos da entrevistada, uma relação entre o lado da família que possui melhores condições financeiras e a que vive de forma mais precária. Além disso, uma questão referente a vivência de discriminação racial também pode ser destacada dessa situação: a entrevistada conta que o primeiro marido de sua avó era branco, bem como a própria avó. Deste casamento saíram todos os quatro filhos brancos e de cabelo liso. Seu avô, no entanto, tinha origem negra – sua bisavó era negra. Conta que seu pai, de quem não tem muitas lembranças, também é negro, “*ao que tudo indica*”⁷⁹. Na relação com os tios de pele mais clara, conta que escutava frases referentes a sua cor de pele: “*Aí as minhas tias falavam pra eu escovar bem as pontas dos dedos e os cotovelos para eles ficarem mais claros, porque eles eram escuros. E os apelidos que eu recebia na família sempre tinha alguma coisa a ver com crioula e coisas relacionadas à cor da pele*”. No entanto, conta que não compreendia aquilo e não se incomodava. Com o tempo, foi tendo contato com os grupos feministas e grupos feministas negros, e diz que se identificava mais com as pautas dos segundos: “*o feminismo que me representa, o feminismo em que eu me identifico, é definitivamente o feminismo negro*”. No entanto, coloca que tem muito o que aprender e a construir sua identidade racial e que não acha que tenha que ter, neste momento, uma opinião fixa de onde se encaixa.

Sua mãe teve quatro filhos, dos quais foi a segunda: “

Tem a minha irmã mais velha, que tem 31 anos. Ela não terminou o ensino fundamental. Se aposentou porque, quando a minha mãe engravidou dela, ela tinha 16 anos e aí a minha avó deu um abortivo pra minha mãe, que não deu certo. Aí ela nasceu com deficiência visual. E aí, como a minha família é muito ignorante desde sempre assim, tratou a minha irmã como louca, que ela tinha que ter cuidados especiais, porque ela não era normal. Aí a minha irmã desenvolveu uma série de problemas psicológicos e emocionais. Enfim, acabou se aposentando porque ela foi dada como uma pessoa incapaz de ter relação social, convívio social. Depois tem eu e depois de mim tem o meu irmão, que começou a fazer o curso de Física uma época mas largou. Aí agora ele trabalha com umas coisas de tecnologia. Tipo, ele desenvolve um site com uns caras que é tipo revenda de coisas. Tipo uma Amazon da vida. Depois dele tem a minha irmã, que trabalha no setor de vendas de uma concessionária de carros. Ela está fazendo o curso de Fisioterapia agora. Depois da minha irmã

⁷⁸Educação de Jovens e Adultos.

⁷⁹Conforme palavras da interlocutora. Raquel não entra em detalhes sobre o pai e optamos por não abordar o assunto mais fortemente, uma vez que sua mãe a criou apenas com a ajuda da família.

tem o meu irmão mais novo, que agora está terminando o ensino fundamental no EJA [...]. Ele trabalha fazendo manutenção de bicicletas em uma loja. Ele está afim agora de, depois que ele terminar o EJA, fazer alguma coisa relacionada a Mecânica.

Junto com a discriminação racial, Raquel conta que ela e os irmãos sempre foram vistos de forma diferente pelo restante da família: *“Eu e os meus irmãos sempre fomos visto pelas outras pessoas da família como aqueles que iam engravidar cedo, iam viver trabalhando como empregada doméstica, como a minha mãe, nesses empregos mais precarizados, sem direitos trabalhistas assim, sabe?”*.

Na infância, Raquel cursou da primeira até a sexta série do Ensino Fundamental em uma escola que ficava do lado da casa em que cresceu – onde moram sua avó, mãe e irmãos até hoje. Conta que nessa escola existia uma certa atenção à personalidade dos alunos, e que as diretoras trabalhavam em cima disso:

Elas me incentivavam em várias coisas. Na quarta série tinha a Semana da Consciência Negra e eu pedi pra dirigir uma peça de teatro que eu tinha escrito, sobre a libertação, o fim da escravidão e tal. Nossa, eu sinto muito até hoje porque assim, eu tenho memória da gente ensaiando, porque dai eu convidei uns colegas da quarta série e todos toparam, a gente ia pra escola, ensaiava, e aí a gente fez a apresentação pra escola inteira, pros pais e tal.

Quando chegou na sexta série, reprovou três vezes seguidas: *“eu fiz a 61, a 62, e a 63. Eu passei por todas as salas de aula da sexta série da escola”*. Conta que não lembra exatamente como eram as aulas na escola, mas que existia um forte uso dos livros didáticos: *“Tudo era livro didático: fazer exercício do livro didático, fazer as leituras do livro didático para a prova, fazer trabalho de aula pelo livro didático... era muito livro didático”*. Conforme Raquel sua relação com a sala de aula tinha dois lados: era muito aplicada em algumas das disciplinas – como Português, História, Ciências Sociais e Geografia – no entanto, *“agitava⁸⁰”* muito:

Eu gostava muito de fazer pergunta na sala de aula, participar. E os professores gostavam disso. Mas às vezes eles não me aturavam, porque eu era muito respondona, teimosa. Se as coisas não eram do meu jeito na escola eu ficava muito “de cara” e respondia os professores. Então era uma relação de conflito, porque eu sempre achei que eu estava sempre certa de tudo, desde muito nova. Mas ao mesmo tempo eu gostava muito de ouvir as pessoas, de falar com as pessoas, então na sala de aula eu tinha esse diálogo com os professores.

Conta que seu gosto pelas aulas de português se dava devido ao hábito de escrever, que sempre teve. Conforme Raquel, esta prática da escrita estava muito

⁸⁰Conforme as próprias palavras da entrevistada.

ligada ao gosto pela leitura: *“Começou quando eu aprendi a ler, eu acho. Quando eu descobri qual o meu estilo de leitura, meu estilo de literatura[...]. Tinha pessoas na família que liam, que tinham livros. E eu sempre gostei de ler e escrever. Uma coisa que surgiu comigo assim”*.

Relata que, apesar do gosto pela escrita e, conseqüentemente, por português, não se saía muito bem na disciplina, porque considerava as aulas difíceis: *“tinha aquele estardalhaço de coisas, que até hoje eu não sei direito. Eu tinha que saber tudo aquilo pra conseguir fazer as provas e passar nas disciplinas. E foi numa das vezes que eu reprovei na sexta série, por causa do português”*. Conta que, na segunda vez que reprovou, foi devido à disciplina de Artes: *“A professora era chata, chata, chata, chata. Eu respondia tudo que ela falava, e a gente não conseguia se entender. Aí eu não fazia simplesmente nada porque eu não gostava dela. Eu ia pra sala de aula e eu ficava de braço cruzado nessa disciplina. Aí no final do ano ela me reprovou”*. Após essa reprovação, Raquel conta que foi chamada pela diretora que lhe deu a opção de estudar à noite, no EJA, para terminar o Ensino Fundamental. Acabou aceitando, concluindo em um ano.

É importante apontar que, conforme a entrevistada, a relação conflituosa não se resumia apenas à relação com a professora de Artes. Relata que durante muito tempo viveu com mais oito pessoas em uma casa, entre avós, mãe, irmãos, primos e tios. A relação na casa também se dava de forma conflituosa: *“A minha relação com a minha família sempre foi de conflitos. Mas partia muito de mim, eu acho, o conflito. Muito mais de mim do que deles”*.

No ano seguinte, Raquel começou a trabalhar no comércio durante o dia e fez matrícula em uma escola para cursar o Ensino Médio no turno da noite. Destaca que, nesse período, as aulas de Filosofia chamavam muito sua atenção: *“Tinha uma professora de Filosofia que era muito louca e as aulas eram muito legais assim. Eu lembro que na primeira prova que a gente fez na disciplina eu fui a única que conseguiu ser aprovada na prova, de toda a sala de aula. Então tinha uma ligação muito massa com essa professora de Filosofia”*. No entanto, com a disciplina de Religião, tinha um sentimento oposto: *“Tinha uma disciplina de Religião lá que não suportava fazer. Aí eu*

não fazia ou fazia de qualquer jeito. Aí eu vi que já ia reprovar de novo e aí parei de estudar". Ficou fora da escola por seis meses.

No entanto, Raquel conta que o estudo sempre foi uma das prioridades nos seus planos: *"Quando eu era mais nova, eu pensava em várias coisas que eu ia fazer na minha vida. Eu ia estudar e isso ia ser prioridade. E de repente eu tinha parado de estudar. Daí eu pensei que eu estava fazendo alguma coisa errada"*. Esse pensamento de priorização dos estudos, conforme relata, advém das vivências de uma infância precarizada, e servia como uma saída mais segura para que essas não se repetissem:

Era a saída mais provável talvez de uma situação de vida como a gente tinha, né?, e como a gente ainda tem. Uma situação de viver de salário mínimo, de viver de aluguel, de as vezes não ter inclusive o dinheiro do aluguel para pagar... De ter vivido situações de quase despejo. Então, assim, essas coisas que aconteceram na minha vida, durante a minha infância, a minha adolescência, e que ainda continuam acontecendo sempre, me fizeram pensar que o estudo é prioridade na minha vida porque só com ele eu posso garantir, e que em algum momento a gente não se preocupe mais com ter o dinheiro pra pagar o aluguel, não ter onde morar, porque isso é uma constante na nossa vida, né. Então o estudo sempre significou uma saída segura de um lugar precário de condição de vida pra um lugar minimamente estável, entende? Além, é claro, de eu gostar bastante de estudar e eu acho que isso me ajudou muito assim. Gostar de estudar, gostar de ler, de pesquisar... Isso facilita um pouco esse processo também.

Após esse período afastada da escola, Raquel conta que conseguiu um trabalho de meio turno e começou a fazer o EJA do ensino médio em uma escola particular. Os professores da nova escola, segundo a entrevistada, lecionavam também em cursos pré-vestibulares e, por isso, possuíam um perfil bem diferente dos anteriores. Conta que, entre eles, havia um professor de Geografia que mostrava posicionamentos bem diferentes: *"Eu tinha um professor de Geografia que odiava a Rede Globo. Falava altas coisas na sala de aula assim, muita coisa. Ele trazia muita informação. Eu adorava as aulas com ele"*. Conforme relato, o posicionamento do professor instigou a curiosidade da aluna pelo assunto: *"E aí eu olhava pra ele e eu dizia assim: 'como é que tu sabes dessas coisas?'. Eu ficava em choque assim. Ai eu comecei a pesquisar. Era na época que ainda era internet discada. E aí, quando dava pra usar a internet discada, eu pesquisava tudo que eu podia, tudo. Lia, lia, lia, lia, e aí eu fui começar a ter um senso crítico"*.

Após finalizar o Ensino Médio, Raquel começou a fazer provas para poder dar seguimento nos estudos. Numa delas, passou no vestibular para o curso de Sistemas para Internet:

Eu adorava, adorava demais. Mas aí, claro, vez ou outra eu soltava umas coisas que às vezes pareciam meio deslocadas. As pessoas falavam umas coisas meio endeusando os EUA, porque rola muito disso nessa área da tecnologia, né, a “síndrome do vira-lata”, sempre o mais desenvolvido está fora daqui. E rolava essas coisas, aí eu meio que de vez em quando falava umas coisas. Mas não rolava muito debate político. Os professores também não se posicionavam muito, não tinha nada muito disso lá. Mas era bem legal assim, eu gostava bastante de fazer o curso.

No entanto, enquanto cursava Sistemas para Internet, passou no curso de Jornalismo, o qual, segundo a entrevistada, era o que realmente queria. Dessa forma, devido à política federal que proíbe que os estudantes cursem mais de uma graduação em instituições federais ao mesmo tempo, acabou largando o primeiro curso. Conforme relata a entrevistada, sua intenção em fazer jornalismo se dava devido a uma busca por uma profissão que tivesse um sentido mais amplo, para além do trabalho: “[Que] pudesse me fazer falar coisas que eu acredito de maneira a sensibilizar os outros”. Conta que chegou a considerar o curso de cinema, onde pensava em construir roteiros de uma maneira humana e sensível para a “*elaboração de consciência política das pessoas*”. No entanto, ao reconsiderar, e devido ao seu “gosto pela escrita”, acabou optando pelo jornalismo, “*porque achava que debater política crua, concreta, que a gente vive no dia a dia, podia ser muito mais efetivo do que de maneira cinematográfica com ficção*”.

No que se refere à graduação em jornalismo, a entrevistada conta que sua vivência se resumiu basicamente ao movimento estudantil, o que considera uma escolha acertada, devido ao caráter “*tecnicista*” do curso e a todas as reflexões e vivências que proporcionavam os espaços que frequentava:

Eu aproveitei muito pouco as aulas. E, sinceramente, acho que pra minha formação como jornalista, a melhor coisa que eu poderia ter feito foi o que eu fiz. Ter me dedicado pra militância, pro movimento estudantil, porque o curso de jornalismo era um curso muito tecnicista assim, e pra essa comunicação que eu curto fazer e que eu consigo desenvolver em alguns espaços não importa essa dinâmica técnica [...]. Eu não tenho muito conhecimento com relação a isso e, sinceramente, acho que é muito fácil de aprender, então, tipo assim, a minha graduação ela foi basicamente pra fazer movimento estudantil. E foi muito significativo assim pra mim, em muitos aspectos na minha vida enquanto eu mesma, enquanto me descobrir enquanto mulher, enquanto pobre, entender o

que significa isso nesse mundo, perceber, na prática, que é possível fazer alguma coisa, sabe, mesmo que não vá trazer grandes resultados, algum resultado aquilo traz, então a minha graduação foi basicamente movimento estudantil.

Conta que entre as disciplinas que chamavam sua atenção destacavam-se a de Sociologia e Sociolinguística, as de Redação e a de Análise do Discurso. Salienta que, apesar de não frequentar muito as disciplinas oferecidas pelo curso, tinha uma boa relação com os professores.

Após sua entrada na faculdade, conta que teve várias experiências profissionais na área da comunicação. Entre elas, cita um projeto de extensão da universidade, o qual levava a rádio e a TV web para uma escola para pessoas com deficiência, um projeto de comunicação comunitária, a colaboração com uma revista digital e de outra revista física – ambas de comunicação alternativa, com linhas editoriais de esquerda –, além de ser estagiária na comunicação do sindicato dos docentes e em uma rádio comunitária. Conta que, para ela, as coisas precisam fazer algum sentido - *“Precisa ter sentido a pesquisa que eu vou fazer, precisa ter sentido porque eu estou dentro da universidade, precisa ter sentido porque eu me organizo politicamente e precisa ter sentido o trabalho”* - e que durante a graduação se sentia muito satisfeita com as suas experiências: *“conheci muita gente interessante, aprendi muita coisa. Então isso pra mim não era um problema”*.

Quanto ao envolvimento com a militância, Raquel relata que quando entrou na graduação se deparou com o Centro Acadêmico (CA)⁸¹ do seu curso desativado e que, desta forma, procurou se informar para reativar a instituição e promover o processo eleitoral, ao mesmo tempo em que se envolvia nas eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da universidade:

Quando eu cheguei na graduação eu vi o Centro Acadêmico desativado e tal. Daí fui atrás disso e com algumas pessoas, com umas meninas que entraram depois, quando eu já estava no terceiro semestre. Aí a gente foi atrás de construir, de fazer o processo eleitoral, de criar chapa e a gente tocou por três gestões o CA. Eu fiquei quatro anos fazendo a militância no Movimento Estudantil e fazendo também campanha de DCE. Nenhum desses quatro anos que eu estive na universidade a gente conseguiu ganhar chapa do DCE. Mas foram experiências muito legais.

81Entidade que representa os alunos de determinado curso superior.

O período de envolvimento com o Movimento Estudantil (ME) veio pouco depois da relação com partido político (o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL), e concomitante com a militância em organizações anticapitalistas e em instituições que promoviam formação política, em conjunto com a manutenção da memória relativa à Ditadura Militar. Conforme relata a entrevistada, a filiação no PSOL veio no ano de 2012, quando votou pela primeira vez:

Meu primeiro ano de eleição foi em 2012. Eu ia votar pela primeira vez e eu já não gostava do capitalismo, isso eu já sabia. Eu pensava "como é que pode existir pessoas passando fome no mundo e ninguém faz nada?". Quando eu descobri que existia gente que passava fome no mundo eu saía pra rua, eu ia pra escola e pensava assim "porque ninguém tá falando disso?". Ai tá eu comecei a dar uma lida em umas coisas e tal e daí conclui que o capitalismo talvez não fosse a melhor saída. Ficava meio que pensando numas coisas assim. Aí tinha que votar, daí pensei: vamos dar uma olhada então. No primeiro programa eleitoral daquelas eleições me sentei na cama da minha mãe, que dormia eu, a minha mãe e mais três irmãos no mesmo quarto e tinha uma cama de casal e um colchão de solteiro. Daí eu tava sentada lá, depois do almoço, fui olhar o programa eleitoral, fiquei olhando, prestando atenção, daqui a pouco aparece o PSOL: 10 segundos falando: 'Blablablablaba: PSOL: um partido necessário'. Aí eu achei interessante.

Depois disso, narra que um dia passou pelos militantes do partido no centro da cidade em que morava e encontrou o candidato à prefeitura da cidade. Devido ao interesse promovido pelo programa eleitoral, foi conversar com eles: “*vi o pessoal e fui conversar com eles pra saber o que eles estavam pensando, como eles enxergavam as coisas. Eu fiquei conversando um tempão... Nesse dia eu terminei o dia entregando panfleto e carregando bandeira (risadas)*”.

Participou ativamente da campanha no final das eleições daquele ano. Conta que devido ao perfil dos outros militantes, houve uma grande identificação: “*E aí tava aquela galera, tudo um bando de maltrapilhos, jogados, cansados. As pessoas todas juntando moeda pra comprar cerveja, fazendo um churrasco no meio da rua. Aí pensei: 'bá, me achei assim, me achei'*”.

No ano de 2013 ingressou também em uma organização anticapitalista. Conforme explica a entrevistada:

É um coletivo nacional. A gente fazia militância regional e a gente se articulava nacionalmente também. [...] Então era um coletivo de juventude que abarcava secundarista, estudante universitário, movimento LGBT, movimento antiracista, feminista... Então a gente fazia os debates regionais mas também sempre pensando a importância de estar sempre articulado nacionalmente, por exemplo: a gente vai fazer dentro do movimento feminismo dentro do coletivo nacionalmente no mês de março atividades culturais, panfletagem, debates, etc.

No mesmo período, militou através de um instituto de formação política e de resgate de memórias da Ditadura Militar:

O [instituto]⁸² é inacreditável assim. Porque tem objetivo político e segue as suas atividades. É engraçado porque assim, no [Instituto] a gente tem uma relação com o PT, PSOL, PCB... É o espaço político em que a militância como um todo respeita. Então, assim, ninguém conseguia conversar: "está saindo o impeachment da Dilma". Bom, a esquerda não sabia sentar e conversar de jeito nenhum. Mas o [Instituto] chamava uma reunião pra conversar e fazer uma atividade conjunta, todos os sindicatos, todos os coletivos, todos os partidos políticos de esquerda e o PT que é de centro-esquerda, iam.

Considera que através desse Instituto conheceu pessoas que marcaram bastante sua trajetória: “O Luiz⁸³ por exemplo, está com 60 anos e a vida dele, a história toda dele, foi fazer militância política. E não é fácil fazer militância política a vida toda. Eu tenho 27 anos e quantas vezes eu enchi o saco? Sabe? Quantas vezes eu pensei que saco isso, é difícil. Eu admiro muito isso assim”.

Os familiares não tiveram grande influência quanto ao seu engajamento político. Conta que na sua família não tem ninguém que se envolva com política. Aponta que tem uma prima mais nova que se considera feminista e anti-Bolsonaro, mas que não é militante. Além disso, coloca que a maioria das pessoas da sua família têm uma posição ideológica contrária à sua:

As pessoas da minha família se posicionam mais à direita [...]. Defendem com unhas e dentes o capitalismo. Acham que o capitalismo vai salvar. Tudo com esse pensamento mais bem neoliberal mesmo. Zero Estado e privatização geral assim. Tem um primo meu que ele acha que tudo tem que ser privatizado, menos a educação e a saúde. Em geral tende mais a uma direita. É pesado isso assim, porque eles têm um pensamento conservador e neoliberal. Os dois juntos. Porque tem muito neoliberal que não é conservador, né?. Mas os ‘filhos da mãe’ são conservador e neoliberal ainda. E a maioria pobre...

Já no mestrado, que fez no curso de Comunicação numa das maiores e mais bem conceituadas universidades do Brasil, concluiu que não queria mais participar do ME, porque, conforme relata, “*tem uns vícios que eu já não tenho mais paciência pra lidar*”. Porém, quando chegou lá, acabou se tornando representante discente do mestrado. Relata que a experiência se deu de forma diferente das anteriores, e que, nesse espaço, eram debatidas questões mais pontuais, como referentes às bolsas, por exemplo, e eram esquecidas questões mais amplas:

⁸²Optamos por omitir o nome do instituto para evitar qualquer possível prejuízo ao mesmo.

⁸³Nome fictício, modificado para evitar qualquer possível identificação e prejuízo.

Eu cheguei e acabei me tornando representante discente do mestrado. Aí me aproximei da associação nacional de pós-graduandos. Era numa época que tinha muita ameaça de cortes da Capes. Então a gente fazia muita reunião pra pensar também essa lógica produtivista da universidade, como isso nos afetava e a questão dos cortes na pós-graduação. Era muito difícil fazer debates mais amplos, pra além dos debates emergenciais da pós-graduação porque era uma galera mais elitizada, mais classe média, e que [diziam] tipo assim, “ah, se cortar a minha bolsa eu vou achar ruim, mas não acho que seja completamente necessário ficar fazendo reunião pra ficar debatendo reforma trabalhista” [discussão que estava passando na época] por exemplo.

Quando saiu do mestrado, conta que se sentiu preocupada pelo fato de não ter feito nenhum processo seletivo para doutorado e cogitou mandar currículos para a mídia tradicional:

[Eu] precisava trabalhar. Ai comecei a pensar em possibilidades de mídia tradicional. Só que aquilo era uma coisa que não fazia muito sentido na minha cabeça. Pensava: “Tá, vou trabalhar com o que eu gosto, vou receber uma grana, tocar a vida, posso de repente ter a oportunidade de fazer uns trabalhos legais e isso me dá a possibilidade de ir para outros veículos que eu acho que são mais interessantes”. Mas eu sempre pensava que o meu nome ia estar ali, naquela matéria que ia ser editada, e que responsabilidade isso, sabe? E isso pesava muito.

Além disso, considera que seu perfil também não é dos mais procurados – nem dos que procura – a mídia tradicional para trabalhar: “Se eu mando o meu currículo para uma empresa tradicional, é capaz de eles me ligarem pra perguntar se tá tudo bem. Porque eu não tenho nada de experiência, todas as experiências que eu tive foram alternativas”.

Com o passar do tempo, surgiu a oportunidade de trabalho em um restaurante, como garçoneiro. Vendo isso com uma possibilidade de desenvolver outros projetos, de uma comunicação que esteja mais de acordo com seu perfil, Raquel aceitou. Hoje em dia, escreve de forma colaborativa para um jornal com linha editorial de esquerda e diz que gosta muito de desse trabalho. No entanto, menciona uma certa frustração:

Mas eu fico ‘de cara’, porque seria massa poder receber por um trabalho que eu gosto de fazer. Mas isso não acontece e é frustrante. Ai eu tenho que trabalhar com outras coisas, em outras áreas, para conseguir pagar o aluguel e o jornalismo fica no tempo que eu tenho livre, porque eu gosto de fazer, porque eu gosto de escrever, porque eu acho que abordagens não tradicionais – as entrevistas com perguntas que não estão sendo feitas normalmente, pessoas que não são ouvidas – são super bacanas, e gosto muito quando consigo desenvolver algo nesse sentido. Mas sinto falta de ter uma relação de trabalho em que eu receba por esse trabalho.

Relata que hoje em dia já não pretende mais se envolver com o Movimento Estudantil: “eu estou vacinada e deixo pras próximas gerações”. Conta que está encaminhando sua desfiliação do PSOL e entrando com a documentação para se organizar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). O único ambiente em que permanece militando desde a época da graduação é o Instituto.

Podemos considerar que as práticas culturais da jornalista também se caracterizam conforme a sua posição ideológica. Raquel relata que não costuma ir ao cinema porque não gosta dos filmes que geralmente estão passando: “*Só tem filme hollywoodiano, de super herói, umas coisas assim que eu não curto muito. Aí eu acabo não indo muito no cinema*”. Conta que gosta de filmes que tenham roteiro, e que os mencionados anteriormente são todos iguais. Ressalta seu gosto pelo cinema argentino, o qual, segundo ela, tem uma produção de roteiros muito “criativos e humanos”: “*trata das questões humanas, das pessoas, de um jeito inteligente, não como piada. Mas é algo humano, que acontece, que é contraditório, que é complexo, então acho que os filmes argentinos eles tratam muito disso*”. Além disso, afirma que existem muitos filmes brasileiros que são bons, mas que não se tem fácil acesso. Raquel salienta, também, que gosta muito de filmes e séries históricas “*com uma pegada de retrospectiva de momentos*”. Assim como nos filmes, menciona que, no que se refere à música e à literatura, elas têm que lhe “*dizer alguma coisa*” - embora deixe claro que muitas vezes escuta músicas que não se comunicam com ela, quando sai pra dançar e quanto está com seus amigos. Porém, quanto ao seu gosto pessoal, tanto no que se refere aos filmes quanto à música, salienta a identificação com as produções latino-americanas:

Então, gosto muito da cultura latino-americana, não só na música, não só no cinema mas também na literatura, porque tem uma identidade com o que é escrito, com o que é produzido nesses setores culturais, no cinema, na música na literatura. Tem uma identidade muito grande também do que é esse povo latino-americano, que vive abaixo de históricas ditaduras, que se reconstrói, que é resistente, sabe? Que trabalha, que luta, que sonha, que nem sempre consegue viver seus sonhos, mas que não deixa de sonhar, que não deixa de acreditar, que não deixa de ir atrás. Então eu acho que a produção latino-americana cultural carrega muito isso que faz parte da história política do povo latino-americano. Então eu me identifico bastante e gosto bastante também.

Conta que tem um escritor por quem se diz “apaixonada”: o poeta uruguaio Mário Benedetti: “*ele é doce mas ele não é passivo. Ele ama, ele fala de amor, ele fala de sonho, ele fala de luta, mas nunca de uma forma passiva. Ele fala com muita força,*

sabe? Com esperança também e com muita força”. A fim de exemplificar o caráter da obra, a entrevistada fala sobre uma de suas poesias:

Ele tem uma poesia que ele fala assim: se a pessoa quer falar com rebeldia, se a pessoa quer lutar com esperança, se a pessoa não quer se salvar, então que a pessoa esteja sempre ao lado dele. Mas se a pessoa se salva ao fim de tudo, da realidade como ela é, da lógica de relação que a gente tem nesse mundo, se a pessoa se salva frente a isso e se salvar significa se adaptar a isso, então que a pessoa não caminhe junto com ele.

Além disso, salienta seu gosto pelo trabalho do também uruguaio Eduardo Galeano, e salienta o caráter político presente nos dois e da forma como tratam dos assuntos:

Eu acho que esses escritores latino-americanos eles mostram que não necessariamente a poesia que toca, que é bonita, que é sensível necessariamente é uma poesia doce. Eles provam que uma escrita dura, uma escrita muito crua as vezes também pode ser muito sensível. Eu acho que eles fazem muito isso assim.

Relata também, uma série de escritoras mulheres, das quais é admiradora. Registra seu gosto pelos escritos da britânica Virgínia Wolf, que, segundo a entrevistada, trata muito da condição da mulher enquanto escritora, salientando a necessidade da mesma ter independência financeira e um espaço totalmente dela, para que possa escrever, pensar, sem interferência da família. Menciona a escritora nigeriana Chimamanda Adichie: “*ela tem uma história bem interessante de uma menina nigeriana que foi pros EUA fazer faculdade e aí lida com o estigma do que a sociedade compreende de pessoas que nascem em países africanos*”. Traz, também, Margaret Wood, que, segundo a entrevistada, “*ela faz uma análise política escrevendo sobre sociabilidade*”.

Por fim, aponta que faz muitas leituras teóricas, mas todas têm um fundo mais político. Em outra passagem da entrevista, referindo-se a uma situação do cotidiano, a entrevistada mencionou os escritos de Karl Marx com a finalidade de compreender uma situação, o que denota, fortemente, seu gosto pelo autor⁸⁴.

84 “*Eu estava essa semana lendo um texto do Marx. Dentro do capital ele tem um texto da mais-valia e do mais trabalho. Cara, que gênio, tem toda a razão no que ele estava falando: eu estava no trabalho, aí eu não tinha nada pra fazer. Já tinha copo polidos, todos os pratos tinham sido polidos, tinha sido tirado o pó de não sei o que... Tava tudo pronto. Era esperar chegar cliente pra atender. Aí a gente ficava parado. E lá vinham os gerentes, e a gente ficava parados ali, conversando, esperando chegar alguém. Aí chegava os gerentes e diziam ‘ah, vai fazer tal coisa’, ‘tem que fazer tal coisa’, ‘tem que não sei o que’. E eu ficava pensando: ‘Que bosta essa gente. A gente não pode conversar um minuto? Qual o problema? Não tem nada pra fazer’. Aí o Marx, na sua genialidade, foi lá e me explicou porque que eles fazem isso: porque a mais-valia surge do mais trabalho também. porque daí se a tarefa que a pessoa tem que fazer*

Quanto à televisão, conta que não assiste porque não tem aparelho e que não tem paciência. Mas salienta que em algumas ocasiões se faz necessário assistir TV: *“[Na] eleição é muito importante saber o que os jornais estão falando, como está sendo a linha política, qual o tom, o tempo que está sendo dado pra cada pauta no processo eleitoral [...]. Fora isso, na televisão não tem nada que me chame muita atenção, então não faz muita falta”*.

É interessante salientar que suas práticas culturais destoam das da sua família em vários aspectos, mas existe a influência notável da mãe em alguns aspectos, como no que se refere ao gosto por filmes:

A minha mãe, eu acho muito interessante nela que ela é o tipo de pessoa que assiste o que está passando na TV. Gosta de assistir aqueles programas do João Kléber, aqueles de Teste de Fidelidade, gosta de assistir Sílvia Santos, Programa do Gugu, essas coisas todas. Mas com relação a filme [...] ela curte muito Hitchcock. Eu descobri que ela gostava do Hitchcock porque teve uma época que eu ia de vez em quando na casa dela, e aí eles tinham lá os canais e tinha o Telecine Cult. Daí eu sempre chegava lá, colocava e tava dando os filmes com esses cineastas mais clássicos assim. E eram os filmes mais antigos, a minha mãe nasceu em 70, então ela já conhecia aqueles filmes. E ela ficava deslumbrada assim, porque tipo, nunca mais ela tinha visto, ela nem lembrava as vezes e ela curte muito assim. Ela tem essa coisa de sentar pra ver filme que tem história, de prestar atenção na história. Ela curte muito ver documentário também. Nessas vezes que eu ia pra lá nós procurávamos alguma coisa assim de documentário, esses Discovery da vida, e a gente ficava super assistindo tudo que era tipo de documentários, sobre vários tipos de temas

No que se refere aos gostos musicais, Raquel também reconhece que a mãe teve um grande papel na sua formação de gostos. Conta que, na maioria das vezes, em sua casa elas escutavam o que estava tocando na rádio, o que caracteriza como *“um monte de coisa inútil”*. No entanto, algumas vezes, sua mãe escutava bandas como Pink Floyd e Queen: *“eu escutava isso e eu achava legal. Aí ia procurar pra saber o que falava, o que era. E eu descobri um mundo muito ‘massa’ porque, em alguns momentos, eu via que a minha mãe escutava algumas coisas”*.

Quanto às fontes de informação, Raquel destoa da família. Conta que percebe que a mãe se informa muito pelo que os outros falam. Além disso, conta que, para a mãe e os irmãos assistirem jornal, *“a coisa não está bem”*:

ela já fez, então tu demites uma terceira pessoa de uma outra tarefa, e tu aproveitias que aquela pessoa tem um tempo livre determinados dias da semana, determinados momentos da semana, e tu reaproveita elas em outras áreas, em outros setores, fazendo outras tarefas. e tipo: cara, é exatamente isso assim”.

Eu tenho a sensação de que quando a minha mãe e meus irmãos assistem jornal tem alguma coisa que não tá bem. O Lula foi solto, o Bolsonaro foi eleito, saiu uma bomba de um caso de corrupção que o Bolsonaro está envolvido. É só isso assim, só isso que eles assimilam. E, em geral, também não param muito pra sentar e assistir jornal. Quem fazia muito isso eram os meus avós. A gente jantava e ia para o quarto dos meus avós, eles ficavam na cama, a gente no sofá e numas cadeiras, e ficava todo mundo assistindo jornal esperando a hora da novela. Então isso acontecia muito, mas depois que o meu avô morreu, que a minha avó ficou mais velha, isso não aconteceu mais.

Raquel conta que diferentemente do restante da família, suas fontes de informação são várias. Cita o El País, o Intercept, o Brasil de Fato, a Revista Piauí e o The Economist. Além disso, quando estão ocorrendo conflitos políticos em outros países, a entrevistada relata que procura ler jornais dos países em questão para ver o que estão falando, além de procurar se informar através de outras pessoas: *“Com relação a Venezuela, eu li tanta coisa, tanta opinião. E lá onde eu trabalho tem um venezuelano que ele é copeiro. E a gente troca muita ideia assim, muita. E eu entendi muita coisa da Venezuela com ele explicando, ele contando e eu entendendo muito o que ele falava”*. Apesar de destacar que procura ler de tudo, conta que não ‘consegue’ ler alguns jornais: *“Não consigo ler G1. O Globo eu não tenho paciência nenhuma de ler. O Estadão também, eu não consigo ler, eu acho, eu até entro as vezes pra dar uma olhada assim, mas eu acho eles uns ‘filhos da puta’ assim, demais, num nível muito hard”*. Além disso, considera que alguns jornais considerados de esquerda, como o Brasil 247, não têm *“responsabilidade nenhuma”* e, por isso, não os lê. Considera que existe uma romantização das instituições que representam a ideologia, o que ela considera isso um grande problema da esquerda brasileira.

6.1.1. Análise

Através do exposto, podemos compreender que Raquel presenciou, desde que nasceu, a desigualdade social brasileira representada nas próprias relações familiares. A divisão da família em dois, entre os tios que herdaram os bens do primeiro marido da avó – que, conforme afirma a entrevistada, possuem boas condições financeiras – e os filhos do segundo casamento – com o avô taxista, e a mãe doméstica e camareira – é o retrato disso. Fruto dessa disparidade, vem a discriminação racial e social dela e dos irmãos que, segundo relata, sempre foram vistos como pessoas que teriam filhos cedo e trabalhariam em subempregos.

Seguindo a Lahire, podemos considerar Raquel uma transfuga de classe, uma vez que vem de uma família com mãe doméstica e camareira, tendo cursado o EJA tardiamente, avô taxista, com estudo até quinta série, e avó costureira, sem estudo, e chega a ter um diploma de pós-graduação, demonstrando-se exemplo de uma trajetória improvável. Embora trabalhe atualmente como garçoneiro, emprego considerado socialmente precarizado, só o fato de possuir mestrado em uma das maiores universidades brasileiras já foge das probabilidades objetivas de sua trajetória. Conforme colocado pela entrevistada, o estudo é encarado como uma forma de fugir das condições precárias às quais foi e ainda está submetida.

Ainda no ensino fundamental, Raquel acabou gerando suas disposições para o conflito. Podemos perceber isso através do relato das vivências em sala de aula onde, de acordo com o lembrado e mencionado pela entrevistada, se as coisas não fossem do seu jeito 'respondia' e 'teimava', e da menção à relação conflituosa com a família. O ato de não fazer as coisas porque não gostava da professora de Artes, no ensino fundamental – situação na qual acabou repetindo de ano – ou de Religião, no ensino médio – que a fez largar os estudos – podem ser utilizadas para exemplificar a formação desta disposição. Essas tomadas de posição demonstram, também, de certa forma, uma inconformidade, desde o ensino fundamental, com a ordem estabelecida – a hierarquia da figura dos professores e de alguns familiares, por exemplo.

Seus gostos pelas disciplinas de Português, História, Ciências Sociais e Geografia, no Ensino Fundamental, bem como de Filosofia no Ensino Médio, acabaram gerando sua curiosidade acerca da escrita, da sociedade e do mundo em que se vive. O contato com o professor de Geografia no Ensino Médio, o qual gerou a curiosidade da aluna ao abordar criticamente o assunto Rede Globo, por exemplo, e suas pesquisas na internet que se seguiram, podem ser vistos, também, como potencializadores desse interesse e como formação de uma disposição crítica acerca do mundo à sua volta.

Indo contra o que se espera, por mais que tenha uma família que se considera de direita – a favor de privatizações, etc –, Raquel, ao longo do tempo, foi se construindo o oposto disso: hoje em dia se considera comunista, após já ter passado por instituições socialistas e/ou anticapitalistas. Podemos compreender que essa fuga

de padrão é influenciada, também, pelos conflitos com sua família, aprofundada pelas demais vivências.

O vínculo com o PSOL (partido político de esquerda, considerado socialista), ainda antes de começar a faculdade, também pode ser visto como uma vivência que vai ao encontro desse começo de criação de uma disposição crítica quanto aquilo que se passa ao seu redor. A ideologia partidária oferece uma série de respostas para uma série de perguntas. Essas respostas foram chegando, se encaixando e se aprimorando também nas militâncias nos outros espaços – como uma organização social de juventude e o Instituto, e através dos estudos teóricos e demais leituras.

É importante ressaltar que a ideologia dos partidos e instituições de esquerda trazem, muitas vezes, um olhar crítico quanto à forma como que a sociedade se organiza no capitalismo. Dessa forma, são trazidas para a reflexão as hierarquias (dentro dos trabalhos, por exemplo), as políticas de Estado, os possíveis “sustentadores de uma hegemonia”, etc. Um desses “sustentadores de uma hegemonia”, conforme muitas vertentes de esquerda, é a própria mídia tradicional. Essa ideologia acaba, então, por reforçar uma disposição contestadora e conflituosa de Raquel inclusive referente às suas possibilidades no mercado de trabalho.

Da mesma forma que se pode considerar que a ideologia critica a mídia tradicional, ela também pode enxergar o jornalismo, a partir de outras iniciativas, consideradas alternativas, como uma possível arma na luta pela “conscientização política”. Dessa forma, a ideologia pode ser enxergada como um ímã, que, se por um lado empurra, por outro puxa para a profissão. Um fator determinante para a opção pelo jornalismo pode ter sido o forte gosto pela escrita, que se mostrou ainda no Ensino Fundamental, consequência do hábito da leitura, além de fatores externos como, por exemplo, o fato da universidade da sua cidade oferecer tal curso.

Durante a graduação, suas experiências de trabalho seguiram, de certa forma, uma “coerência ideológica”, tanto nas de comunicação comunitária, quanto nas revistas (física e digital) e no sindicato dos docentes. Dessa forma, pode ser compreendido que, por esse motivo, a entrevistada aponta uma grande satisfação acerca desses trabalhos.

No seu trajeto dentro da militância, encontrou pessoas que a marcaram principalmente no que tange à “superação” e/ou “mérito” de se ter militado uma vida

inteira (o caso da menção de Luiz, de 60 anos, que sempre militou), feito que a entrevistada considera de grande dificuldade e, por isso, gera grande admiração. Podemos considerar que este sentimento acaba, de certa forma, intensificando suas disposições para a militância político/partidária.

As práticas culturais também acabam reforçando as disposições da entrevistada para a militância, através dos escritos com cunho político/ideológico ou sociológico, como de Karl Marx, e dos escritores Mário Benedetti e Eduardo Galeano, ambos com um teor mais crítico, com uma visão de esquerda política. Quando trata dos gostos para filmes, destaca o caráter “humano” trazidos nas obras que lhe chamam atenção, além das séries de retrospectivas históricas, ambos segmentos que possivelmente trazem uma reflexão acerca da sociedade e dos seres humanos.

Quanto à música, aponta a necessidade que as produções se comuniquem com ela, trazendo como exemplo a cultura latino-americana. Aponta, logo em seguida, que escuta outras músicas, as quais fogem dessas características em momentos mais descontraídos. No entanto, em outra passagem, coloca o gosto por Pink Floyd e Queen – ambas bandas britânicas – herdadas de sua mãe. É importante apontar, nesse ponto, um dos aspectos plurais, conforme aponta Lahire (2004, 2002, 2006, 1995), da jornalista, que acaba por consumir produtos que “fogem” dos coerentes e/ou esperados conforme seu perfil.

Suas fontes de informação, no entanto, indicam uma forte tentativa de manter suas disposições para enxergar o mundo de forma coerente. Conta que não tem paciência para ler jornais como G1, O Globo e o Estadão (jornais da mídia tradicional, que possuem linhas editoriais consideradas neoliberais, que vão de encontro aos seus ideais). Entre as fontes de notícia que acessa, no entanto, cita o Intercept, o Brasil de Fato, a Revista Piauí, mídias consideradas com uma linha editorial mais críticas e de esquerda, além de The Economist e El País, jornais que trazem textos mais extensos e complexos, com uma forte contextualização dos assuntos abordados.

Outro ponto importante de ser destacado é a questão referente ao trabalho: Raquel sempre procurou manter uma trajetória coerente em todos os aspectos, ideia que se mantém no que diz respeito à profissão. Dessa forma, um trabalho que lhe proporcionasse “cumprir o seu papel” enquanto mulher engajada politicamente, parecia

o ideal. Manteve-se nesses trabalhos durante a graduação e se sentiu satisfeita com isso. No entanto, ao terminar o mestrado, parece fugir da “tentativa de trajetória coerente” o fato da entrevistada cogitar a possibilidade de trabalhar na mídia tradicional. No entanto, podemos ver nessa passagem, especificamente, fatores externos influenciando as projeções de futuro da entrevistada: neste caso, a necessidade de se sustentar economicamente. Cabe salientar, ainda, que, por mais que a jornalista tenha tido ideias sobre o trabalho no que consideramos a mídia tradicional brasileira, logo faz uma reflexão da baixa probabilidade, devido ao seu perfil, para se encaixar nesse lugar e, por isso, acaba por nem colocar em prática a tentativa.

Precisamos destacar ainda que, conforme apontado pela entrevistada, o trabalho precisa “*fazer sentido*”. Tendo em vista todas características trabalhadas, como as passagens na militância nos mais diversos espaços, as leituras políticas, bem como os demais percursos da sua vida que apontam para um mesmo lado, uma mesma direção, o trabalho na mídia tradicional brasileira, neoliberal por excelência, não parece ‘fazer sentido’.

Raquel apresenta uma tentativa (extremamente forte) de manter uma trajetória coerente – a qual só fortifique suas disposições para a militância política. Procura não ter contato com outros materiais, que fujam disso – como os filmes hollywoodianos ou os jornais da mídia tradicional. No entanto, como todo sujeito é plural, acaba por não ter a possibilidade de seguir a coerência da trajetória por inteiro. Consome músicas, em ocasiões especiais, que não condizem com suas disposições gerais, por exemplo. Além disso, podemos notar o peso do dia a dia, que acaba por obrigar uma série de sujeitos a deixar de lado pontos importantes nas suas vidas e se sujeitarem a executar tarefas com as quais não concordam para resolver as questões financeiras. No caso de Raquel, isso se mostra ao cogitar trabalhar na mídia tradicional brasileira, deixando de lado a sua ideologia, e pela opção por trabalhar em um restaurante em uma área que foge da sua formação – e paixão – o jornalismo, para manter uma possibilidade de trabalho colaborativo, o qual ‘faz sentido’.

Conforme os pontos colocados, podemos compreender que as disposições de Raquel destoam das exigências das mídias consideradas tradicionais. A entrevistada, por tentar manter essa trajetória coerente, dificilmente trabalharia nas grandes

empresas de comunicação. O que “faz sentido”, conforme suas formas de ver, sentir e agir, é a mídia alternativa ou contra-hegemônica, à qual tem se dedicado.

A entrevistada traz, devido às suas vivências de militância, uma série de disposições críticas quanto à organização do mundo em que vive. O trabalho jornalístico, é visto por ela como uma forma de contribuir para uma possível modificação social. Os jornais da mídia tradicional operam dentro da lógica vigente e buscam o lucro, aderindo a uma série de práticas para isso. Essas práticas, por consequência, acabam recaindo sobre os jornalistas. Conforme podemos notar, elas destoam do que compreendemos como as disposições de Raquel.

As disposições para a militância fazem também com que Raquel defenda um ponto de vista muito explicitamente. Muitos dos meios de comunicação tradicionais, diferentemente de muitos dos alternativos, se colocam em uma posição de imparcialidade – embora defendam, em sua maioria, a lógica econômica dominante. A exigência dos meios de comunicação tradicional também acaba por ir contra as disposições da entrevistada, enquanto os alternativos vão ao seu encontro.

6.2. Daniel: um autêntico “trabalhador”

Daniel tem 25 anos de idade, possui formação técnica em agropecuária e é jornalista formado desde 2017. É natural de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, com forte ligação com o campo. Atualmente, mora em uma das maiores cidades do Estado e trabalha em uma das emissoras de rádio mais sintonizadas da cidade.

A ligação da família de Daniel com o campo e com as tradições gaúchas tem origens ainda na história de seus avós. No que diz respeito à parte da mãe, o entrevistado conta que seu avô, falecido em 2003 devido a um câncer descoberto cerca de 5 anos antes, passou toda a vida na campanha⁸⁵. Conta que seu avô trabalhou por muitos anos em uma cooperativa de lã, que era um sucesso na região. Na sequência, trabalhava como caseiro⁸⁶ e, a partir desse momento, cada vez foi ficando mais no meio rural. Conheceu a parceira de vida na cidade onde morava, e conforme relata Daniel,

⁸⁵Referindo-se à área rural.

⁸⁶Trabalhador que cuida de chácaras, casas de praia, etc.

passaram maior parte da vida juntos na campanha. O que fez com que fossem para a cidade, já no final da vida do avô, foi a doença: *“Na cidade morava bem perto da nossa casa. Aí se recuperou, entre aspas, do câncer. Só que depois, quando chegou nos 70 anos, veio com muita força, a parte de esôfago e tal, aí ele acabou não aguentando. Os últimos dias dele foram na casa essa da cidade”*, aponta. Após o falecimento do marido, sua avó acabou ficando pela cidade. Arrendou o campo que pertencia ao casal e, algum tempo depois, acabou trocando a maioria dos hectares por uma casa na cidade. O restante permanece propriedade da família até hoje, mas arrenda, porque, conforme conta Daniel, não tem mais condições de criar nada, devido à idade avançada (85 anos). Atualmente, mora com uma empregada na casa, que a ajuda, porque, conforme o entrevistado, ela *“anda meio esquecida”*: *“Ela diz que tem Alzheimer. Ela não tem, ela só se esquece... Ela esquece onde soltou o celular, aí ela já diz que ela já tem problema. Mas ela não tem, ela tá bem. Essa mulher [a empregada] é só pra ela não fazer força, esse tipo de coisa assim. Só que ela mais cuida da mulher do que a mulher dela”*. Quanto à escolaridade, Daniel conta que nenhum dos dois estudou: *“Minha vó, hoje, se tu conversares com ela sobre isso, ela vai dizer que aprendeu na escola da vida e começa a contar sobre a vida dela: aprendeu a escrever sozinha, nunca teve ninguém com ela pra ensinar”*. Conforme o neto, ela escreve *“direitinho”* e *“lê alto, se não, se perde”*. Quanto ao avô, ele conta que não lembra o quanto conseguia ler e escrever, porque quando veio a falecer o entrevistado tinha 9 anos.

Daniel conta que seu avô era *“aquele senhor pra fora”* que reunia toda a família na volta da mesa. Quando veio a falecer, a família começou a se dispersar e, conforme o entrevistado, foi nesse momento que ele e seus pais mudaram para a cidade onde moram atualmente.

No que se refere à família paterna, os seus membros moravam na mesma cidade dos avós maternos. Daniel conta que, através das histórias contadas pelo pai, soube que seu avô teria abandonado a família, mudando-se, inclusive, de cidade: *“o vô, muito sem vergonha, acabou deixando a vó por uma outra mulher. Sumiu. E aí o meu pai, com 14 anos, assumiu a família”*. Conforme relata, seu pai é o terceiro de quatro irmãos: o primeiro é homem, a segunda é mulher, e, depois do pai, vem outro irmão, o caçula. Conta que o irmão mais velho tinha 20 anos na época do ocorrido, mas que, por

já ter “*uma outra vida*”, acabou sobrando para o pai, com 14, a responsabilidade de cuidar do restante da família. Dessa forma, teve que trabalhar desde então para suprir o sustento da família. Dentre os tios, conta que apenas um teve a oportunidade de estudar: o caçula. Foi para uma cidade grande do interior do Rio Grande do Sul estudar no colégio agrícola.

Sua avó atuou como enfermeira no hospital da cidade em que morava e, mais tarde, como cuidadora de uma idosa. Daniel menciona que não sabe a escolaridade da avó nem se ela tinha alguma formação em enfermagem, mas pensa que possuía alguma formação em artes porque desenhava muito bem. E conta uma singularidade, para a época:

Ela tinha carteira para caminhão. Ela era a motorista da família, quando ela era pequena, antes de ter os filhos. Então ela era motorista pro pai dela, principalmente, pro caminhão da família e pra uma caminhonete. Ela era motorista e carregava o pessoal pra um lado e pro outro.

Depois de certo tempo, o avô paterno acabou voltando pra cidade de origem. Não voltou com a antiga parceira, mas se estabeleceu na cidade, onde, conforme relata o interlocutor, se tornou taxista. Casou-se com outra mulher, uma uruguaia, e, conforme conta o neto, “*tem uns filhos perdidos aí*”:

Uma particularidade do meu avô é que o meu pai, que é branco, tem um irmão que é bem parecido com ele, negro, que foi uma dessas esposas que o meu avô teve que ninguém conheceu. Mas um dia alguém se deparou com o “meu pai” negro no Uruguai. E aí, conversando, “ah, o meu pai...”. Então o vô... não sabemos quantos filhos ele teve pelo mundo. Mas teve um bocado e um deles é muito parecido com o meu pai, só que negro.

Seu avô por parte de pai acabou falecendo em 2012, devido a um câncer de estômago. Sua avó, entre os anos de 2011 e 2012 acabou se mudando para a mesma cidade onde mora seu pai, para morar com um tio do entrevistado (o que teve a possibilidade de estudar), que morava na colônia e dava aula para os moradores da zona rural. Algum tempo depois, a avó se mudou para frente da casa onde morava o jornalista com os pais. No entanto, pelo fato de ter muitos problemas de saúde, acabou falecendo em setembro de 2019, devido a um problema no coração.

Quanto ao seu pai, hoje com 54 anos, conta que

(...) é esse cara que sustentou a família quando era criança. Já dirigia desde pequeno, tinha que dirigir. A família que ele sustentou era a mãe dele e mais dois irmãos. E aí isso é o que vai moldando o caráter, vai deixando calo na vida. Mas se fez, e, até hoje, é um cara trabalhador pra caramba. Agora ainda mais

longe de se aposentar⁸⁷, então vai trabalhar bastante ainda, ainda tem bastante tempo pra seguir trabalhando.

O pai de Daniel atua como Técnico em Eletrônica. No entanto, não possui formação. Daniel conta que, por ter se iniciado no trabalho muito cedo, aprendeu olhando os outros fazerem:

Hoje as pessoas chamam ele de um personagem, não sei se é de um desenho ou de cinema, de Professor Pardal, que é o que faz tudo. É o pai. Não tem nada que estrague lá em casa, porque tu não vês estragar. Antes de estragar já está arrumado. Mas a base dele ali é técnico em eletrônica mesmo, ele faz instalação de tudo que é coisa que dá choque, que eu tenho medo.

Sobre a mãe, o entrevistado conta que ela saiu ainda nova da campanha, onde morava com os pais, para a cidade. Foi morar com as tias, para ter a possibilidade de estudar. Estudou até a 8ª série, mas, depois de alguns anos fez o ENCCEJA⁸⁸. Já trabalhou como atendente de loja e já foi cabeleireira. Hoje em dia trabalha como doméstica, além do trabalho de casa. Os pais se conheceram quando ele tinha 21 anos e ela 20. Tiveram o primeiro filho, irmão mais velho de Daniel, quatro anos depois. O mesmo período de tempo se passou para que tivessem o segundo, e último, filho.

A família saiu da cidade de origem, onde nasceram os pais, no ano de 2004. Mudaram-se para uma das grandes cidades do interior do Rio Grande do Sul. O motivo principal para a mudança foi a carreira de jogador de futebol do irmão de Daniel, que começou a jogar em uma equipe de futebol amadora da cidade. No entanto, no decorrer da carreira acabou se lesionando, o que impediu que seguisse na profissão. Acabou concluindo o Ensino Médio em uma escola pública da cidade, cursou Gestão Pública e, atualmente, cursa pós-graduação.

Da primeira escola o jornalista não tem muitas lembranças: “*eu era muito pequeno, então lá era tudo alegria, só jogar ‘beyblade⁸⁹’*”. Na transição entre escolas, Daniel tinha 10 anos: “*Bá, eu só queria chorar*”. Conta que fez o primeiro bimestre da quarta série na sua cidade de origem e depois mudou para o colégio na nova cidade. Complementa o assunto com uma informação carregada de orgulho: “*Importante: eu cheguei aqui, no meu segundo mês, o cara dos Correio bateu no portão: Ele tinha 32*

⁸⁷Referindo-se a reforma da previdência que foi aprovada no Brasil em 2019, a qual estende o tempo de contribuição das pessoas para se aposentarem

⁸⁸Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja). Prova que dá a possibilidade a jovens e adultos que não concluíram o ensino na idade regular de ter o certificado de conclusão de ensino fundamental ou certificado de conclusão de ensino médio.

⁸⁹Brinquedo infantil em forma de peão.

cartas pra entregar. Eram dos meus 32 colegas [da cidade natal]. Eu era um cara querido, eu não era tão mal humorado na época. Eram os colegas do início da 4ª série". Daniel caracteriza a nova escola como "meio barra pesada" e diz que demorou até fazer amigos: *"eu era gurizinho tudo certinho, vinha do interior. Demorei pra me entrosar um pouquinho, e quando eu entrosava, riam do meu sotaque".* Conta que os colegas tinham condições financeiras precárias: *"A escola era bem mais humilde, então era mais complicado. Eram pessoas com uma instrução bem menor, que iam pro colégio pra jogar bola e pra comer a merenda".* Conta que, apesar de também não ser privilegiado, tinha respaldo familiar, o que não era o caso de muitos dos colegas:

Eu, querendo ou não, era pobre mas tinha todo aquele respaldo familiar, de ter o pai e a mãe em casa. Muita gente não tinha pai e mãe, foi criado pela vó, pelo tio... Não que isso seja algo ruim. Mas não adianta, existe essa necessidade de pai e mãe muitas vezes e, quando tem problema numa formação, tem que olhar pra isso antes de qualquer coisa. Mas óbvio, tem pessoas que vivem normalmente sem o pai e a mãe também

Relata que a hora do recreio na nova escola era a "hora do lanche e da briga". Conta que, por vir de uma cidade pequena, era muito inocente e tinha medo de tudo. Compartilha uma situação marcante que ocorreu na quarta série:

Um dia eu ganhei uma corrida do saco em uma olimpíada da escola. Eu estava na 4ª série, ainda no primeiro ano ali. Ai o gurizinho - já era o clássico repetente - caiu e perdeu pra mim. E ele disse que a culpa era minha que ele tinha caído. Eram as últimas semanas de aula, era olimpíada pra fechar o ano. Eu fiquei as últimas duas semanas indo embora com o professor, porque todo o dia ele estava com 7 ou 8 amiguinhos, esperando pra me bater ali. E aí as minhas duas últimas semanas eram fugindo, pra tu ver o nível do negócio.

Além disso, Daniel conta que a escola tinha uma biblioteca fechada e nenhuma realização cultural, o que considera uma "barreira pro aluno mais pobre". Diz que o que restava para fazer nas horas vagas era jogar vôlei ou futebol nas quadras do colégio.

Dentro da sala de aula, conta que era um estudante aplicado: *"Até a 8ª série as minhas notas nunca baixaram de 9.0, 9.5. Era sempre assim, eu era muito dedicado, gostava muito de estudar".* Não tinha notas boas em Ciência, mas que sempre gostou das disciplinas de Geografia e História e que era muito bom em Português e Matemática:

Matemática, quando eu era pequeno, na 3ª, 4ª série, botavam contas enormes, - minha mãe achava que eu ia ser fantástico, se enganou - mas botavam qualquer conta de subtração e adição, que pra uma criança de 8 pra 9 anos, eu fazia qualquer conta. Uns números absurdos de grandes, eu ia lá e fazia. Hoje

sou muito fraco em matemática, até porque eu não segui estudando. Mas eu era muito bom em Português e Matemática. As minhas notas eram muito boas.

Quanto aos professores, destaca que a professora da 4ª série, tinha certa implicância com ele, devido à sua entrada com o ano letivo já em andamento. No entanto, pelo fato de ser dedicado, conta que acabou conquistando a professora: “*E aí depois, eu lembro até que ela chamou a mãe pra conversar, e disse que realmente, no início era complicado e tal, mas depois eu acabei conquistando ela*”.

Na 8ª série, Daniel fez prova para estudar o ensino médio em um colégio agrícola da cidade. Passou na modalidade integrada, onde os alunos fazem o ensino médio combinado a um curso técnico. O curso escolhido, seguindo suas origens voltadas ao meio rural, foi o Técnico em Agropecuária. Conta que, nessa época, ficava deslumbrado com a liberdade de entrar e sair da sala de aula a hora que quisesse e caracteriza como “*era uma bagunça*” e, em seguida, como “*era uma maravilha*”. Relata que nessa época estava parando de gostar de estudar: “*Eu só queria descansar e me divertir um pouco*”. Referente às disciplinas, continuava indo bem em Português e Matemática e gostando muito de Geografia e História. No entanto, menciona que passou a ter problemas com a professora de História e que, por isso, quase não passava na disciplina. A primeira prova que zerou na vida foi da disciplina de Sociologia:

Minha primeira prova que eu fui rodar foi em Sociologia. Primeira prova que eu zerei na minha vida, porque eu acabei ficando muito rebelde ali, então eu sabia tudo que a professora não gostava, e Sociologia era muito a questão da interpretação e de colocar as ideias que ela pedia muito. E eu sabia, já entendia o que ela não gostava, e foi a primeira prova que eu zerei. Isso no 2º ano. Fiquei apavorado. Fiz com raiva a prova, porque eu sabia que ela não gostava de mim.

Nessa época, suas notas, de forma geral, caíram. Conta que se deu devido a atos que julga como “moleque” e “sem noção”:

A gente fechou um grupo de amigos, [...] e a gente começou a jogar vôlei de duplas, porque tinha uma quadra. A gente chegava de manhã⁹⁰, assistia a primeira aula, [e] só jogava vôlei ou futebol o dia todo. Só parava quando tinha uma prova, uma coisa totalmente moleque, sem noção. Então as notas acabaram caindo bastante.

No segundo ano do Ensino Médio, acabou rodando na disciplina de Física, porém, devido ao fato do colégio ter a possibilidade de dependência, onde o aluno pode

⁹⁰As aulas se davam em turno integral.

cursar novamente a disciplina que reprovou no ano anterior, acabou passando para a última etapa.

Daniel relata que tinha grande dificuldade no que se referia às disciplinas ligadas à Biologia. No entanto, gostava da parte prática das disciplinas da agropecuária, principalmente as voltadas aos animais, e que isso se dava muito devido à vivência de campanha que teve na infância:

Eu gostava bastante, principalmente a questão prática, pra tratar com os animais. Tanto que depois o meu estágio foi na Embrapa, e lá era prática mesmo. A gente botava uns estudos em prática com terneiros, era com bovinos de leite. Então era a questão de castração de animal, de vacinação... eu sempre gostei disso muito, pela questão da campanha, de quando eu era criança, todo o fim de semana na campanha, então eu sempre gostava disso.

Quanto às suas amizades no Ensino Médio, diz que eram “*todos alemães, todos de fora*”, referindo-se ao fato de virem também da zona rural. Conta que todos eles eram muito bons em matemática e nas questões práticas. No entanto, quando o assunto era Português, o desempenho não se mantinha: “*lam fazer uma conta ali, fazer qualquer coisa da aula prática, davam um baile. lam sentar pra estudar, pra escrever o português, quem salvava eles era o Daniel. Então a gente fazia uma troca*”.

Nessa época, Daniel acabou se envolvendo também com o Grêmio Estudantil. Conta que, apesar de ter uma função definida dentro da instituição, acabava fazendo tudo: “*Eu era o cara do esporte, só que era eu que cuidava de tudo, principalmente questão de greve e tal, eu que representava o Grêmio Estudantil*”.

Na hora de escolher os cursos para ingressar no Ensino Superior, Daniel tinha duas opções: Veterinária e Jornalismo. Passou para os dois cursos. A primeira opção era a oportunidade de seguir na área que já vinha trilhando. No entanto, conta que o fato de sempre ter problemas com a Biologia acabou o fazendo seguir para o outro lado. Relata que a atração pelo jornalismo se dava pela forma do fazer jornalístico: “*Foi muito pela forma de fazer notícia, de estar dentro da pauta, de ver gente fazendo, de gostar de ouvir rádio...*”. Além disso, conta que sempre gostou muito de televisão: “*aficionado por televisão, o tempo todo olhando televisão, vendo notícia. Me chamavam de*

fofoqueiro até”. Apesar do que se possa imaginar, na sua percepção, o gosto por Português não influenciou na decisão⁹¹:

Nunca teve a questão do português. Hoje, no trabalho de marketing que eu faço, eu sou o jornalista da equipe pra fazer textos, pra fazer revisão, pra tratar com eventos – que aí é uma coisa a parte também – mas, por exemplo, nenhum texto vai pro ar sem antes passar por mim. Não que eu saiba tudo de cabeça, mas tem internet pra isso. Mas é muito esse o meu trabalho, nessa parte hoje, mas acabou não tendo relação. Acabou sendo uma coincidência nesse ponto.

No início da faculdade de Jornalismo, conta que foi um tanto quanto estranho, devido à parte teórica. Relata que não sabia muito o que esperar quando ingressou e, já no primeiro semestre, se deparou com a disciplina de Semiótica: “*Não adianta, tu com 18 anos, se tu não estás bem instruído ali, se tu já não é o cara que tá pra estudar, tu fica um pouco meio ‘ah, que chato isso, que estranho’*”. No entanto, depois foi se adaptando, principalmente por algumas das disciplinas entrarem em assuntos históricos, que era de seu gosto desde o ensino fundamental.

Ao longo do curso, o entrevistado participou, em uma ocasião, da disputa pela direção do Centro Acadêmico (CA) do Jornalismo:

Nessa época que eu acabei entrando nessa disputa, eu nem sabia que ia ter uma disputa. Aí eu vi que tinha um grupinho fechado, e eram só meninas na época, as cabeças eram só meninas, três, quatro gurias, que diziam: “o Centro Acadêmico é nosso”. E não, não pode ser assim. E aí eu comecei a conversar com as pessoas, e ver que a maioria das pessoas não sabiam que ia ter uma eleição. Aí me convidaram, deu acho que uma semana, e eu fui.

Conta que sua chapa não tinha intenção política nenhuma por trás do pleito. Que queria apenas que as pessoas participassem e que o CA não fosse uma instituição fechada para alguns. Acabou perdendo as eleições por 30 votos de diferença. Mas considera que alcançou o seu objetivo com o ato: “*E aí o meu objetivo foi alcançado no debate. O único debate que teve. A gente teve 90% dos alunos participando do debate. E isso não teria acontecido se fosse só aquela chapa, porque não teria nem eleição se fosse só aquela chapa*”. Apesar de ter perdido a eleição para o CA, ganhou para Representante Discente, função a qual exerceu durante um ano.

⁹¹Apesar do entrevistado interpretar dessa forma, o gosto por Português é uma competência que hipoteticamente acaba influenciando nas escolhas da trajetória.

Após as eleições, Daniel foi um dos fundadores da Atlética⁹² do seu curso. Relata que na primeira reunião tinha 20 pessoas envolvidas para a criação: *“Na reunião eu fiz uma apresentação e dei uma função pra todo mundo. Todo mundo tinha uma secretaria, uma direção.. Assim que eu segurei o pessoal. Então era muito cargo dentro daquela Atlética ali, e a Atlética acabou durando”*. Uma das atividades da instituição foi promover uma palestra do jornalista esportivo Maurício Saraiva, a qual Daniel considera que foi *“uma baita palestra”*. Conta que, no que se refere aos professores, nunca gostou do que chama de *“endeusar”⁹³* um professor:

Que bom que ele teve a oportunidade de estudar, que é alguém inteligente, é alguém instruído, é alguém que sabe ensinar, só que eu sempre detestei isso. E aí, se eu via um professor sendo endeusado, eu não dava bola pro aluno ali, e me incomodava com o professor assim. Então, já ficava com um pé atrás “esse cara gosta de ser endeusado, eu não gosto”.

Na sua opinião, o problema é o título: *“o título joga o cara lá pra cima e as pessoas tratam como se ele tivesse num pedestal. Então isso me afastou muitas vezes de professores e de ter interesse pela cadeira, pela disciplina”*.

No entanto, conta que gostava muito de alguns professores. O orientador, em primeiro lugar, em quem acabou se apegando, além de outras professoras, em quem destaca algumas características pessoais: *“A professora Maria, mas aí eu nem vou pelo conteúdo em si, mas sim pela pessoa, a espontaneidade da Maria. A Esthela, eu olhava, achava que ela era fresca, só pela cara dela, e bá, é uma pessoa maravilhosa”*. Além disso, relata uma adversidade ocorrida no curso que depois acabou se resolvendo:

A professora Virgínea, eu tinha um problema com ela, porque ela ficava sendo injusta com a Vanessa⁹⁴, no caso, a minha namorada. Eu acabei batendo boca com ela em sala de aula. E eu achei bem injusto da parte dela. Só que depois ela se mostrou uma pessoa boa, bem legal, principalmente depois do filho. Aí pra ver como ela mudou aos nossos olhos, ela acabou sendo depois da banca do TCC da própria Vanessa e ela foi a pessoa que mais elogiou, mais falou bem

⁹²Associação de alunos universitários a qual promove festas, campeonatos esportivos, etc, com o intuito de gerar a integração.

⁹³Esse ato, de não gostar do “endeusamento” de pessoas, não se resumia apenas à universidade. Conta que não gosta disso de forma geral: *“porque, exemplo existe, e que bom. Mas, pra mim, tem tantas outras formas de exemplo que a parte profissional é uma coisa um pouco mais delicada, porque ela é construída de formas diferentes”*.

⁹⁴Vanessa é namorada de Daniel há seis anos. É formada no curso técnico em Edificações, Jornalismo e está terminando o curso de Engenharia Civil – profissão que já exerce atualmente.

do trabalho mais deixou a Vanessa a vontade para falar do trabalho. Então o tempo passa e as pessoas acabam se deixando enxergar de outra forma.

Devido a uma das cadeiras do curso, a de radiojornalismo, Daniel decidiu sua carreira: a rádio difusão. A ideia surgiu a partir de um projeto da universidade que cobria os jogos das equipes de futebol da cidade: *“eu tava na sala de aula, mas tava esperando o fim de semana que tinha jogo pra fazer. Aí foi que eu entrei nesse meio”*.

Considera que o fato de ser uma pessoa da prática, desde o curso técnico, e, por isso, não ter se debruçado fortemente sobre as partes teóricas, também influenciou nesse trajeto. Avalia que isso talvez o prejudique, que talvez um dia faça falta, porque *“hoje passa muita coisa em branco de uma análise, sim, possivelmente passa”*. Mas pensa que, no fim das contas, o que importa é a prática, o trabalho: *“Porque a gente estuda, a gente faz tudo, mas no fim das contas, no sistema que a gente vive, é pra ganhar o dinheiro. Então se a gente já consegue trabalhar e fazer esse dinheiro, muitas coisas importantes acabam ficando pra trás”*. Daniel faz questão de destacar, na sequência, que entre as coisas que acabam ficando para trás não são valores, mas sim a conhecimento e cultura:

Não me refiro a valores, porque não vejo o dinheiro corrompendo os meus valores, mas digo dessas necessidades de conhecimento, de cultura, que a gente acaba deixando... Pelo menos eu deixei, eu sei que eu deixei passar muita coisa na minha vida acadêmica porque eu tava focado: ‘eu tenho que trabalhar’.

Relata que esse pensamento voltado à prática e ao trabalho vem porque sentia uma grande necessidade de ajudar nas despesas da casa:

Não que fosse uma grande necessidade, mas eu entendia, pelo menos na minha criação, que sem ser exigido, tu tens que entender que daqui a pouco tu tens que trabalhar. Tu já passaste dos 18, passou dos 20, daqui a pouco vai passar dos 25, tem que acompanhar o teu crescimento também. Não adianta, quando tu não é de uma faixa econômica maior, tu vais acabar pensando nisso.

Ainda sobre o assunto, afirma ter uma característica que o distingue: *“É que eu tenho uma particularidade que é trabalhar. Eu gosto de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar. E a partir do momento que tu gostas de trabalhar tu fazes muita coisa, e aí tu fazes com satisfação, e aí quando tu fazes algo que tu gostas, tu acabas ficando ainda mais satisfeito”*.

Antes de ingressar no curso, inclusive, Daniel relata que já havia trabalhado em alguns lugares. Conta que distribuiu “sua vontade de fazer dinheiro⁹⁵” em várias coisas: *“Trabalhei com gado leiteiro, depois trabalhei em atacado de ferragens, trabalhei como garçom, já distribui panfleto também”*. Depois, na época da graduação, narra que já entrou pensando em conseguir alguma bolsa. No primeiro ano, conseguiu a oportunidade de trabalhar com as mídias sociais para o Centro onde ficava o curso de Jornalismo. Na sequência, a partir de uma experiência de trabalho de sala de aula, acabou entrando para a narração esportiva, dentro da rádio da universidade em que estudou. Alguns anos depois, os responsáveis por uma rádio da cidade onde morava acabaram escutando a narração de Daniel, e o chamaram para trabalhar lá. Ficou por lá dois anos, quando teve uma proposta de uma TV da cidade, também para um programa relacionado a esporte. Depois de alguns meses, no ano de 2016, a TV acabou fechando e Daniel conseguiu uma oportunidade na rádio em que trabalha atualmente: *“Tem a informação, tem a parte de jornalismo, só que tinha muita música. Aí eu volto lá pros meus 12 anos, que dali em diante o que eu mais ouço é música no meu dia a dia, função de violão e tal, queria aprender. Ouvia e tentava tocar”*. Conta que fez a entrevista e no dia seguinte foi contratado como estagiário. No entanto, um mês depois, ocorreu um problema com outro funcionário da rádio e Daniel acabou sendo efetivado: *“Pensei ‘nem sai da faculdade e já consegui um emprego”*. O programa pelo qual é responsável diariamente é composto por 60% de música e 40% de jornalismo. Na parte referente ao jornalismo, diz que é muito atacado: *“É um programa diário, de notícias, onde a gente é atacado constantemente principalmente por eleitores, porque a gente trata muito de política”*. Para além desses trabalhos, o entrevistado conta que trabalhou muito de *freelancer*: *“A questão do freela envolve isso, a possibilidade de oportunidade, mas também, quem sabe, alguém de uma rádio grande falando o teu nome. Então é uma questão também de visibilidade. Quando vem algo de fora, se tu for comparar, eles pagam bem mais do que pagam aqui também, então é gritante assim”*. Relata ainda que, de um tempo para cá, acabou se envolvendo com o marketing, área que acaba empregando muitos jornalistas:

Estou há uns 3 meses já fugindo um pouco da área, trabalhando com o marketing de uma empresa de internet da região. Eles precisam de alguém

95Conforme palavras do entrevistado.

para criar conteúdo, e eles me enxergaram como alguém que é criativo pra isso, me convidaram e então eu to nesse meio. Estava 40% jornalismo e 60% música. Agora divide um pouquinho com a parte de marketing aí, que eu sinceramente não projetava fazer, mas felizmente está dando certo e, querendo ou não, quanto mais empregos é melhor.

Entre os trabalhos como *freelancer*, Daniel destaca uma experiência ocorrida em 2018, quando foi contratado por uma rádio de outra cidade para acompanhar a votação de um dos candidatos a governador do Rio Grande do Sul: *“Ai é a correria da política e do jornalismo político. Tu tens que ter conteúdo o tempo todo, daí tu tem que entrar no ar a qualquer hora, tem que ter conteúdo, e não adianta enrolação. E a gente quer mostrar serviço. Tu começa o dia às 7 horas para acabar o trabalho quase 23 horas”*.

Ainda no que se refere à política, conta que teve a oportunidade de trabalhar na campanha de um candidato à prefeitura da cidade onde mora. No entanto, não considera que tinha uma questão ideológica por trás do trabalho: *“Trabalhei porque eu queria o trabalho. Eu precisava de trabalho, e acabei me envolvendo”*. No entanto, conta que, dependendo do candidato, não trabalharia: *“Claro, se fosse um candidato que eu abismasse, discordasse totalmente, eu não faria. Tanto que [depois] não fiz. Tive [outra] oportunidade [com outro candidato] depois e não fiz”*.

Sobre ideologia, Daniel conta que na sua família só seu tio – o que teve a possibilidade de estudar – se envolvia com política: *“Meu tio, professor de história, era o cara que andava com a bandeira do PT toda vida. E eu sempre gostei dele, mas eu nunca tive essa pegada política”*. Apesar disso, quando questionado sobre seu posicionamento ideológico, o entrevistado afirma: *“Se eu fosse me dizer de uma ou outra, acabaria indo pra esquerda. Mas pra seguir a risca ali, eu sou de centro-esquerda, eu acho. Pra ser justo com quem é de esquerda e pra ser ainda mais justo com quem é de extrema esquerda”*. Salienta, contudo, que sua família foi positivamente afetada pelo governo de Lula, e que isso acabou influenciando bastante no seu posicionamento, assim como no da família:

Ter condições de ter uma casa própria, de ter o teu carro, de ter uma TV boa na tua casa... Se tu estás vendo isso ali na tua vivência, se tu estás vendo as pessoas na tua volta próxima, se tu estás vendo essa mudança junto, isso acaba te influenciando, claro, e isso aconteceu na minha família. A gente mudou de cidade, conseguiu um tempo depois adquirir a casa, isso ali de 2004 pra 2005, então interferiu bastante. Então, óbvio, se a gente for ver lá em casa,

todos acabam puxando mais pra esquerda por essa interferência, mas nunca foram politicamente engajados.

Quando o assunto é cultura, o Jornalista conta que a rádio em que trabalha o acaba conectando muito com shows: *“Como a gente trabalha no rádio, a gente não paga pra entrar em show, porque os caras vêm anunciar aqui, e ‘ah, vocês tão convidados’. Convidou eu vou, né?”*. Relata que muitas vezes têm a possibilidade de conversar pessoalmente com os artistas e que considera isso muito legal. Conta que normalmente passam pela rádio bandas e músicos dos gêneros pop, rock e MPB, e que, por isso, acaba escutando bastante. Em casa, conta que escuta músicas que caracteriza como “retrô”, além da música nativista gaúcha. Salienta, ainda, que seu contato com música é muito nacional, além de um pouco de música em espanhol. Quanto ao inglês, conta que a língua foi uma barreira durante muito tempo, mas que, hoje em dia, acabou se familiarizando mais. Mesmo assim, conta que escuta 70% músicas nacionais e 30% em outras línguas.

Quanto a filmes, Daniel conta que se apega muito em atores:

Hoje tem muito a questão da série, então foi ai, por exemplo, que eu conheci a Viola Davis. É uma mulher que se ela está no filme, se ela está na série, eu tenho que olhar aquele filme, aquela série, porque eu sei que vai ter uma entrega diferente, individualmente de um personagem. A mesma coisa o Denzel Washington, eu gosto muito dele. Claro, ele é um pouco mais da ação, só que ele tem.. Não sei, eu sempre gostei muito da interpretação dele.

Relata, também, que virou fã dos filmes da Marvel. Conta que, após ver Vingadores 2, um conhecido seu mencionou que haviam muitos filmes antes desse. Conta que “baixou” e assistiu os 19 filmes da Marvel: *“Dali em diante comecei a ver todos e é bem interessante”*. Salienta, por trás dos filmes, a questão cultural. Discorre, por exemplo, sobre o filme Pantera Negra, que segundo ele trabalha a representatividade negra. No entanto, conta que ainda falham quanto a assuntos relativos à luta das mulheres.

Além disso, conta que possui grande apreço por outros dois filmes: Um deles é “Mar de Fogo”, que, segundo o jornalista, se trata de uma corrida de cavalo no deserto: *“Ele fala de conceitos indígenas, a relação do homem com o animal, e principalmente com a natureza, porque os caras fazem uma corrida absurda no deserto, então tem uma questão muito espiritual indígena assim”*. O segundo citado é “O Melhor Jogo da

História”, que conta a história de uma família que teve a casa destruída para a construção de um campo de golf. Sobre séries, conta que assiste para “*dar uma desestressada*”. Cita obras como “Grace and Frankie”, “Modern Family”, “How To Get Away With Murderer” e “Vikings”.

Narra que não costuma ir muito ao cinema e atribui isso ao cansaço: “*Hoje o preço nem tá tão absurdo, tá normal. Nem é por isso, É mais porque tu tá cansado, não quer sair de casa mesmo e simplesmente não sai*”. O último que viu foi Vingadores, ainda em 2019. Quanto a peça de teatro, conta que nunca foi: “*Peça de teatro é muito caro, e não passa aqui pela rádio pra facilitar aquilo do ingresso. Então a gente fala muito da questão cultural, mas como tu vai exigir cultura da maioria das pessoas se elas vão comprar o almoço de duas semanas ali com o valor de uma peça?*”. Conta que considera muito importante, mas que está muito longe da sua realidade hoje e que fica triste por isso.

Daniel conta que geralmente se informa pela rádio: “*eu estou no carro, principalmente, eu estou ouvindo a Gaúcha⁹⁶ pela informação. Pra informação ainda é o melhor canal que a gente tem, principalmente mais dinâmico, é bem bom*”. Quanto à TV, conta que está bem distante: assiste séries no Netflix e alguns canais como History Channel. Dentro desse canal, destaca o programa “Trato Feito”, principalmente por envolver história. No entanto, aponta que quando pode olhar futebol na TV, está olhando. O gosto por futebol é compartilhado com a família: “*o pai olha muito futebol, eu olho muito, o meu irmão, todo mundo olha muito futebol. A mãe acaba olhando, porque pra ela tanto faz o que tá passando na TV, nem bola dá*”. Quanto aos demais gostos do pai, Daniel conta: “*O pai vê muito aqueles Discovery, Animal Planet, esses troços de pescaria, coisa mais rústica assim. Tigre arrancando a cabeça de um cervo... parece que ele tá vendo um filme de terror, mas é o National Geographic*”. Quanto à sua mãe, conta que assiste mais novela. Relata que, às vezes, os dois pais param para assistir filmes, mas que não é com frequência: “*porque quando se trabalha, tu não pensa nessa outra parte. Tu vai ligar a TV e ver o que tá passando na Globo, porque a Globo parece que se coloca sozinha ali*”. Conta ainda que, quando podem, sentam juntos e escolhem alguma coisa que agrada todo mundo para que assistam todos juntos: “*Quando a gente*

⁹⁶Emissora de rádio do Grupo RBS.

pode se reúne, faz uma análise ali todos juntos, que filme nós vamos gostar, aí sempre tem alguém que não gosta no fim das contas, mas a gente sempre acaba olhando pra reunir todo mundo”.

Reflete que seu maior exemplo é sua família:

Hoje, os meus maiores exemplos são meu pai, minha mãe e meu irmão. Por tudo. Não tem como não ser. Eu tenho duas coisas: eu não tenho ídolos, nunca tive, e outra coisa, eu não tenho um sonho, até porque eu nem me planejo muito, eu busco fazer as coisas acontecerem. Então, se eu fosse considerar ídolo, eu sou fã mesmo do meu pai, da minha mãe, do meu irmão, hoje eu sou fã da minha namorada, da minha sogra... Que são pessoas que vivem de uma forma digna, de uma forma boa, que pensam nos outros, pensam nas pessoas, nos cachorros [...]. Aquela coisa bem midiática de guerreiro. São pessoas guerreiras, trabalhadoras, honestas. E eu não me aceitaria em outro meio se fosse diferente.

As falas sobre práticas culturais, política e família vieram entre uma locução e outra que emitia aos ouvintes da rádio onde trabalha. Trazia informações sobre música, previsão do tempo, anúncios de patrocinadores, entre outras, demonstrando grande intimidade com o microfone. Conta que, no início, era chamado de “homem de gelo” pelos locutores, devido a forma como fazia a locução, mas que, com a prática, foi “pegando o jeito”.

6.2.1. Análise

Para analisar as disposições de Daniel precisamos compreender alguns traços de seu pai: um rapaz do interior que aos 14 anos teve a incumbência de trabalhar para sustentar a família. Desde então, permaneceu sempre trabalhando e aprendeu sua profissão apenas olhando os outros fazerem. Essa história, com um fundo de sofrimento e superação, deixa uma mensagem a qual podemos compreender que ganha grande força na vida de Daniel: o mérito do crescimento pessoal por meio do trabalho. Podemos compreender que as disposições de Daniel para o trabalho – o gosto, principalmente – se dão, em grande parte, por conta da influência da família (já que a mãe também sempre trabalhou, bem como os avós), mas, principalmente, da influência paterna.

Dessa forma, existe uma grande valorização do trabalho em vários momentos. A grande ênfase dada à parte prática das profissões – mais fortemente vinculadas ao trabalho – com a finalidade de trabalhar logo e ajudar com as despesas de casa, por

exemplo. Outra passagem que pode ser destacada é quando fala da admiração pela família, destaca o fato de serem “trabalhadores”.

Podemos notar que, apesar dos pais terem um capital cultural baixo bem como de capital econômico, existia uma forte tentativa de modificar esta realidade a partir dos filhos. Exemplos disso são a vinda para Pelotas por conta do irmão e da promessa de trajetória como jogador de futebol e o fato de ambos os irmãos terem cursado o ensino superior, bem como do mais velho estar cursando pós-graduação atualmente.

Pelo fato de Daniel nunca ter tido grande envolvimento político (já trabalhou na campanha de um candidato à prefeitura da cidade onde vive, mas não por questões ideológicas), o fato de os veículos de comunicação possuírem uma linha editorial não pesa fortemente na escolha de onde trabalhar. O entrevistado pensa apenas em fazer seu trabalho da melhor forma possível, independente de onde estiver trabalhando. Conforme colocado anteriormente, uma das “moedas” do campo é a deontologia profissional. Em um campo onde o trabalho prático é fortemente valorizado, um jornalista com essas disposições é valorizado por seguir as consideradas boas práticas: “informar o cidadão, estar a serviço da democracia...” (FERREIRA, 2002, p. 2).

Devemos destacar que, além disso, os valores passados pela família⁹⁷ que dizem respeito ao trabalho, acabaram colaborando para que Daniel construísse uma visão específica em relação ao dinheiro. Assim, coloca que o trabalho e, logo, o dinheiro, são as grandes prioridades na sua vida⁹⁸ e outras coisas acabam ficando para trás. Além desses aspectos referentes a valores, a família tem forte influência no filho em outros aspectos: um deles é o gosto pelo futebol, que a família acompanha com grande frequência e o filho também.

Apesar de, no início de suas escolhas (curso técnico, por exemplo) ter mantido uma trajetória um tanto coerente – rapaz que vem do interior, com forte ligação com a campanha, acaba fazendo um curso técnico voltado à Agropecuária -, no desenrolar da vida acabou tendo uma trajetória um tanto diversa. As disposições de Daniel podem ser analisadas a partir da ideia de “ator plural”, em vários aspectos. Em primeiro lugar, tem

97Consideramos que estes valores são incentivados por vários meios, uma vez que vivemos em uma sociedade capitalista.

98Podemos verificar através da passagem “*Porque a gente estuda, a gente faz tudo, mas no fim das contas, no sistema que a gente vive, é pra ganhar o dinheiro. Então se a gente já consegue trabalhar e fazer esse dinheiro, muitas coisas importantes acabam ficando pra trás*”

um gosto um tanto variado para música, vai do rock à música tradicionalista gaúcha. Quanto ao que costuma assistir na televisão, vai de History Channel até os filmes da Marvel. Ao decidir o Curso de graduação que iria fazer, as suas opções eram Veterinária e Jornalismo (duas áreas com grandes diferenças). Já trabalhou no meio do esporte e já trabalhou com política. Dessa forma, suas referências são múltiplas e pouco coerentes entre si. No entanto, mantém coerência no seu gosto pela prática antes que com a teoria (tanto no curso técnico quanto no jornalismo), que vai ao encontro da sua apetência ao trabalho.

Podemos notar a geração de disposições em determinados momentos da vida do entrevistado: como exemplo, podemos analisar a experiência na cadeira de radiojornalismo da universidade onde estudou. Após fazer essa cadeira, e entrar em um projeto relativo a ela, foi que ingressou no meio da rádio, carreira na qual segue até hoje.

Uma das fontes de informação de Daniel, como um radialista, é a Rádio. Ele especifica a centralidade da Rádio Gaúcha, que é uma das principais mídias do Grupo RBS – principal empresa do campo jornalístico tradicional gaúcho, a qual possui uma emissora de TV afiliada da Globo. Além disso, aponta que, em sua casa, a família acaba assistindo muito a Globo, que diz que “*se coloca sozinha*”.

Dessa forma, constatamos que as disposições de Daniel são voltadas à prática e que, isso, somado a uma visão social conformista e de não engajamento político, acaba gerando uma maior probabilidade de se manter no campo da mídia tradicional, aceitando a forma como as coisas são feitas dentro dele.

6.3. Francisco: ideologia e jornalismo

Francisco tem 36 anos e é jornalista formado, mestre em Comunicação e doutor em Letras. Atualmente vive em uma cidade de porte médio do interior do Rio Grande do Sul e trabalha como assessor de imprensa em um sindicato, além de ser professor substituto no curso de jornalismo em uma universidade pública. É casado há 5 anos e pai de primeira viagem há 3 anos.

Seu avô, por parte de pai, de acordo com o entrevistado, era descendente “*bem próximo*” de portugueses e trabalhava como representante comercial. Conta que possui

essas informações porque seu pai falava bastante sobre ele. Quanto à avó paterna, relata que era filha de italianos. Sobre os avós maternos, Francisco diz que não conheceu o avô, só tendo ouvido falar, e, por isso, não tem muitas informações. No que se refere à avó materna, diz que a conheceu. Ela era descendente de alemães e tinha cursado ensino fundamental incompleto. Conta que eram de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, e que trabalhavam “na roça” e moravam na zona rural.

No que diz respeito aos seus pais, tiveram três filhos: Francisco e mais duas meninas. Os pais tinham ensino médio completo e um curso técnico em contabilidade e trabalhavam como funcionários públicos na Prefeitura da cidade onde viviam:

Os dois eram celetistas, ela entrou num processo de seleção que teve, era funcionária pública da Secretaria de Administração. O pai, ele chegou a trabalhar na época do primeiro governo do [de um prefeito], lá atrás, então teve uma época que ele foi cargo de confiança e depois ele também entrou como funcionário público. Ele trabalhava na Secretaria Municipal de Educação.

Francisco iniciou os estudos em um colégio privado e cristão da cidade onde nasceu: “Na época o meu pai e a minha mãe acharam que era pro meu bem me colocar lá, porque eles eram católicos”. Iniciou os estudos um ano antes do que é estabelecido por lei, sendo por isso o mais novo do que os colegas. Conta que era uma criança um tanto introvertida, não tendo muitos amigos na escola. Atribui o fato, em partes, à diferença de realidade econômica entre ele e os colegas: “Eu não me dava muito [bem] com as pessoas. Tinha a coisa da fila, de ficar em uma hierarquia, e eu sempre o primeiro da fila, porque eu era pequeno. Eu não tenho muitas lembranças de amizades, eu não fazia muitas amizades porque a realidade deles era muito diferente da minha”. Sobre essa diferença de classe, conta que escreveu um texto sobre um episódio ocorrido nessa época:

Teve um episódio que inclusive eu fiz um texto, que virou uma crônica: No final da aula todo mundo pegava os brinquedos que tinham e dividiam. Era a hora do brinquedo, uma coisa assim. E eu não tinha muitas novidades, e eu sempre quis ter aqueles bonequinhos, na época eram os “Comandos em Ação”, uns bonecos grandes e o pai e a mãe não tinham dinheiro pra comprar. Aí a gente tinha uma casa na praia, o pai e a mãe tinham conseguido comprar a casa, aí a gente tava andando um dia na rua e eu encontrei um “Comando em Ação” desses, atirado, só que tava sem uma perna, aí eu andei mais um pouquinho e eu achei a perna, aí eu peguei, levei correndo pro meu pai e disse “olha só, achei”, e o pai colou e ele ficou com aquela perna dura, todo lanchado e tal, mas eu adorei e fui brincar. E aí um dia eu levei, eu me sentia muito constrangido na época, porque eu não tinha nada de brinquedo fantástico, aí eu tomei a coragem de puxar esse brinquedo todo sujo e colado. E aí foi engraçado que

todo mundo largou os seus brinquedos e se interessaram pelo meu: “Bá, o dele é de verdade. Foi pra guerra!”, aquilo me marcou bastante.

Permaneceu na escola só até o segundo ano do ensino fundamental, quando seus pais não tiveram mais condições de pagar o colégio para ele e mais duas irmãs. Na terceira série acabou indo para uma escola municipal, onde permaneceu até a 8ª série: *“Cheguei [lá] e, no primeiro ano, eu descobri coisas que eu nunca tinha ouvido falar, desde palavrão até a realidade mesmo daquelas pessoas que se enquadravam na minha realidade social, que até então eu não tinha contato”*. Relata que a prática do futebol acabou lhe permitindo fazer facilmente muitas amizades. Conta, no entanto, que teve muitas situações de conflito:

Eu sempre fui muito brigão. O colégio teve uma época que começou a acolher matrículas de pessoas que moravam em seu entorno. Então entrou muita gente da vila, e, pra eles, eu mesmo sendo pobre era rico perto do que eles eram. Eu andava de skate, era todo metido mesmo, cabeludo, brinco... Então eles me provocavam, rolava muita disputa de menina também, ficavam com ciúmes. Várias vezes saí correndo do colégio pra não apanhar de um monte de gente. Então tinha os meus amigos, mas também fiz bastante inimizado.

Nessa época, diz que não gostava de nenhuma das disciplinas: *“Eu tinha uma relação meio de amor e ódio com algumas coisas, eu acho, porque a forma como eram dadas as disciplinas não me agradava, não me chamava muito a atenção”*. No entanto, conta que sempre teve uma maior atenção e se interessou mais pelas disciplinas de História e de Geografia: *“Sempre foi uma coisa que me despertou interesse. Eu lembro de me interessar por estudar a história da mesopotâmia, nada a ver com política, mas eu me interessava, jogava uns joguinhos no computador”*.

Conta que repetiu um ano, porque *“fazia muita bagunça”*. Na 8ª série, desistiu de estudar porque foi fazer capoeira. Conta que isso ocorreu porque estava em uma época “rebelde”, de adolescentes que acham que podem fazer tudo. Acabou ficando um ano sem ir para a escola e depois voltou. Conta que na primeira vez que perdeu o ano não fez muita diferença, devido ao fato de ter entrado na escola antes da idade exigida. No entanto, no segundo ano em que repetiu de série, sentiu essa diferença e acabou saindo novamente. Conta que, depois, acabou indo para outra escola privada da cidade, mas também acabou desistindo. Voltou a fazer o ensino médio no supletivo, após fazer 18 anos. Nessa época, relata que já estava com outra cabeça, pensando que precisava estudar e sofrendo muitas críticas dos pais e das irmãs: *“a minha irmã me dizia que eu*

ia ficar pra trás, que eu não estudava, que todo mundo ia me passar. [Hoje em dia] ela está fazendo doutorado agora e eu já terminei o doutorado”, brinca.

Francisco conta que foi para o supletivo com outra postura: “*No supletivo eu encarei sério, eu tava preocupado, achava que eu tava muito velho com 18 anos e não tinha terminado o ensino médio ainda, então fui firme*”. Conta que as disciplinas do supletivo eram muito objetivas, mas que ali se reafirmava o gosto por Geografia e História, além de começar a gostar do Português. Conta que nunca gostou das disciplinas de Matemática, Química, Física e Biologia.

Um ano antes de entrar na faculdade, o pai de Francisco veio a falecer.

Ele morreu de uma forma, que eu não sou de comentar muito... Eu era muito próximo do meu pai. Ele tinha tido um infarto, tinha feito três pontes de safena, e aí ele viveu 11 anos depois do primeiro infarto dele. Antes dele falecer, um amigo meu tinha se envolvido em um acidente de carro, nós estávamos conversando que ele ia ter que mandar arrumar o carro e tal. E eu tava pensando o que eu ia fazer no vestibular. Aí ele se deitou no sofá pra conversar comigo, e a última coisa que ele me perguntou foi "meu filho, e tu, o que tu vai fazer da tua vida?". Essa foi a última frase do meu pai, uma pergunta

Conta que, com o choque, não sabia o que fazer, se acudia o pai ou se ligava para a ambulância:

Aquilo me marcou muito negativamente. Eu passei 6 meses da minha vida sem fazer vestibular, sem estudar nada, porque eu entrei num estado de... eu não sei dizer se aquilo foi depressão. Na verdade, eu cheguei a adoecer, eu criei uma doença somática, somatizei aquilo, fiquei 6 meses me recuperando disso. Porque pra mim o meu pai tava se recuperando, ele tinha um quadro porque ele já tinha isquemias, e ele tava começando a sair na rua, ele não imaginava que a vida dele tava por um fio. Então isso é uma coisa que me marcou.

Relata que, desde então, todos os seus passos foram para tentar responder à última pergunta do pai: “*Eu acho que até hoje eu ando sempre tentando responder isso pra ele. [...]. A minha mãe nesse sentido também disse ‘tu tens que fazer alguma coisa da tua vida, a tua vida não acaba aqui junto com o teu pai’, porque pra mim ali parecia que ia acabar tudo*”.

Antes de terminar o ensino médio fez um vestibular, para o curso de Informática: “*Eu ainda estava no ensino médio, estava terminando o supletivo, não tinha muita noção do que eu queria*”. Depois fez seleção para o curso de História, como primeira opção, e para Jornalismo, como segunda:

Quando eu fiz o vestibular minha primeira opção era História e a segunda opção acabou sendo Jornalismo por eu compreender que existia uma

compatibilidade entre as duas áreas de atuação. Embora uma seja uma possibilidade mais prática para trabalhar com a história, a outra uma especialidade mais teórica, com vista a sala de aula. Mas naquele momento eu não tinha uma dimensão assim da diferença entre as duas coisas

Conta que sempre gostou de Jornalismo, mas que, na época, só a universidade privada da cidade o oferecia. Dessa forma, por ser muito caro, escolheu História. Passou para a segunda fase da seleção do curso pretendido, mas acabou não entrando por uma vaga. Foi fazer Comunicação Social – Habilitação Jornalismo. Como era pago, acabou fazendo o curso em 5 anos, para poder dividir o valor do curso em mais tempo.

No início do curso, conta que pensou em desistir. No entanto, encontrou no jornalismo uma forma de dar sentido à carreira profissional: *“Eu tomei a decisão do porque o jornalismo. Porque eu percebi que ali eu poderia fazer algo para contribuir com a sociedade, para dar um sentido àquilo que eu defini como minha carreira profissional, eu poderia contribuir para transformar a sociedade”*. Essa interpretação se dava principalmente pelo início de seu envolvimento político, que se deu paralelamente ao andamento do curso.

O entrevistado ingressou na faculdade com 25 anos. Conta que, nessa época, por se tratar de uma universidade privada, acabou reencontrando a realidade do colégio particular da infância, mas que, como o curso ocorria no turno da noite, tinha vários colegas que trabalhavam durante o dia pra conseguir manter o curso e que acabou se aproximando de outras pessoas.

Meu primeiro amigo, que ainda é muito meu amigo, é um cara bem mais velho que eu, que era diretor do Sindicato dos Bancários na época. Já no primeiro ano comecei a me dar bem com ele, um senhor perto de uma gurizada, a gente acabou se aproximando. Eu sempre fiz capoeira, desde muito cedo, então alguma coisa que a gente falou em aula, a gente fechou culturalmente a cabeça, e eu acabei ficando amigo dele.

Francisco fez outros amigos e, no segundo ano de faculdade, decidiram que disputariam o Diretório Acadêmico do curso: *“Aí eu comecei a conhecer gente de outros semestres, pessoal com mais idade também, uma galera que era do metal que ficava no entorno da universidade, começando a achar um pessoal por afinidades, formamos um grupo bem legal, bem heterogêneo e assumimos o diretório acadêmico lá”*. Depois

dessa experiência, conta que disputaram o Conune⁹⁹ e o DCE da universidade. A partir disso, conta que se envolveu bastante com militância política estudantil. Conheceu um instituto político e começou a trabalhar organicamente em uma rádio comunitária¹⁰⁰, a qual, conforme conta, *“acabou sendo o meu pai, suprimo um pouco o papel do meu pai”*. O convite para participar da rádio foi do colega sindicalista. Além dessa experiência de trabalho, Francisco conta que teve outras: uma delas foi em um projeto comunitário feito pela faculdade onde estudava, o qual produzia um jornal em uma colônia da cidade: *“Aquele é o momento que eu considero o meu primeiro emprego e é o primeiro emprego na área que era como editor adjunto de um projeto comunitário”*. Conta que, depois de um tempo, começou a ser remunerado pelo trabalho na rádio também. A militância política também lhe abriu algumas portas:

Eu tinha alguns convites, algumas possibilidades, que só pagavam por trabalho que eu executava. Por exemplo, tinha um jornal [de um sindicato], que eu nem sei se existe mais. E aí o sindicalista que era responsável na época, agora eu não me lembro o nome dele, ele me contatava e aí dizia “olha, a gente tem essa, essa e essa pauta pra cobrir, como é que é a tua disponibilidade?” Aí eu fiz bastante coisa assim também, né, remunerado por demanda.

Francisco conta que esses trabalhos eram de grande importância: *“sempre tive, desde o início do curso, esses trabalhos, né, essa remuneração, que eu conseguia obter de uma forma ou de outra. Inclusive pra manter o curso, foi importante pra mim. Porque era como eu pagava o curso”*.

Durante a graduação, o entrevistado conta que as disciplinas de Redação Jornalística o agradava muito e que, nessa época, acabou aumentando seu contato com a leitura, que já vinha de casa¹⁰¹:

Não é que eu não lesse, eu lia muita coisa, coleção Vagalume, começava a ler os livros do Paulo Coelho e não gostava. Mas não tinha muito contato com literatura além dessas literaturas infanto-juvenil e livros técnicos que me interessavam. Aí no curso de jornalismo começou a aparecer as bibliografias das emendas e ali eu acho que eu comecei a me formar um leitor mais assíduo. Bom, hoje a leitura é uma coisa que é intrínseca, eu gosto mesmo de ler.

Relata que lembra do primeiro livro que leu durante a graduação: *“A Tirania da Comunicação”, de Ignácio Ramonet. Esse livro, conforme aponta, acabou gerando a*

99Congresso da União Nacional dos Estudantes.

100Rádio com um viés alternativo e de grande identificação dos militantes de esquerda da cidade.

101Conforme trataremos em seguida, o pai era ávido leitor.

vontade de querer ler mais: “depois daquele ali foi desencadeando o processo de querer ler mais coisas, entender mais coisas, tipo o mito da caverna do Platão”.

Sobre os professores, destaca os nomes de dois como as maiores influências João e Luiz. De um deles foi bolsista e o outro era o professor de Ciência Política. Conta que quanto ao primeiro, destacava a questão da redação fez com que gostasse do primeiro e, quanto ao segundo, conta que se deu devido ao contato com um instituto político, o qual o professor é um dos fundadores:

Eu comecei a participar de um monte de curso de formação do [Instituto]. Ou eu participava como colaborador ou como participante. Comecei primeiro como participante e depois vim a participar de cursos como palestrante. Mas assim, guerra civil espanhola, se eu entendo um pouco sobre o que foi guerra civil espanhola, o período de ditadura militar do Brasil, todos esses grandes temas da história que eu já tinha interesse, e que eu fui a fundo, foi porque eu participei desses cursos, e o Luiz foi o cara que abriu essas portas. Foi meu orientador de TCC também.

Seguindo a vida acadêmica paralelamente, fez o processo seletivo para o mestrado em Comunicação em uma universidade particular em outra cidade, onde permaneceu por dois anos. Lá, conta que acabou fazendo algumas amizades no grupo de pesquisa de economia política do qual participava. Depois acabou voltando para a cidade natal e começou a trabalhar em uma rádio comunitária, além de alguns projetos de um instituto político da cidade. Na época começou a fazer também o curso de Letras, onde conheceu uma professora que o convidou a tentar o processo seletivo para o doutorado do curso: *“eu falei com uma outra professora, que era da linha de Análise do Discurso (AD). Me apaixonei pela Análise do Discurso”.* Conta que teve o convite do seu ex-orientador do mestrado para fazer o doutorado na universidade, mas que acabou optando pela AD.

Conta que depois da graduação teve várias experiências de trabalho: uma delas foi em um projeto do instituto que frequentava: *“Eles ganharam um projeto e o projeto previa determinadas pessoas para executar algumas funções. Então se entendeu que era importante se ter um jornalista. Participei de alguns projetos, um ou dois, se não me engano”.* Trabalhou, ainda, na universidade onde fez o mestrado. Relata que tinha duas bolsas: uma que supria a demanda econômica da mensalidade e uma de remuneração, a qual abriu uma oportunidade de trabalho na TV e na rádio da universidade. Teve outra oportunidade ainda na assessoria de imprensa de uma universidade privada da cidade

onde vive (a mesma da graduação), na rádio da universidade pública da cidade, onde assessorava a produção de um programa. Além disso, e entre outras coisas, teve a experiência de ser professor substituto por duas vezes da universidade federal da sua cidade. Resume suas experiências em: “*Comunicação educativa e comunitária, basicamente. E outras experiências em sala de aula né?, dando aula*”.

Nos trabalhos, menciona uma série de conflitos pelos quais teve que passar:

O sindicato mesmo tem um grupo hoje que não quiseram se dividir pra disputar as eleições, mas tem um grupo que é ligado ao PT e outro que é ligado ao PSOL e até mesmo independente que chama, né? Então tem essas disputas internas. Eu sempre tratei isso do ponto de vista jornalístico, e até hoje eu faço isso. O meu maior problema, maior desafio, pra intermediar essas situações foi dentro do sindicato justamente porque é muito forte essa divisão que eles têm lá. Eles racharam mesmo, mas unificaram pra continuar o mandato, Mas eles têm visões bem diversas, então algumas vezes fui questionado pelo meu trabalho: “Por que a escolha de um diretor do sindicato para ser a fonte da matéria? Por que a foto com aquele diretor?”. E pra mim sempre foi tranquilo, pra eles era um problema mas pra mim nunca foi. Eu digo: “Olha, porque ele é quem fala, porque é ele que sempre participou de tal atividade, porque ele tava na tribuna no dia da audiência pública[...]. Meu critério é esse, e as vezes no critério de proximidade e disponibilidade. As vezes eu contato um diretor e não me retorna, ou as vezes alguns não me procuram. Então eu sempre deixei muito claro isso: o critério é jornalístico, e não tenho outro. Porque ideologicamente ali, por mais que tenha essas divergências, é uma linha política de esquerda.

Na rádio comunitária também passou por uma série de situações nas quais teve que se posicionar. Isso se dava, muitas vezes, devido a questões políticas:

Na rádio tive bastante liberdade, mas como foi outro espaço que eu estive por bastante tempo teve uma situação também que a rádio passou por vários momentos de apreensão de transmissor, isso no governo do PT, né. De perseguição política mesmo, e o que mais impressiona é isso, né, o governo do Partido dos Trabalhadores. E eu lembro de um Deputado da região, que ele tinha sido um dos que tinha feito uma denúncia da rádio, que a rádio estaria fora dos critérios legais, a rádio ainda não tinha concessão, e aquilo retumbou no funcionamento da rádio. Quando vê abriram a rádio, o transmissor voltou a funcionar. Lá pelas tantas ele passou a ser aliado do PT em algum momento. Mas eu fiquei com essa questão guardada, né? Eu como editor do programa, um dos responsáveis lá da diretoria da rádio chegou pra mim e disse “segunda-feira tu vais entrevistar aqui o [deputado]”. Eu disse: “Não”. Então assim, de se xingar, de sair quase às vias de fato: “Não, não, não, se tu quiser então tu que vá falar com outro programa, em outro lugar, por isso, isso e aquilo”.

Francisco aponta que, durante muito tempo, por morar com sua mãe, e ter portanto a subsistência econômica garantida, o trabalho de jornalista se dava, principalmente, por questões ideológicas: “*Antes era a satisfação, a ideologia junto e depois a questão da renda [que importavam]*”. No entanto, aponta que, depois de ter

filho, as coisas mudaram. Conta que pensa primeiro no sustento da família e depois nas questões ideológicas e de satisfação pessoal: *“Essa questão ideológica me estrutura desde que eu comecei a caminhada pessoal e profissional. Então não tem como deixar de lado a questão ideológica. Mas hoje eu vejo o sustento como aquilo que é fundamental assim”*.

Sobre práticas culturais, Francisco narra que seu pai era um grande leitor: *“Ele tinha toda a coleção dos grandes autores clássicos, ele tinha um monte de livro de capa dura. Ele tinha o hábito da leitura [...]. Ele tinha um problema sério de visão, mas isso nunca impediu ele de ler, ele sempre foi um leitor”*. Quanto a sua mãe, conta que não gostava de ler, mas que, devido a sua profissão, e ao fato de ser considerada funcionária chave dentro a Secretaria na qual atuava, na prática precisava fazer leituras: *“Então a leitura técnica das coisas, do dia a dia do trabalho dela, ela tinha. E também tinha uma boa leitura jurídica em função disso, ela lia de cabo a rabo questões ligadas à constituição, à lei orgânica do município... Era absurdo o que ela sabia”*.

Durante a adolescência, Francisco aponta que o máximo que tinha de consumo cultural era o cinema e que, em sua maioria, consumia muitos produtos culturais da TV. Conta que a ligação com a música veio um pouco de um primo, o qual tinha banda, e, também, através do trabalho na rádio: *“Na rádio eu acho que foi onde eu conheci música, me despertou. Porque eu comecei a ouvir os programas da rádio, na época tinha muita diversidade de programas, aí eu conheci músicos locais, vários tipos de música diferentes do universo que eu tinha”*. A partir daí, começou a frequentar muitos festivais de música e teatro. Francisco ainda salienta que toca violão e berimbau e fez capoeira. No que se refere ao gosto pela música, conta que tem um pouco de influência de um primo: *“Talvez tenha me inspirado um pouco a questão da música, dele ser um cara muito livre, 16 anos já morava sozinho [...] Ele era músico, tinha banda e tudo, é meu padrinho inclusive”*.

Hoje em dia, no que se refere à música, diz que escuta Rap, principalmente. Conta que esse gênero musical conversa com ele, com suas vivências, além, é claro, das músicas da capoeira:

Hoje, não só os caras mais conhecidos do Rap, como o Sabotage, Racionais, o próprio Criolo que tá bem conhecido, o Rael, o Inquérito.. Mas eu tenho conhecido muita gente nova, ouvido muita coisa e gostado. Ouvindo esses caras me diz mais sobre mim, eu consigo refletir mais sobre a minha realidade

como brasileiro, o que eu vivo, e são músicas que me arrepiam, pra além das músicas de capoeira. Não as músicas comerciais. As músicas de capoeira angola, quando é alguém cantando, porque tem todo um processo, cantando aquilo que os negros de fato vivenciaram na época da escravidão.

Quanto às produções audiovisuais, conta que geralmente quem escolhe os filmes que assiste é a esposa, mas que os que escolhe geralmente tem a temática política e espiritual. Relata que tem assistido vários filmes diferentes e cita como exemplos o filme sobre José Mujica, ex-presidente do Uruguai, que avalia ser muito bom. No entanto, conta que assiste mais séries, por conta do filho: *“Uma série é melhor porque dá pra parar e continuar”*. Aponta que as últimas que assistiu foram *“A Irmandade”*, *“O Recluso”* e *“Vis a Vis”*, todas séries ligadas à realidade penitenciária: *“Hoje é isso que tem me interessado mais. Tenho refletido muito sobre isso”*.

Ainda sobre esse tema, Francisco é um torcedor de futebol entusiasta. Torce por uma equipe do interior do Rio Grande do Sul. Conta que isso entrou na sua vida por influência do pai, também grande torcedor:

Quando eu tinha 10 anos, o pai infartou pela primeira vez. Então eu passei toda a minha infância ouvindo dizer "cuidado, o pai não pode se estressar, não pode se emocionar". Só que o meu pai rompia com isso. Era o cara que "não dá nada, nada é nada". Se tu arrancasse um braço do meu pai, ele seguia andando. Um cara completamente resiliente. Acho que ele aprendeu isso em função da visão. Então eu pedi pra ir no jogo uma vez, e todo mundo tinha medo que ele fosse ter um infarto, [porque] ele era muito brabo. E ele foi e me levou. Então o futebol entrou a minha vida por causa do meu pai, me levando a jogo. A identificação foi direta.

Hoje em dia, Francisco diz que compreende o futebol como um espaço de colonização dos times da capital sobre os do interior. A partir dessa interpretação conta que não consegue nem ouvir falar nas equipes da capital, só da sua equipe. Relata que em 2019 não conseguiu ir a muitos jogos, por estar dando aulas a noite e que, por isso, e por questões políticas parou de pagar a mensalidade: *“Deixei de pagar a mensalidade quando o Bolsonaro recebeu uma camiseta do [time], de [um deputado da região]. Aquilo me incomodou e eu parei de pagar. [...] É uma coisa que me incomodou muito, a utilização do clube que eu amo pra fins políticos. Pra esse tipo de fins políticos, em especial”*.

Quanto ao posicionamento político, Francisco diz que, utopicamente, é anarquista: *“Inclusive eu participei de reuniões da Federação Anarquista Gaúcha (FAG). Me reuni com uma galera que milita organicamente dentro do Movimento Anarquista”*.

Considera o trabalho deles fundamental: *“Trabalho de base mesmo, porque eles não têm isso como uma finalidade política, para vir a se candidatar ou pra um quadro político-institucional. Eles estão dentro dos bairros, inseridos onde a pobreza realmente acontece, eu acompanhei isso”*. No entanto, diz que não gosta muito dos “ismos” – anarquismo, comunismo, socialismo, etc – porque eles colocam em categorias que não considera que se encaixa mais:

Eu diria assim, tenho pensamento anárquico, e a minha utopia é como a do Eduardo Galeano: eu acho que a gente não vai viver a transformação que eu quero ver na sociedade. E eu acho hoje que a transformação social se dá muito mais de nós para o nosso entorno do que propriamente dentro de uma perspectiva de coletividade – embora eu reconheça que a coletividade é importante – mas eu não vejo que a política hoje, institucional, ela vá além de uma marionete do poder econômico.

Apesar disso, o seu posicionamento não o inviabiliza de votar na política institucional porque considera que o não votar não resolve a situação. Conta que, nas eleições de 2018, votou no primeiro turno em Ciro Gomes (PDT):

O meu pensamento ele é racional dentro dessa política, porque eu entendo ela como uma farsa, então eu penso: “Dentro da farsa, dentro desse teatro de marionetes, quem seria a marionete mais indicada pra pelo menos, nesse momento, como não tem como a gente fazer uma revolução, modificar a estrutura da sociedade pra melhor pra maior parte de pessoas possível, que consiga intermediar as coisas do ponto de vista mais democrático possível?”

Compreende que, dentro da política institucional que se tem no Brasil, procura o candidato que *“seja aquela figura que eu identifique que consiga ir puxando cada vez mais pra esquerda todo esse processo que degradingou”*. No entanto, diz que não crê em salvadores da pátria.

Conta que sempre votou em candidatos do PT, e que depois de um tempo, passou a votar entre os candidatos do PT e do PSOL, mas que, agora, como vê o cenário político indo cada vez mais para a direita, acabou votando no PDT¹⁰² nas últimas eleições, *“embora o PDT seja um saco de gatos”¹⁰³*.

Salienta, porém, que o que acredita que irá mudar a sociedade é a ação direta, as pessoas na rua, *“independente de partidos, mas que tenham essa compreensão de que as coisas precisam mudar”*. Por fim, retornando para uma tentativa de definição da ideologia, aponta: *“mas se tu quiseres o meu enquadramento, seria um anarquista,*

102Partido Democrático Trabalhista.

103Conforme palavras do entrevistado.

humanista, não sei.. existencialista. Mas acho que eu estou entre o comunismo e o anarquismo mesmo assim, como ideal de pensamento assim”.

O pensamento político do entrevistado destoa bastante do dos pais: “*A minha mãe era uma pessoa de direita. Assumidamente de direita*”. Mas conta que, no entanto, por influência sua, ela acabou votando no PSOL algumas vezes. Porém era antipetista: “*Ela desenvolveu um antipetismo até em função de que ela foi funcionária pública no governo do PT. Teve uma série de conflitos com o funcionalismo público e aquilo foi marcante pra ela*”. Quanto ao seu pai conta que trabalhou em gestões de partidos de centro-esquerda: “*Era um democrata, né. Ficava num âmbito trabalhista e democrata*”.

Apesar dessas discordâncias em um âmbito de grande importância na sua vida (o político), Francisco reconhece que seus pais foram sua grande influência na infância:

A forma como ele lidava com as pessoas, porque, aí que tá: O meu pai é uma pessoa que nós poderíamos enquadrar ele hoje num perfil de um Ciro Gomes, um cara de centro-esquerda pra centro-direita liberal assim. Mas o meu pai era uma figura humana. Ele conversava com todo mundo, ele ajudava todo mundo, ele se preocupava com todo mundo, ele não diferenciava ninguém, ele não humilhava as pessoas, ele tinha um senso de justiça muito forte assim. Então ele era uma grande referência em toda essa parte da infância.[...] E depois a minha mãe. A minha mãe como trabalhadora também. Então eles são as minhas grandes referências. Pessoas que eu me inspiro no meu jeito de agir.

Para além dos pais, conta que vê como grandes influenciadores da sua vida algumas pessoas que conheceu a história através de biografias, filmes, etc:

Fui conhecer a história do Marighella, fui ler sobre o Marighella, fui ver filme sobre o Marighella. Eu tenho duas biografias dele. Li também muitas do Che Guevara, e tenho prós e contras com ele, como tenho com Marighella também, mas assim, ele não representa tanto pra mim quanto a figura do bahiano, capoeirista, mulato, que tentou a via institucional como forma de militância, mas compreendeu naquele momento que estava sendo cometido um terrorismo de estado, precisava agir pra além do simples discurso, da ação político institucional. Então era um cara que, pra mim, de fato era um revolucionário. E ele revolucionava tanto na militância dele política, quanto na prática dele pessoal, humana, amorosa.

Cita também o nome de Luiz Eurico Tejera Lisboa: “*Foi morto assassinado durante a ditadura. Eu tive contato com a história de vida desse cara assim, é uma figura que me inspira*”.

Por último, e talvez mais importante, Francisco cita o próprio filho de 3 anos como influência:

O que eu posso te dizer é assim: O meu filho hoje tá sendo referência pra mim. Porque ele é uma criança em formação, ele comete muitos.. Faz coisas de

criança assim, né. Mas aí ele faz eu reler a minha própria vida. [...] Ele é uma referência pra eu pensar como que a gente lida com a questão do afeto... Como eu digo assim, ele é muito parecido comigo, muito brabo, e ele lida com essa coisa de tentar controlar a brabeza dele e demonstrar o afeto.

Aponta que, por essas características citadas, se enxerga muito no filho e conclui exclamando: *“É um exemplo pra mim”*.

6.3.1. Análise

O início da trajetória de Francisco é marcado pela dualidade de classes: a passagem na escola na qual não se encaixava por conta das condições sociais de sua família *versus* sua ida para o colégio público, onde, conforme relata, descobriu um novo mundo. Essa passagem também vai de uma criança que se dizia introspectiva até outra com amigos. Podemos ressaltar aqui, também, a subjetividade das classes sociais em relação com os espaços. Enquanto no primeiro espaço tinha condições financeiras menos privilegiadas do que os demais colegas¹⁰⁴, no segundo era considerado “rico”. Podemos considerar, então, que Francisco teve contato desde pequeno com realidades muito diferentes social e economicamente.

Na trajetória de Francisco se observam momentos de conflito com relação a situações de classe social. Essa disposição para o conflito, quando deparada com as situações de desigualdade social, vivenciadas pessoalmente e aprofundadas através do estudo, além de a descoberta de uma visão crítica sobre outros assuntos – como por exemplo a narrativa passada através do primeiro livro que leu na graduação – podem ter gerado uma maior propensão para a militância política.

A morte do pai pode ser compreendida como um choque, um marco na trajetória, o qual impulsiona o jornalista, através do questionamento do que “fazer da vida”. A partir disso, acaba encarando mais intensamente os estudos e o trabalho.

A vivência na rádio comunitária teve um grande papel nisso, conforme coloca o entrevistado, pois esta acabou suprimindo o papel do pai, recém falecido. Esta proporcionou uma série de vivências que vão ao encontro dessa experiência militante. A partir do momento onde o jovem se encontra com a militância, procura manter uma certa “coerência” em todos os seus espaços de participação: Centro acadêmico, DCE,

¹⁰⁴Conforme quando comenta que os colegas da escola pública se enquadravam mais na sua realidade ou quando conta a história dos “Comandos em Ação”.

Conune, Instituto político, rádio comunitária, trabalhos como Assessor de Imprensa em sindicatos, além dos múltiplos contatos com a educação indicam essa tentativa de coerência disposicional. Todos esses espaços possuem um componente em comum: uma possibilidade de participar ativamente de mudanças sociais, sendo através do jornalismo ou pela docência.

Essa “coerência” podem ser notadas através das práticas culturais e de seus influenciadores também, uma vez que cita séries sobre encarceramento, filme sobre o ex-presidente uruguaio José Mujica – ator político relevante na esquerda política internacional –, o Rap como música que mais escuta, gênero que discorre criticamente em suas letras, muitas vezes, sobre a realidade social brasileira, abordando temas como desigualdade, racismo, e fazer um certo ativismo político, além de colocar como influenciadores da sua trajetória pessoas como Marighella e Luiz Eurico Tejera Lisboa (atores políticos conhecidos como símbolos de resistência e posicionamento de esquerda política). No entanto, mostra certa pluralidade também, ao mencionar que assiste outros tipos de filmes, como relativos à espiritualidade ou escolhidos pela esposa, por exemplo.

O voto em Ciro Gomes (PDT) pode ser interpretado como uma disposição plural, destoante do restante da trajetória, levado a ser feito devido ao momento histórico e político do Brasil, uma vez que, no que se refere à ideologia, o interlocutor considera que tem pensamentos que vão ao encontro do anarquismo. No entanto, faz uma ligação do posicionamento político do pai com o de Ciro Gomes e, na sequência, aponta uma grande admiração pelo genitor.

Apesar de toda essa “coerência”, conta que hoje em dia a ideologia não vem mais em primeiro lugar quando se refere ao trabalho, mas sim o sustento. Essa modificação se deu pela mudança de realidade quando ocorreu o nascimento do filho e formação de família. Observa-se, aqui, uma disposição sendo modificada através da relação com as mudanças familiares vivenciadas por Francisco.

Podemos afirmar que devido às suas disposições para o conflito, bem como as militantes, que são identificadas com uma esquerda (“*comunismo e o anarquismo*”, conforme relata), e à tentativa de manter essa coerência quando à trajetória (tanto no que se refere aos trabalhos por onde passou, bem como as produções culturais que

assiste, etc), o entrevistado teria uma grande dificuldade de se enquadrar nas exigências do campo da mídia tradicional, marcadamente neoliberal.

6.4. Felipe: um jornalista prático

Felipe tem 23 anos e é jornalista formado. Atualmente vive em uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul. Mudou-se para lá porque recebeu uma proposta de emprego para trabalhar numa das maiores e mais bem conceituadas empresas de comunicação do estado.

Descendente de alemães por todos os lados, Felipe conta que seu avô materno nasceu em uma das cidades berço da imigração alemã no Brasil. O bisavô veio da Alemanha, e teve o filho no Brasil. Sua avó nasceu em outra cidade, também do interior do Rio Grande do Sul, onde Felipe nasceu. Os avós se conheceram após o avô se mudar de cidade, ainda jovem, juntamente ao pai, para a cidade onde a avó vivia. Conforme relatos do entrevistado, desde sempre eles moraram no interior: *“Eles plantavam soja, milho, trigo, e também tinham vários açudes, piscicultura”*. Juntos tiveram duas filhas, a mãe de Felipe e mais uma menina, ambas regulando de idade: *“Devem ter 47, 48 anos... Eu também não sei a idade da minha mãe”*. Os avós maternos moraram no interior até quando puderam trabalhar: *“Eles saíram [de lá] fazem cinco 5 ou 6 seis anos e vieram morar na cidade porque eles não conseguiam mais trabalhar. Chegaram num limite assim. Venderam parte da propriedade e, com essa grana, compraram uma casa na cidade”*. Hoje, conforme relata, seu avô tem 80 anos, e a avó cerca de 77: *“Já estão bem debilitados, ficam mais em casa”*.

Ambos estudaram até a quarta série do ensino fundamental: *“porque a escola que tinha no interior, aquela época, se tu não saia dali pra ir pra cidade, se tu trabalhava na fazenda dos pais, acabava ficando por ali”*. No entanto, menciona que seu avô conta que tinha vontade de seguir os estudos:

Eu até tive uma conversa com o meu vô esses dias que ele falou que ele realmente gostaria de ter feito alguma coisa, seguido os estudos, e até entrado em uma faculdade de Agronomia, alguma coisa pra tentar melhorar. Só que naquela época era muito difícil, faltava grana, não tinha oportunidade, tinha que ajudar... Então eles acabaram sempre ficando por essa linha.

Por parte de pai, conta que a situação é parecida: ambos os avós são descendentes diretos de alemães que vieram para o Brasil. Os dois moravam em

cidades diferentes do interior do RS e acabaram se conhecendo na cidade onde a avó vivia. Ambos trabalhavam na roça na infância, até cerca de 20 anos de idade. Viveram durante um tempo na cidade natal da avó, e, depois, decidiram viver em uma cidade maior da região. O avô paterno começou a trabalhar no ramo da indústria e de supermercados, enquanto a avó era dona de casa: *“A minha avó sempre foi dona de casa, nunca trabalhou. Meu avô começou trabalhando em várias coisas, tipo ele trabalhava em uma empresa de laticínios, depois ele era estoquista no supermercado, depois virou supervisor do supermercado até se aposentar”*. Felipe relata que seu avô estudou até a oitava série do ensino fundamental, enquanto a avó fez até a quarta. Os dois tiveram também dois filhos: o pai de Felipe e mais um irmão homem, ambos hoje com cerca de 50 anos.

O pai de Felipe nasceu na cidade onde os pais se conheceram e se mudou com a família para a cidade maior. Coursou seus estudos em uma escola privada: *“Meus avós, como eles vieram pra buscar uma vida melhor, eles lutaram e conseguiram bancar [a escola particular] tanto pro meu pai como pro meu tio”*. Na sequência, seu pai fez graduação em Rádio e TV – curso que habilitava para ser jornalista – e, depois, pós-graduação. Felipe conta que seus avós ajudavam como podiam, mas que seu pai já trabalhava durante a graduação. Começou a carreira trabalhando com rádio, em uma cidade vizinha de onde morava. Depois de um tempo voltou para a cidade e assumiu uma Assessoria de Imprensa de uma cooperativa, na qual trabalha até hoje. Com o tempo, acabou ganhando também o cargo de Assessor de Direção.

A sua mãe é funcionária pública. Trabalha como Fiscal de Contas do município onde mora. Felipe conta que, por morar no interior, onde só haviam escolas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, sua mãe teve que se mudar para morar com a tia na cidade: *“Começou a estudar primeiro numa escola pública, e depois os meus avós conseguiram bancar uma escola particular pra ela”*. Na sequência cursou a graduação em uma universidade particular da região e, depois de anos, cursou a pós-graduação para ter um aumento no salário.

Os dois se conheceram na cidade natal de Felipe, e tiveram apenas um filho. O entrevistado relata que estudou até início do ensino médio em escolas privadas: *“Eu comecei em uma escola, me mudei pra outra, depois pra outra, mas por questões assim,*

uma eu não gostava aí mudei pra outra, a outra ensinava alemão, fui pra lá e fiquei lá". Quando entrou no ensino médio, conta que cursou meio ano e, devido a um acidente de bicicleta, ficou seis meses em funções de hospital, tendo que repetir de ano no colégio. No ano seguinte, inaugurou um campus de um Instituto Federal na sua cidade: *"eu pensei 'tá, um negócio público ali, os professores eram muito bons, todos com mestrado, doutorado' e eu fui pra lá. Aí eu fiz todo o ensino médio no IF"*.

Conta que, de uma escola para a outra, o perfil das pessoas destoava muito:

As particulares, as duas que eu estudei, eram de uma classe social bem alta da cidade, dava pra ver que realmente o pessoal acabava nem indo pra estudar, só tava na escola. Tinha 3, 4 pessoas assim que acabavam tendo menos grana, e dava pra ver que o pessoal era bem excluído, todo mundo zoava, tinha umas roupas [piores] e acabavam sofrendo bastante. Já no IF era bem diferente, porque como é escola pública, tinha que fazer a prova, passava e, tipo, tinha uma mistura muito grande. Claro, tinha muita gente dessas escolas que eu já conhecia, mas tinha muita gente que veio da região, veio de escolas do interior, de classes sociais mais baixas, e isso gerou uma mistura bem grande, não tinha essa discrepância. Todo mundo se ajudava, [...] era uma coisa mais homogênea, não era tão separado, tão escancarado.

Concluiu o ensino médio junto a um curso de Edificações no módulo integrado. Relata que a escolha se deu porque o Instituto oferecia apenas dois cursos: Técnico em Edificações e Técnico em Design de Móveis: *"Eu pensei que Edificações ia ser melhor de fazer, não porque eu curtia a área, mas porque era o que tinha e era concomitante"*. Entre suas disciplinas preferidas cita História, Geografia e Artes, as quais conta sempre ter tido facilidade: *"Raras vezes eu estudava. Eu gostava de prestar atenção nessas aulas, e sempre me dava bem, sempre era bem tranquilo, sem nenhum problema. Não sei o motivo disso, sempre tive uma facilidade e gostei dessas coisas. Saber de onde a gente veio, porque a gente veio, o que faz aqui"*. Entre os professores que mais gostava, traz o nome justamente do professor de História:

O professor Leonel. Era um professor de História. Ele era muito rígido, só que todo mundo respeitava ele, porque ele tinha um jeito muito bom de passar o conteúdo e ele fazia a gente pensar, ele não simplesmente passava. [Ele perguntava:] "O que vocês acham disso? Por que isso?". Ele tinha um jeito diferente, que me fez inclusive, talvez, gostar mais ainda de História e querer entender mais as coisas.

Conta que estava um tanto indeciso no ensino médio sobre o que faria na graduação: *"Eu queria fazer Publicidade e Propaganda no início do ensino médio. Aí lá pelo 2º ano eu comecei a entender um pouco mais as coisas, fui mudando, mudando,*

até que decidi fazer Jornalismo". Salienta que ser jornalista não foi nada planejado, mas que desde sempre teve contato com rádio e TV pelo fato do pai e do tio serem da área da comunicação. Considera que, além disso, o hábito da leitura também acabou influenciando na escolha.

Sua graduação foi fora da sua cidade, em uma universidade pública: *"Foi uma experiência completamente diferente. Saí de uma cidade pequena pra uma cidade bem maior, e pra uma cultura totalmente diferente no fim das contas, porque é bem discrepante os jeitos das pessoas. Demora um tempo de adaptação"*. No entanto, conta que fez amigos logo e que nunca lhe faltou nada porque os seus pais sempre o ajudaram, o que facilitou o processo. Logo no início da faculdade já começou a procurar emprego: *"Não estava procurando trabalho pra me manter, então eu poderia fazer qualquer coisa ganhando um salário pequeno, mas dentro do jornalismo pra tentar ganhar o máximo de experiência"*.

Entre os espaços que mais frequentava cita, principalmente, as festas da cidade, além de outros espaços onde os jovens se reúnem. Nunca participou de Atlética e no Centro Acadêmico conta que foi duas vezes: *"nunca fui muito envolvido nessas questões assim. Mais era nas questões do curso, no que eu achava que iam me dar experiência"*. Diz que nunca teve vontade de seguir carreira acadêmica. Entre as disciplinas que mais lhe chamavam atenção, indo ao encontro de seu posicionamento sobre a vida acadêmica e sobre ganhar experiência, eram as práticas. Mais do que isso, afirma que aprendeu mais trabalhando do que na sala de aula: *"Claro, tudo ajudou, muita base eu aprendi ali dentro, mas realmente, saber fazer o jornalismo que eu sei fazer hoje foi aprendido fora da faculdade"*. No primeiro ano já conseguiu um emprego na parte operacional de uma TV da cidade: *"Operação de switch, tudo mais. Então tinha a ver com jornalismo, tinha contato com os jornalistas e acabava me envolvendo nas pautas"*. Depois, conta que conseguiu estágio em uma assessoria de imprensa de um escritório de advocacia: *"Era mais marketing e fazer informativos, produzir materiais para o escritório, bem assessoria mesmo"*. Na sequência, entrou numa das mais ouvidas rádios da cidade como comunicador:

Foi uma coisa bem aleatória porque eu não tinha experiência com rádio, não tinha certificado para trabalhar em rádio. Mas acabei trabalhando lá e isso já acabou me ajudando porque eu não precisei fazer todo o processo do curso de

radialista, porque como eu trabalhei eu já consegui ter o certificado e isso me ajudou bastante.

Enquanto trabalhava na rádio, fez parte também de um projeto da universidade de webrádio e webtv. Nessa experiência trabalhou com pessoas com deficiência visual: “Desenvolvia rádionovelas, rádioescola, desenvolvia vários projetos e também fazia assessoria para a escola, sempre incluindo os alunos. No projeto eles podiam se ouvir, a gente levava eles na rádio, era bem bacana”. No final da faculdade, ainda participou como apresentador da TV da universidade.

Conta que não era um aluno exemplar na faculdade: “*na maioria das aulas eu saía cedo, ou simplesmente não ia. Mas as que eu gostava, como eu te disse, matérias práticas de rádio, tv, tudo mais, eu acabava indo porque eu gostava e queria aprender a fazer aquilo naquela hora*”. No entanto, um dos professores que cita ter sido mais importante para ele não era de uma disciplina prática. A sua importância, para o entrevistado, foi devido a que instigava os alunos a pensar sobre o mundo:

O Márcio, [...] as matérias que ele dava, ele não levava só pro viés do jornalismo, ele conseguia juntar tudo, ele pegava exemplos do mundo real, fazia a gente pensar, puxava política, engatava de algum jeito com a matéria, e fazia realmente o que a gente precisa saber no dia a dia do jornalismo. Porque não é tu saber como fazer um lead¹⁰⁵, tem que saber como fazer um lead usando mil coisas ao teu redor. E isso ele conseguia fazer de um jeito bem bom.

Quando se formou, foi chamado para trabalhar em um dos maiores grupos midiáticos do Brasil para um programa de rádio: “*Era um ‘freela’ de um mês, na época da greve dos caminhoneiros. Eram um ‘troço bem punk’. Cheguei na ‘paulada’: ‘Vai lá em coletiva com governador, vai lá e tem que segurar ao vivo durante 30 minutos e te vira’. Ai deu certo e eu fui ficando e acabei ficando um ano e meio ali*”. Conta que, apesar de ter sido contratado para fazer rádio, no final do seu período na empresa acabou fazendo também TV:

A emissora estava com falta de pessoal. A gente sabe que nos veículos aqui é complicado, tem pouca grana, o pessoal acaba saindo, entrando de férias e, se não tem quem faça, o cara acaba acumulando função. Eu era contratado pra uma rádio, acabei trabalhando em duas e ainda fazia TV. Aí foi quando eu realmente comecei a ter mais contato com a televisão, mais do que na época da faculdade, porque ai realmente era jornalismo na “pauleira”. “Tu tem duas horas, vai lá, faz tua pauta porque tem que entrar no jornal e te vira”.

¹⁰⁵Parágrafo que introduz a matéria jornalística respondendo os seguintes elementos: O que? Quem? Quando? Como? Onde? Porque?

Relata que nessa empresa o trabalho era extremamente pesado: “Cheguei lá, era pra fazer seis horas, porque eu estava contratado pra uma rádio só. Mas eu acabava as vezes entrando mais cedo, as vezes batendo o ponto e depois voltando pra fechar material...”. Além disso, quanto à linha editorial, Felipe conta:

A gente tinha uma certa liberdade assim. Se acontecia algo a gente noticiava. Não tinha “Não pode falar tal coisa”. Mas as vezes tinha essa venda de pautas. Teve a questão da Reforma Trabalhista [...]. Ai eu tive que fazer uma série de reportagens falando bem da Reforma Trabalhista. Ai começou a questão da Reforma da Previdência, a mesma coisa. Mas não sei como eles trabalhavam isso, porque no mesmo dia eu fiz uma matéria a favor da Reforma da Previdência com o pessoal do governo, e logo depois eu tava no sindicato dos trabalhadores fazendo uma matéria contra porque eles eram patrocinadores de outro programa. Então era algo bem assim, tu não tem a liberdade de botar só a tua opinião, tu tem que colocar o que eles te mandam, e se não fizer, deu ruim. [Lá] era isso, não era escancarado, mas tu percebia essas nuances.

Através do trabalho nessa empresa, surgiu a oportunidade de trabalhar em outra grande empresa de mídia do estado, concorrente da primeira, onde o jornalista se encontra até hoje. Conta que, agora, a situação é bem diferente: “Horário é respeitado no ponto. Se tu passas um minuto do ponto tu ganhas uma advertência. Não pode fazer nada depois do horário, não podem te ligar. O que aconteceu a gente vai ver e vai averiguar, se tá valendo ou não tá valendo, ouve todos os lados e bota no ar”.

Atualmente, o entrevistado afirma estar muito satisfeito com o trabalho e que é isso que procura com a profissão, satisfação pessoal:

Nesse momento eu vejo como uma forma de satisfação pessoal, porque eu acho que quem faz jornalismo não faz pela grana, porque quem tá iniciando não vai ganhar bem, vai ter trabalho excessivo, vai se estressar muito... Muitas pessoas que eu conheço tem problema de saúde inclusive por isso. Mas nesse momento pra mim é uma satisfação pessoal.

No que se refere às práticas culturais do jornalista, conta que vê filmes todos os dias praticamente: “Eu sou meio viciado em filmes e séries, sou um consumidor bem ávido e eu já devo ter zerado o catálogo da Netflix”. No entanto, conta que não tem um gênero preferido de filme e que, se alguma coisa lhe chama atenção, vai lá e vê: “Se é uma produção nova eu vou lá e vejo. Tento ver o que tá acontecendo. Sempre quero estar antenado nessa questão de filmes”.

Quanto à música diz que é a mesma questão: Conta que é um tanto eclético e que não tem preconceito com nada, só não escuta gospel: “Sertanejo, eletrônico, pagode... Só não escuto gospel. Até ultimamente eu to escutando bastante Rap

internacional, que é o que eu mais to escutando". Conta que considera isso legal porque, conforme relata, se pode separar as pessoas pelo tipo de música que elas gostam. E, sendo eclético, tem uma facilidade maior de conversar com todas elas. Apesar disso, coloca o rock clássico como gênero preferido e conta que isso é influência do pai. Relata que desde pequeno escutavam o vinil do Pink Floyd juntos. Conforme relata, seu pai é da época do beatlemania e é apaixonado por Pink Floyd.

No cinema conta que não vai faz muito tempo. Fala que ia muito antes de entrar na faculdade e durante o último namoro. Na faculdade diz que frequentou pouco: *"Eu sempre gostei, mas não sei porque acabava não indo tanto assim. Mas sempre me chamou bastante atenção, até vou começar a ir mais agora"*. Quanto a teatros e museus, relata que é muito raro ir também. Conta que, quando vai viajar e tem algo diferente que lhe interessa, acaba indo. Caso contrário, não.

Sobre leituras, relata que sempre leu muito: *"Eu era uma pessoa que devorava livros. Eu lia muito, desde pequeno. Eu tenho lá em casa uma estante gigante, de tudo que é livro que eu já li"*. Conta que, durante a faculdade parou de ler por gosto e começou a praticar por obrigação. Hoje em dia não tem lido muito: *"Talvez porque a vida aconteceu assim e acabo tendo muita responsabilidade. Estar trabalhando, cansado, só quer chegar em casa, deitar e ver um filme. É mais fácil do que parar um tempo ali pra relaxar, pegar um livro, um chá ou um café, tomar, ler e é mais tranquilo"*. No entanto, conta que não deixou totalmente o hábito. Diz que está lendo um livro sobre a Revolução Chinesa e que, recentemente leu o livro sobre o Edward Snowden. Diz que tem dado preferência para obras que agreguem algo: *"Não é aqueles livros de ficção, que eu costumava ler, mas mais assuntos que talvez vão agregar conhecimento, que eu acabo me interessando e lendo"*. Conta que pegou o hábito do pai: *"Ele lê livros em geral, às vezes ele pega os livros que eu to lendo, ele pegava os livros que eu lia na faculdade, ele pega livro de ficção, ele pega livro de atualidade, sociologia, filosofia, ele pega e lê tudo"*. Sua mãe também lê. Mas não livros: *"A mãe mais lê assuntos jurídicos, Ela pega publicações jurídicas, quando fazem uma mudança na constituição, alguma coisa de 300 páginas, ela vai lá, pega, lê tudo, e ela lê bastante sobre isso"*.

Quando questionado se hoje, sendo um repórter televisivo, assiste TV, responde que não: *"É um costume que eu perdi na época da faculdade. Eu tinha uma TV lá no*

início, quando comecei a morar sozinho. Ela queimou, acabei não comprando outra. Não me fazia falta. Aí acabei talvez perdendo o costume por causa disso". Antes disso, no entanto, diz que assistia bastante: *"É meio que cultural de cidade do interior assistir o Jornal do Almoço, assistir o RBS Notícias, saber do que está acontecendo"*. Hoje em dia conta que só assiste TV para ver jogos de futebol ou se anunciam alguma produção que o chame muita atenção. Porém diz que acha que faz falta, mas que supre isso em outros aparelhos e no momento que quer:

Como eu trabalho em TV, é minha vida, então eu tenho que ver o que as outras pessoas fazem. Nesse sentido, eu todos os dias acabo pegando meu celular, vejo os jornais e assisto alguma coisa por aqui, a matéria que me interessa, o repórter que me interessa, que eu quero aprender um pouquinho com ele. Eu acabo vendo no meu celular e não tem necessidade mais de estar aqui naquele horário.

Sobre ideologia, Felipe conta que a faculdade mudou bastante seu pensamento:

Eu tinha um posicionamento um pouco mais, digamos, centro-direita no início da faculdade. Eu convivia com muita gente que tinha esse pensamento na escola, eu tinha muitos amigos e acabava vendo coisas deles na internet. Vai criando aquela bolha e o cara acaba consumindo mais isso. Quando eu entrei na faculdade eu mudei a minha visão. Eu comecei a conhecer mais das pautas sociais, comecei a me interessar por isso e ver que é importante, e comecei a me identificar mais com a parte da esquerda, não digo extrema-esquerda, mas centro-esquerda assim.

Salienta que nunca participou de militância de forma nenhuma. No entanto, conta que nos protestos de 2013 foi, junto com outros três amigos, organizador do ato na sua cidade: *"Conseguimos fazer um ato em uma cidade de 60 mil pessoas com 3 mil pessoas em um dia de chuva, foi tri 'massa'. Aí começou a movimentar. Aí a gente conseguiu passe livre pros estudantes, que o prefeito tinha prometido e não cumprido"*.

Durante a faculdade, nunca participou de grupos políticos. Afirma que tem sua posição e que respeita a dos outros: *"Claro, se é alguma coisa que eu acho que tá errado eu vou lá conversar com a pessoa e ver se eu consigo mudar o posicionamento dela. Sei que isso é ridículo, porque ninguém consegue, mas é nesse sentido assim"*. Diz gostar de política, mas ter pavor de fazer política: *"Não me sinto bem nesse meio"*. Ainda sobre o tema conta uma curiosidade: *"Tem uma coisa: Eu fui vereador por um dia, pelo PMDB. Eu tinha uns 12 anos, era um sorteio na escola, era pra conhecer... Até tentaram me levar pra juventude PMDBista, mas Deus me livre"*.

Nas suas palavras, seus pais são “*petistas doentes*”: “*Meu pai tem a estrelinha do PT que ele usou nas Diretas Já, minha mãe também. Meu primeiro voto eu não sabia em quem votar pra presidente, eles disseram pra eu votar na Dilma, ‘pelo amor de Deus’, aí eu fui lá e votei na Dilma. Eles são muito militantes, os dois*”. Felipe conta que seu pai briga com os amigos por questões políticas, mas que está menos atuante ultimamente, devido ao fato de estar no meio empresarial: “*Mas ele segue mantendo a posição dele, bem rígido*”. Considera a sua mãe um tanto ferrenha nas postagens em redes sociais, sobre determinadas pautas: “*Agora essa dos professores¹⁰⁶, ela tá lá, mudou a foto de perfil, tá publicando texto, tá compartilhando. Ela faz parte da central sindical da Prefeitura, ela tá em todas as reuniões que eles fazem, ela é bem atuante*”.

Felipe acredita que passou a se afastar de política por ver muitas brigas: “*Eu acho que de tanto ver as pessoas brigando por política, de ver que as pessoas se estressam, acabam perdendo amizade, eu criei um afastamento disso e não me sinto bem nesse ambiente*”. Diz que procura não externar seu posicionamento: “*Se eu estou numa barbearia e o cara é a favor do Lula¹⁰⁷, beleza, Lula Livre. Se eu to numa barbearia e o cara é a favor do Bolsonaro, eu falo: ‘ah, beleza, tranquilo’. Eu não externo. Concordo com a pessoa, deixo a pessoa falar e não quero me embater com as pessoas de frente, que eu não conheço*”.

Considera que teve grande influência dos pais na vida: “*Tu pegas o meu exemplo, o teu exemplo, tu vais ter muito dos teus pais, mais de 50% do que tu és, teu comportamento, tuas ações, tudo é baseado no modo que tu é criado. Pra mim isso é muito real. Eu tenho muito dos meus pais, do jeito, caráter, de tudo, moldado por eles*”, aponta.

6.4.1. Análise

Felipe vem de uma família do interior onde o estudo só aconteceu com base no esforço. Seus avós, embora não tenham tido a oportunidade de estudar muito, acabaram influenciando os filhos a fazê-lo. Através do relato, compreende-se que o

¹⁰⁶Greve dos professores do Estado do Rio Grande do Sul, iniciada em 18 de novembro de 2019, por conta de atraso nos salários

¹⁰⁷Lula (PT) havia sido solto da prisão em 8 de novembro de 2019. Era considerado um dos principais opositores do governo vigente, de Jair Bolsonaro, considerado de extrema direita. O Brasil vivia grande polarização política desde as pré-eleições de 2018.

pagamento de escolas particulares e da universidade para os pais de Felipe não foi nada fácil.

O trabalho também é de grande relevância. Conforme relata, seus avós maternos, por exemplo, só pararam de trabalhar porque não possuíam mais condições físicas, enquanto os paternos trabalhavam na roça até uma determinada idade, depois se tornando funcionário de supermercado e dona de casa.

Essas duas constatações juntas e somadas podem resultar em uma ideia de que o estudo serve, (no mínimo) prioritariamente, para se exercer uma determinada função no espaço de trabalho e, na sequência, converter esses esforços em melhores condições de vida¹⁰⁸.

Podemos considerar que estas ideias, em conjunto com a realidade social vivenciada, podem ter gerado fortes disposições para o trabalho e, além disso, para a conversão desse estudo/trabalho (que também pode ser lido como “esforço”) em melhores condições de vida. Esse conjunto de ideias com vivências foram passados para os pais de Felipe e, por conseguinte, para seu único filho.

Além disso, a influência do pai – e também do tio – é chave para compreender a escolha da profissão, uma vez que o entrevistado já tinha grande contato com o meio da comunicação quando teve que fazer a opção por um curso ou outro, além da grande influência quanto à leitura, pratica ligada fortemente à escrita, a qual é tão presente na vida dos jornalistas.

Quando chegou na universidade, “foi ao que interessava”. Manteve o foco principalmente nas disciplinas práticas e fez uma série de estágios para poder colocar em prática os conhecimentos que aprendera na sala de aula e ampliá-los¹⁰⁹. Isso demonstra fortemente essa sua disposição prática.

Constatamos que o entrevistado não desenvolveu posicionamentos fortes – não possui gênero de filme nem de música preferidos, por exemplo. Além disso, quando questionado sobre política, afirma que hoje em dia é de centro-esquerda, mudança de posicionamento que atribui às vivências da faculdade. Mas aponta que não discute

108Conforme a passagem “*Meus avós, como eles vieram pra buscar uma vida melhor, eles lutaram e conseguiram bancar [a escola particular] tanto pro meu pai como pro meu tio*”.

109Conforme aponta na seguinte passagem: “*Não estava procurando trabalho pra me manter, então eu poderia fazer qualquer coisa ganhando um salário pequeno, mas dentro do jornalismo pra tentar ganhar o máximo de experiência*”.

política e que procura ouvir e concordar. A sua participação da organização da manifestação em 2013, na sua cidade, – que poderia ser visto como algo marcante de um posicionamento político – parece ser um fato isolado. As manifestações ganhavam muita força e divulgação na época e, por isso, acabou fazendo com que Felipe se envolvesse momentaneamente, na tentativa de alcançar demandas pontuais da sua cidade (a questão do passe livre prometida pelo prefeito e não cumprida). Contudo, não parece ter tido influência na criação de uma disposição forte, por exemplo, para a ação coletiva.

Outro ponto a ser levantado é referente à pluralidade das vivências de Felipe: o estudo na escola privada seguido pelo Instituto Federal, a relação com as pessoas de classes mais favorecidas em uma escola e a mudança desse panorama na outra, as produções culturais a qual acessa (ecclético musicalmente, procura acompanhar todos os filmes que são novidades, independente do gênero, lê livros sobre história e gosta de ficção), o curso de Edificações seguido pelo de Jornalismo... Essas socializações podem ter colaborado na geração de um patrimônio de disposições flexível.

Quanto a seus empregos, mostra alguns posicionamentos que podem ser vistos como contraditórios e que nos geram uma série de questionamentos. Assim como trabalha na mídia tradicional, tece uma série de críticas quanto à primeira empresa considerada grande na qual trabalhou e, no entanto, faz elogios à segunda. Isso pode nos levar a algumas interpretações e questionamentos: quando o entrevistado trabalhava na primeira empresa ele tecia críticas a ela? Será que os elogios não são uma forma de ser cauteloso, ou “vestir a camiseta da empresa¹¹⁰”? Ou será que isso só demonstra que, além dos sujeitos, os meios de comunicação também são plurais, mesmo que dentro de um mesmo segmento?

Por fim, constamos em Felipe um sujeito com disposições práticas, que estão vinculadas fortemente à valorização do trabalho (que vem dos avós e dos pais), que vieram sendo fortalecida nas vivências dentro da faculdade (sempre gostou mais das disciplinas práticas) e fora, na procura por estágios desde cedo, a fim de adquirir

110 “Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 327).

experiência. Essa disposição prática em conjunto com o não engajamento político, pode ter resultado em uma não seletividade quanto aos meios de comunicação nos quais trabalha. O ator segue uma atitude mais cautelosa quanto a isso. Afinal, trabalhar é o que importa, independentemente de onde. Isso está relacionado, também, com o fato do ator ser novo no campo jornalístico e estar ainda aprendendo as regras e características dele. Dessa forma, apenas procura seguir as boas práticas que lhe são passadas.

6.5. A soma das peças: semelhanças e diferenças entre os atores

Conforme as histórias vão sendo contadas e começamos a compreender melhor a trajetória de vida dos jornalistas e como elas acabam refletindo seus posicionamentos e visões, vamos notando uma série de questões que parecem consonantes e outras um tanto quanto dissonantes. Apesar de todos os entrevistados terem acabado optando pela mesma graduação – o Jornalismo –, suas histórias de vida e, logo, suas socializações são consideravelmente diferentes.

De início, temos uma jornalista militante: Raquel. Vinda de uma família que, de certa forma, internaliza a desigualdade social no seu interior, acaba percebendo que essa é a realidade mais ampla do Brasil. Descobre no Jornalismo uma forma de tentar fazer mudanças sociais e passa por uma série de experiências que acabam fortalecendo os ideais por trás dessa busca (as mais variadas formas de militância, bem como através da música, filmes, leituras, pessoas, etc) e procura se manter um tanto quanto coerente a isso tudo. Como resultado, encontra um campo profissional difícil para indivíduos com suas características sociais. Acaba tendo que trabalhar em outras atividades (garçonete) para manter coerente e correr atrás de seu propósito através dos textos escritos de forma colaborativa para as mídias alternativas.

Na sequência, vimos a trajetória de Daniel. Jovem com fortes ligações com o campo e as tradições gaúchas, que na hora de escolher um curso de graduação se encontra num dilema entre seguir o coerente e esperado e cursar Veterinária ou adentrar uma profissão que admirava e tinha competências (a escrita) para exercer, o Jornalismo. Ao optar pela segunda opção, e incentivado pelas fortes disposições para o trabalho e pela prática, as quais herdou da família – principalmente do pai – vai em busca de desenvolver o exercício da profissão. Coloca seu foco nas disciplinas práticas

e faz uma série de estágios e trabalhos voltados à prática da profissão para se desenvolver melhor. Em concordância com isso, a política nunca se faz relevante na sua vida. Como resultado, acaba adentrando o campo das mídias tradicionais, com bons frutos, além de acabar se envolvendo com marketing.

Francisco, o mais velho dos jovens entrevistados, é um jornalista que também vivencia as desigualdades sociais e a influência importante do fator econômico ainda na infância – estudou em escola privada e depois pública e, enquanto na primeira era considerado pobre, na segunda era visto como rico. Um fato marcante acaba por modificar a trajetória do ator, que até esse momento se mostrava distante do estudo: a morte do pai. Após isso, ingressa na faculdade e, nela, desenvolve um senso crítico e se vincula com a militância política, através principalmente do movimento estudantil, da atuação em Institutos políticos e na própria profissão. Na tentativa de manter a coerência quanto aos ideais da militância, acaba atuando principalmente na comunicação educativa, comunitária e sindical. Se mantém assim durante muitos anos. No entanto, depois de formar família, conta que inverteu as prioridades: o sustento passa a ser a prioridade, no lugar da ideologia.

Por último, analisamos a trajetória de Felipe, filho e sobrinho de jornalistas, que acaba por ser influenciado pelas vivências referentes a profissão e segue pelo mesmo caminho. Na graduação, acaba também indo atrás de desenvolver suas competências práticas: mantém seu foco nas disciplinas práticas e faz uma série de estágios – inclusive não ou mal remunerados – com a finalidade de se aprimorar nas atribuições da profissão. Apesar dos pais militantes do Partido dos Trabalhadores (“*PT doentes*”, conforme relata) não é atraído por política, vivenciando apenas uma experiência isolada com este teor – as manifestações de 2013. Ao contrário, conta que não se envolve em discussões e que procura apenas ouvir e concordar com as colocações, mesmo que não concorde, porque já presenciou muitas brigas por conta de ideologias. Desenvolver um patrimônio de disposições de “neutralidade”. Adentra o campo da mídia tradicional e, depois de formado, consegue trabalhos em duas das maiores mídias tradicionais do Rio Grande do Sul.

Podemos notar similaridades apenas trazendo esses breves resumos do que foi trabalhado anteriormente. As experiências dos dois jornalistas que não adentraram o

campo da mídia tradicional – Raquel e Francisco –, procurando exercer seu trabalho de outras formas – como nos meios alternativos, comunicação educativa, na sindical, e comunitária – são um tanto semelhantes. Ambas são marcadas por disposições para o conflito, exemplificadas nas brigas com os professores, colegas, família, discussões com colegas de trabalho, etc, e ambos acabam largando o estudo em alguma fase, um no estudo básico e outro no médio. Além disso – sendo possivelmente relacionado a esse fato – desenvolvem disposições militantes. Passam por uma série de vivências relativas à militância política de esquerda, sendo o Movimento Estudantil semelhante aos dois, bem como o envolvimento com o mesmo instituto político. Ambos acabam desenvolvendo as disposições críticas nas suas vivências relacionada à educação: um no ensino médio e outro na graduação. É interessante apontar, ainda, que ambos os entrevistados foram para o mestrado em Comunicação após finalizar a graduação – um deles tendo feito, ainda, doutorado, e a outra considerando essa possibilidade. As ideias que cultivam são de grande importância na vida dos dois, e procuram manter uma certa coerência ideológica em suas práticas (nas leituras, por exemplo, citam uma série de autores críticos e/ou biografias de símbolos da resistência política). No entanto, no caso de Francisco, o contexto atual, nascimento do filho e formação de família, fez com que o sustento econômico seja uma prioridade. Esse marco pode abrir caminho para outras opções profissionais, uma vez que a ideologia pessoal, apesar de importante, perde um pouco o peso.

A trajetória dos dois membros da mídia tradicional é marcada por um grande ponto em comum: o peso da disposição prática. Em ambos essa característica está vinculada ao contexto originário familiar – no caso de Daniel do pai, e no de Felipe os avós, principalmente. Daniel demonstra essa disposição desde o ensino médio, quando cursava Técnico em Agropecuária e depois continua fortalecendo essa característica nas disciplinas que manteve um maior foco na graduação e nos estágios e trabalhos por onde acabou passando. Felipe também relata a importância das disciplinas com o mesmo teor e conta a busca por estágios desde o começo da graduação. Ambos não desenvolveram disposições políticas. Embora Daniel tenha se envolvido de certa forma com a política estudantil (eleição de CA), o fez apenas para influenciar a participação dos alunos no processo, sem maiores consequências ativistas. Felipe só menciona as

manifestações de 2013 no que se refere à prática política. No entanto, situações isoladas não podem ser consideradas disposições. Outra similaridade é o gosto plural quanto a músicas e filmes. Um conta já ter ‘zerado’ o catálogo da Netflix e o outro cita desde filmes de super-heróis até outras produções que o marcaram. Um conta que escuta de música de todos os gêneros (menos gospel) e o outro conta que acaba escutando mais o que toca na rádio onde trabalha (pop, rock e MPB), além de músicas nativistas gaúchas, nacionais e em espanhol.

É interessante salientar, ainda, que todos os entrevistados têm algumas características em comum: O gosto, no colégio, por disciplinas de História e Geografia, matérias que tratam, entre outras coisas, de processos sociais. Dentro do espectro político, todos dizem se encontrar mais à esquerda (alguns centro-esquerda e outros entre o comunismo e o anarquismo). Além disso, todos relatam o envolvimento em maior ou menor grau com a leitura e/ou escrita. Entre os membros e não membros da mídia tradicional também podemos salientar semelhanças: Raquel e Daniel vem de famílias com baixo capital cultural, no que se refere ao estudo formal, e de menores condições financeiras. Francisco e Felipe, pelo contrário, possuem um maior capital cultural entre os pais: os pais do primeiro possuíam curso técnico e os do segundo graduação. Entre todos, só Felipe, é filho único.

Terminada, a parte empírica do trabalho, passamos às considerações finais, em que relacionaremos os diferentes tópicos abordados nesta dissertação.

Tabela 3 - Tabela disposicional e de carreira dos entrevistados:

Entrevistado:	Disposições constatadas:	Empregos no jornalismo:
Raquel	Disposição para o conflito; Disposição para a contestação; Disposição para a militância política de esquerda.	Mídia alternativa; Comunicação Sindical; Rádio Comunitária; Projeto Universitário;
Daniel	Disposição prática;	Mídias sociais (Assessoria de Comunicação); TV; Rádio; Marketing.
Francisco	Disposição para o conflito; Disposição para a militância política de esquerda.	Rádio comunitária; Projeto comunitário; Assessoria de Imprensa (Educação e Sindical); Rádio (Educação)

		Professor universitário (Jornalismo)
Felipe	Disposição prática;	Operação de switch (TV); Assessoria de imprensa (escritório de advocacia); Rádio; Projeto Universitário; TV.

7. Considerações finais

O jornalismo gaúcho, assim com o brasileiro em geral, foi se reformulando com o tempo e passando por vários momentos. As evoluções tecnológicas e informacionais, provindas do desenvolvimento desse ramo, embora chamem atenção, são só uma parte desse processo de mudanças. Junto com tecnologias que permitem a impressão de uma quantidade muito maior de jornais do que no passado, de câmeras que deixam a imagem mais nítida, ou de computadores mais avançados e da internet, vários processos sociais foram ocorrendo, que influenciaram, talvez até mais profundamente, o fazer jornalístico.

Conforme abordamos nesta dissertação, passamos de um jornalismo opinativo, baseado no modelo francês, a um jornalismo que toma como principal base uma certa pretensão de “neutralidade”, conforme pregado pelo jornalismo norte-americano. Essa forma de fazer jornalismo, a qual afirma trazer todos os lados da notícia, ganha espaço em campanhas de marketing de jornais até hoje. Passamos, em sua maioria, de um jornalismo que era visto como forma de atuação política para outro que é apresentado apenas como um “produto” e que, como tal, precisa ser vendido. Mudamos, em princípio, de um jornal que tinha como interesse o político para outro que é interessado no lucro. A partir disso, são criadas uma série de técnicas de venda, entre elas a apelação ao sensacionalismo, a um determinado formato de texto, a um horário de circulação, além das técnicas de lucro, como a adesão à lógica de anúncios, a publicação de pautas pagas, entre outras. Contudo, apesar dessas mudanças no cenário midiático, isso não significa, como foi visto nesta dissertação, que os jornais não difundam também uma forma dominante de ver o mundo.

Visões de mundo e interesses são parte fundamental do espaço social do jornalismo. São elas, em boa medida, que fazem com que o jornalismo adquira várias das características que problematizamos aqui, como às influências entre os campos, a disputa entre dominantes e dominados, os oligopólios de mídia e a falta de isenção. Um olhar mais atento deixa nítido que por trás de cada jornal, bem como por trás de cada pessoa que faz parte do espaço social do jornalismo, existem posições, interesses e estruturas simbólicas. Os indivíduos passam por uma série de experiências socializadoras ao longo de sua vida e, através delas, criam disposições para ver, agir e sentir de determinada forma, além de serem influenciados pelos contextos sociais dos quais participam, conforme aponta Bernard Lahire. Nesse sentido, percepções, avaliações, visões de mundo e interesses são frutos desse processo.

O conceito de hegemonia também nos parece central para compreender esse processo. E aqui hegemonia ganha a conceituação trazida por Antônio Gramsci, para explicar o domínio cultural de uma classe sobre as outras. A grande maioria dos meios de comunicação apresenta apenas uma “visão de mundo” e tem os seus interesses pautados por uma mesma ideologia (a neoliberal). A mídia, dessa forma, se torna pouco representativa para um país de grande diversidade cultural. Essa situação se vê aprofundada pelas características que a grande mídia acaba adquirindo, como a tentativa de se mostrar “neutral” no seu posicionamento político ou a de se configurar como oligopólio e, assim, ter as ideias de um mesmo empresário ou grupo empresarial transmitidas por diversos meios, muitas vezes em diversas cidades – ou, até mesmo, estados.

A construção de um espaço social que neutraliza a multiplicidade de olhares da mídia tem consequências, também, sobre os profissionais da área. Os jornalistas também são fruto de diferentes processos de socialização, podendo vir a desenvolver formas de ser, agir ou sentir concordantes (ou não) com as da mídia tradicional – ou com as dos empresários que são proprietários dessas mídias tradicionais –, que acaba sendo a que mais emprega. Conforme pudemos observar na pesquisa realizada nesta dissertação, entre os quatro jornalistas entrevistados, todos tinham socializações distintas, apesar de ter alguns pontos em comum – os quais foram determinantes em sua forma de perceber a mídia tradicional ou outros meios.

Dois dos entrevistados (Daniel e Felipe) acabaram criando disposições práticas da profissão, fruto da grande valorização familiar do trabalho, além de um baixo envolvimento político. Os demais (Raquel e Francisco) acabaram desenvolvendo e reforçando ao longo do tempo disposições militantes, de contestação e de conflito, por meio das suas experiências na escola, na faculdade e em outros espaços. O caminho trilhado dentro da universidade teve influência decisiva neste processo. Foi nele que se deram, nos dois primeiros casos, as experiências que guiaram os profissionais para suas respectivas áreas (o telejornalismo e o rádiojornalismo) através dos projetos de ensino e extensão. No que se refere aos outros dois entrevistados, foi na universidade que se ocorreu ou se aprofundou o contato com a militância política – Raquel e Francisco citam o envolvimento com a política estudantil, por exemplo. No entanto, fatores anteriores, referentes à socialização particular de cada um dos atores acabaram guiando esses caminhos. O gosto por disciplinas práticas, demonstrada pelos dois membros da grande mídia norteou suas opções, enquanto apenas a disciplina referente à escrita é mencionada por Francisco e Raquel. Enquanto os primeiros conseguiram ingressar na mídia tradicional, os outros dois atuam em outros meios, como assessoria de comunicação, docência, comunicação comunitária, mídias alternativas, entre outros.

Esse quadro pode ser compreendido como efeito, em parte, da concordância entre as disposições criadas, ao longo de sua vida, por esses jornalistas e as exigidas pelo campo jornalístico dominante. Ao mesmo tempo que os dois últimos não se enquadram dentro da lógica hegemônica dominante nos jornais tradicionais e, por isso, procuram não ter envolvimento de trabalho com essa mídia, os jornais também não procuram profissionais que não estejam de acordo com sua visão de mundo e interesses, ou que, pelo menos, não tenham disposições questionadoras dessa lógica – o que podemos considerar que é o caso dos dois primeiros jornalistas citados.

Por conta da hegemonia existente – bem como devido aos oligopólios –, quem não se adéqua às lógicas dos meios de comunicação dominantes têm poucas possibilidades de se inserir no campo jornalístico. Por sua vez, aqueles meios que ocupam o polo dominado do campo, oferecem poucas vagas de emprego. Essa situação acaba levando muitos jornalistas a saírem do campo jornalístico (atuando em assessorias de comunicação ou em outras profissões) ou então desenvolverem outras

atividades como Raquel, que trabalha de garçonne para poder se sustentar economicamente e, nas horas vagas, produz colaborativamente para meios de comunicação que vão ao encontro de sua visão de mundo. Outro meio encontrado por esses profissionais, o que é o caso de Raquel e de Francisco, é o acadêmico. Através dele, podem se manter no campo, como docentes de cursos de jornalismo, e, assim, atuar de acordo com suas visões de mundo e procurar exercer o impacto social que buscavam com a profissão.

Os quadros teóricos, os quais trouxemos como forma de lente para enxergar o social, foram de suma importância no processo de pesquisa. A teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, nos ajudou a compreender que o campo jornalístico, muito mais do que uma coisa só, unificada, é um espaço simbólico de lutas. Assim como existem forças hegemônicas que possuem um determinado viés e atuam de uma determinada forma (as mídias tradicionais), existem outras (as alternativas), que por mais que sejam a minoria, enxergam o jornalismo de uma forma diferente e lutam por produzir modificações nesse espaço social. Existe, no entanto, uma certa dificuldade das mídias alternativas em ter influência no espaço social mais amplo, uma vez que este último sofre a influência de uma série de outros campos (como o político e o econômico) que pretendem utilizá-lo como uma arma estratégica. Essas influências, no entanto, são facas de dois gumes. Apontamos isso porque, assim como podem fazer retroceder o contexto midiático, tornando-o mais fechado, podem tomar medidas que o tornem mais plural. Uma possibilidade para modificação desse panorama é a democratização da mídia, por exemplo, que já foi trazida como pauta de governos passados, porém sem ser executado. No entanto, o cenário atual tem indicado um certo retrocesso. Jornalistas são diariamente agredidos verbal e fisicamente¹¹¹ pelo atual Presidente da República e seus apoiadores. A concessão da Rede Globo de Televisão é continuamente colocada sob ameaças¹¹² por Jair Bolsonaro, devido ao fato de esta empresa exercer oposição, em certa forma, aos seus posicionamentos. Oposição esta plenamente compreensível e saudável, uma vez que o sistema político brasileiro ainda

111Ver “Manifestantes pró-Bolsonaro agredem e ameaçam jornalistas em ato no Planalto. ZH” nas referências.

112Ver “Bolsonaro ameaça não renovar concessão da Rede Globo: “Vai ter dificuldade”. ISTOÉ” nas referências.

é o democrático representativo. Contudo, como o campo político também está frequentemente em disputa, o cenário pode ser modificado a qualquer momento.

A teoria do ator plural, de Bernard Lahire, nos ajudou a melhor compreender as disposições dos sujeitos. Mostra o impacto das experiências sociais e como essas vão moldando os atores sociais, bem como a importância dos contextos nas tomadas de decisão. Nesta dissertação, nos ajuda a compreender porque, em alguns casos, existe uma adesão ou um questionamento às mídias tradicionais, e quais as disposições criadas socialmente que se tornam mais relevantes nesse processo. Não podemos indicar que todos os sujeitos que apresentam disposições para a prática sempre trabalharão em veículos da mídia tradicional. Menos ainda que atores com disposições para a militância nunca trabalharão nas mídias tradicionais e sim apenas nos meios de comunicação alternativos, ou em sindicatos, meios de comunicação comunitários, academia, entre outros. Detectamos apenas que existe uma associação entre essas dimensões de análise. No entanto, existem uma série de outras disposições particulares de cada sujeito bem como contextos específicos os quais acabarão por influenciar as tomadas de decisão.

Em pesquisas futuras, pretendemos voltar a abordar o tema aqui proposto, no entanto, fazendo algumas distinções analíticas. Trabalharemos ou apenas com jornalistas que se encontram trabalhando em mídias tradicionais ou com jornalistas de mídias alternativas, para melhor compreender se existem e como se configuram as variedades disposicionais dentro desses subespaços sociais. O campo do jornalismo, pelo fato de exercer grande influência social e, devido a isso, ser visto como campo estratégico para a manutenção ou para a mudança social por outros campos, precisa continuar sendo estudado.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **A modernidade da imprensa**, (1970-2000). Rio de Janeiro: 2002.

APESAR de expansão, acesso à internet no Brasil ainda é baixo. **EXAME**. 29 jan 2018. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>>. Acesso em 07 de jun de 2019.

BIONDI, Antônio; CHARÃO, Cristina. Terra de Gigantes. **Mídia(s) no Brasil**. São Paulo. N. 42. P. 6 – 9. Jan. 2008. Disponível em <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/42/rev42.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2018.

BOLSONARO ameaça não renovar concessão da Rede Globo: “Vai ter dificuldade”. **ISTOÉ**. 29 out 2019. Disponível em <<https://istoe.com.br/bolsonaro-ameaca-nao-renovar-concessao-da-rede-globo-vai-ter-dificuldade/>>. Acesso em 13 fev 2020.

BORDIEU, Pierre. **Intelectuales, política, poder**. Buenos Aires: Eudeba, 2007^a

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: críticas sociais do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007b

BOURDIEU, Pierre. O campo político. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**. Nº 5, Jan./July, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, São Paulo. Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Una invitación a la sociología reflexiva** / Pierre Bourdieu u Luïc Wacquant. 2^a ed, Buenos Aires : Siglo XXI Editores, 2008.

BULHÕES, J.; RENAULT, D. A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade de vida do jornalista. In: **Parágrafo**, v.4, n.2, 2016, p. 166-174.

CHAMPAGNE, Patrick. A ruptura com as pré-construções espontâneas ou eruditas. In: CHAMPAGNE, Patrick, LENOIR, Remi, MERLLIÉ, Dominique e PINTO, Louis. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CIDADES brasileiras registram atos em defesa da educação. **G1**, Educação. 30 maio 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/30/cidades-brasileiras-registram-atos-em-defesa-da-educacao.ghtml> >. Acesso em 07 de jun de 2019.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo:Boitempo, 2016.

FACCIN, Milton Julio. Zero Hora, a voz que une os gaúchos. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**, [s. l.], 2009.

FERREIRA, Giovandro Marcus (2002). **Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico.** Pauta Geral, Salvador, ano 9, n.4, p. 243-258.

FERREIRA, Jairo. Mídia, jornalismo e sociedade: a herança normalizada de Bourdieu. In: **Revista Acadêmica Semestral. Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina. Sociologia do Jornalismo: As várias perspectivas que marcam as teorias da notícia a partir do estudo da sociedade.** Florianópolis, Santa Catarina. Editora Insular. 2005.

GOULART, Alexander. A mais polêmica edição do Jornal Nacional. **Observatório da Imprensa.** 19 fev 2008. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/a-mais-polemica-edicao-do-jornal-nacional/>> acesso em 04 mai 2019.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica: Alternativas de mudança.** 60. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia e Democracia.** 5ª ed. Porto Alegre: P.G / O.B, 2009.

HOHLFELDT, Antônio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** São Paulo: EDUSC, 2001.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável.** São Paulo – SP: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **L'interprétation sociologique des rêves.** Paris: La Découverte , 2018.

LANGBECKER, Andrea. **Campo jornalísticos: reflexões para a saúde coletiva.** XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de laComunicación. Lima, Peru. 2014.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica.** São Paulo: Paulus, 2013.

MACHADO, Márcia Benetti; MOREIRA, Fabiane. Jornalismo e informação de interesse público. In: **Revista Famecos.** Porto Alegre: PUC/RS, número 27, p. 117-124, ago. 2005. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3328/2586>>. Acesso em 30 nov 2018.

MAINENTI, Geraldo Márcio Peres. O jornalismo como quarto poder: a liberdade de imprensa e a proteção aos direitos da personalidade. In: **Revista ALCEU.** Rio de Janeiro, v. 14 - n.28 - p. 47 a 61 - jan./jun. 2014. Disponível em <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%2047-61.pdf>>. Acesso em 30 nov 2018.

MANIFESTANTES pró-Bolsonaro agridem e ameaçam jornalistas em ato no Planalto. **ZH.** 03 maio 2020. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/05/manifestantes-pro-bolsonaro-agridem-e-ameacam-jornalistas-em-ato-no-planalto-ck9rbqvp400qw01o8xqldg065.html>>. Acesso em 14 maio 2020.

MATOS, Auxiliadora Aparecida de. Fundamentos da Teoria Piagetiana: Esboço de Um Modelo In: **Revista Ciências Humanas,** Unitau, Volume 1, número 1, 2008

MELO, Patricia Bandeira de. Campo e habitus na produção jornalística: o lugar de fala como determinante da agenda. **Estudos de Sociologia,** Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Recife, Pernambuco. 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235409>>. Acesso em 03 out 2018.

MONTAGNER, Miguel Ângelo e MONTAGNER, Maria Inez. **Como se tornar um intelectual da saúde: a ilusão necessária e seus tormentos. Saúde e Sociedade.** 2016, v. 25, n. 4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902016172319>>. Acesso em 03 out 2018.

NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NOSSAS marcas. **Grupo RBS.** S.d. Disponível em <<http://www.gruporbs.com.br/areas-de-atuacao/>>. Acesso em 29 out 2019.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. **O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 – 356, set./dez. 2015.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O jornalismo como profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul.** Tese

(Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. **Agência de Notícias IBGE**. 20 dez 2018. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em 07 de jun de 2019.

PRINCÍPIOS editoriais do Grupo Globo – Seção II – item 5. **G1**. S.d. Disponível em <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em 08 de jun de 2019.

ROMANCINI, Richard, LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. O proletariado gaúcho e a Revolução Federalista. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v.XVII, n.1, p.37-46, 1991.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Educação**, N°20, 2002, p. 60-70

STF decide que diploma de jornalismo não é obrigatório para o exercício da profissão. **UOL Notícias**, São Paulo. 17 jun 2009. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/06/17/ult5772u4370.jhtm> >. Acesso em 27 out 2019.

SUPREMO decide que é inconstitucional a exigência de diploma para o exercício do jornalismo. **Notícias STF**. Supremo Tribunal Federal. 17 de jun 2009. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717> >. Acesso em 06 de jun de 2019.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

WACQUANT, Luïc. Esclarecer o habitus. In: **Educação & Linguagem**, ano 10, nº 16, 2007, p. 63-71.